3 1761 07045828 6

O DESERTO

Composto e impresso na imprensa
de Manuel Lucas Torres
R. do Diario de Noticias, 51 a 61

Do Autor

POESIA

Imperiosa Verdade, esg.
Sentido de Viver, esg.

CRÓNICAS

Na Linha de Fogo, jornal dum subversivo

NOVELAS

Na colecção Novela Vermelha
edição de A Batalha

A Expiação, Maio de 1921, esg.
Poder Redentor, Maio de 1922, esg.

ROMANCES

Trilogia social

I — *A Catedral*, 3.ª edição.
II — *O Deserto*, 2.ª edição.
III — *Ressurreição* (em

MANUEL RIBEIRO

O DESERTO

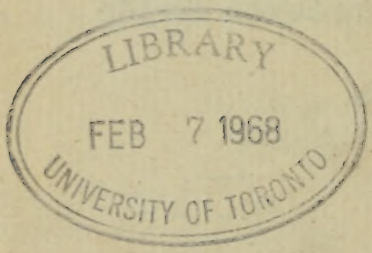
SEGUNDA EDIÇÃO

5.º MILHAR

A M S

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

PQ
9261
R52D4
19--



O DESERTO

I

A carta que Luciano acabára de ler e que recebera, havia momentos, de padre Anselmo em vésperas de profissão solene num mosteiro de Castela-a-Velha, fôra como um vento de tempestade que exacerbára a angustiosa crise das suas incertezas e lhe fizera trasbordar o vaso cheio das suas perplexidades e hesitações. Nunca os dois amigos, que à porta da Sé de Lisboa o destino lançára em tão desencontradas vias, tinham deixado de corresponder-se, estimar-se, e de permutar os seus estados de alma; padre Anselmo cada vez mais alto e distanciado no auroreal deslumbramento dum novo centro da gravitação; Luciano depois dum curto e rápido apogeu, declinando a pouco e pouco para a terra, pois da terra era o seu sonho.

Alguns anos tinham decorrido desde que Luciano trocára as pedras firmes da Catedral pela volubilidade das almas humanas. A ideal Chanaan vislumbrada das

profundidades sombrias da basílica como uma radiosa estrêla d'oiro, empalidecera cá fóra no ar abrazado dos ódios e rancores e quasi se sumira por fim como miragem incerta na noite cerrada dos desvarios. Mas até lá por que vias dolorosas não se arrastára, em que desolados hortos não agonisára, empolgado por uma fé sobrenatural, arrebatado por um vento de apocalipse como o que vergára outróra as almas em Israel! Fôra no ardor febril da iniciação um desprêzo completo de si, o dom inteiro da personalidade, como se mais nada houvéra fóra daquêle ideal — feliz por ter achado o sentido da vida e entrevisto a possibilidade duma melhor existência expurgada de êrros, de crimes e de vícios.

E Luciano evocava os vôos culminantes de epopeia, s sacrifícios e abnegações sublimes, os arrebatamenotos fervorosos, as lúbricas solicitações do martírio todo êsse messianismo de evangelho e de lenda a que se déra de corpo e alma, com a espada flamejante do seu entusiasmo brandida em ímpetos de sagrada ira. Havia nêle o que quer que era em fogo, em lava, em plasma ardente que se colava ás fórmulas, que vestia d'oiro as teorisações, que exaltava e punha em pé as ideologias que ficavam para êle afirmativas e puras como décalogos comungados em abrazados Sinais!

Mas um pouco de desilusão viera um dia... As bôas sementes ou não frutificavam ou frutificavam mal. Ai dêle, as almas d'agora não eram o humus férti duma calma e lenta sedimentação, mas a terra seca

e revolvida por séculos e séculos de negações, de scepticismos e de dúvidas. E a dúvida começára também a gelar-lhe os entusiasmos. A guerra não concorrera menos para essa crise de desalento e de descrenças. No fim de vinte séculos de Evangelho e de civilisação cristã os homens continuavam da mesma forma egoistas, bárbaros e crueis com o potência da sua ferocidade instintiva multiplicada pela perversidade do seu engenho. O coração humano não se sensiblizava na mesma progressão em que a inteligência se desenvolvia. Valia então a pena viver ?

Mas era moço, tinha sangue, tinha nervos, tinha vida. Que fazer ?

Enredar-se capitosamente na teia d'oiro dos prazeres frívolos ? Encasular-se numa paixão egoista ? Corporizar e cinzelar algumas dessas ternas e caras abstrações em que o deixava o sulco duma visão de mulher ? O coração batia-lhe ás vezes impacientemente em solicitações e apêlos que não creavam nunca alento e se extinguiam diluidos na branca misticidade do seu apostolado. Um pouco feliz amor tornára-se scéptico. O amor ? Quem é que estava preparado para êle ? Ia-se para o amor — aquêles que iam sinceramente ! — com um precário, com um bem pobre pecúlio de ternura incapaz de provêr a uma afeição perdurável. Não se extraía da substância de ser toda a emoção de que êle era capaz. Vivia-se pouco e sobretudo mal. Quantas riquezas sentimentais não havia incultas e inexploradas em nós ? O coração era uma especie de léxicon emotivo onde se atrofiavam

e morriam pelo desuso tesoiros riquíssimos da expressão sentimental. O amor tornava-se assim uma corriqueira e banal linguágem que o enfastiava, quando não descia a um calão obsceno que o ofendia.

Mas, que fazer ? Regressar ao passado e dessedentar-se nos antigas fontes da religião e da crença ? E onde encontrar as almas que o amparassem no caminho ? Onde encontrar o calor que lhe fizesse florir a fé ? O seu espírito era daquêles que não se contentavam com a aspersão ligeira da agua benta da devoção. Ele havia de mergulhar inteiramente nas profundidades da fé e dar-se sem reservas a uma crença.

Mais do que nunca a Igreja parecia exausta, sem sucos e incapaz de saciar a sêde ardente de idealismo dos que se voltavam para ela e lhe estendiam os braços. O materialismo do século corrompera tudo e nada escapára aos germens da dúvida. Morrera então definitivamente a fé ? E se vivia onde é que ela se abrigava agora ?

A carta de padre Anselmo perturbára-o, confundira-o. E' certo que a vida monástica parecia ressurgir aqui e ali com a pureza e o fervor antigos. Mas êle sabia bem que embora fôsse o móbil religioso que congregasse á sombra da cruz e dentro de uma Regra muitas creaturas de sincera fé, o claustro era hoje mais refúgio de vencidos da vida do que campo de concentração duma milícia activa. As revelações de padre Anselmo não eram novidades para êle; mas, tivera-as sempre por visualidades cândidas dum de-

sádaptado. Havia fraqueza e egoismo na renúncia ascética. A voluptuosidade mística do claustro era a revindita da impotência de amar e sentir a vida.

Mas esta carta do ex-padre cantor da Sé, duma tal veemencia que êle não lhe conhecera nunca, desconcertou-o e fel-o reflectir. Um claustro não era então como êle supunha ?

E poz-se a ler mais uma vez a carta.

†

STAD CRUX DUM VOLVITUR
ORBIS

Cartuxa de Miraflôres — Burgos

Com esta carta, a última sem dúvida que poderei escrever-lhe, vai o meu adeus de despedida para si, para o mundo e para as cousas dêle de que me ficam máguas e que são aquelas, bem poucas cousas, que na nossa terra amámos juntos. O cabo dos meus cinco longos anos de espectativa e de prova está emfim dobrado. Aos votos simples, iniciais, que pronunciei há quatro anos, depois dum primeiro ano de noviciado, lembra-se ? segue-se agora a profissão final que vou fazer em setembro próximo, de votos solenes e irrevogáveis que me ligam definitivamente á minha ordem e para todo o sempre ao claustro. Depois, meu amigo, é a separação irremediável, é a quebra de

todos os laços, aliás bem débeis já, que me prendem ainda ao século; é emfim o meu contrato de núpcias com essa noiva que me espera alêm, e em cujo seio irei dormir um dia á sombra duma tôsca cruz, sem inscrição que reze quem é que repousa ali.

Pois que nenhum acto se admite lá fóra que não seja determinado por solicitações egoistas, hade supôr tambêm, hade crer decerto que, procedendo assim, é a minha felicidade, é o meu prazer pessoal que busco. Não ha maior engano ! Funesto engano que não deixa ver a missão real do monge. Felicidade, eis uma cousa que não tem sentido aqui. No claustro o móbil da existência não é, como no mundo, dar plena satisfação a todas as exigentes postulações da vida. Se a felicidade, como ela se concebe aí, é uma especie de saturação a que se chega por um máximo de sensibilisação de ser expresso num máximo de apropriação de coisas, em clausura, que quer dizer renúncia, privação, desapêgo a tudo, não se é jàmais movido por sensualidades ávidas e nem se tem, portanto, em mira a felicidade em si. Pouco importa pois a um monge que haja ou não haja felicidade, que haja ou não bem estar. Sem dúvida, pode advir-lhe do seu ministério bem cumprido um estado de satisfação moral e de consciência repousada que lhe dê d'alguma sorte a impressão da felicidade, isso

porêm, não é senão uma consequência, jàmais um fim.

Ah, meu amigo, que piedade eu sinto por si e por todos quantos nos consideram loucos porque tivemos um dia a coragem de renunciarmos ás ilusões do mundo e de nos separarmos totalmente dêle. Esses que por aí se torturam a decifrar o porquê da vida e se desesperam a procurar quiméricas panaceias em convulsões sangrentas, êsses deviam vir aqui ver como algumas dúzias de homens que nada teem, que nada esperam e nada querem da terra senão os dois minguados palmos de chão para louvarem em vida a Deus e descansarem depois na morte, realisam em plena comunhão de espíritos a sociedade ideal da paz, da fraternidade e do amor. Ah, que se êles aqui entrassem!

Perco-me porem a divagar, esquecido de que esta carta tem acima de tudo um intuito especial que o visa e que vai decerto surpreendel-o. Não quere saber que ideia me ocorreu depois das suas últimas e desoladoras confidências? Imagine: Chamal-o aqui, nem mais nem menos. Sim, trazel-o aqui ao nosso seio. Não por mim que não valho o sacrifício duma dedicação, embora me fizesse bem o seu abraço de despedida, mas por si, pela sua alma que sofre, pelo seu pobre espírito que está enfermo. E' preciso vir. E' forçoso que venha.

Não vai deixar morrer assim a alma ao desamparo. Ha desprendimentos que são suicídios. Não pode subtrair-se á nossa caridade, esquivar-se á nossa solicitude. Não tem o direito de opôr-se a desígnios que procedem talvez do alto. Venha. Venha alguns dias só. Um claustro não é, como vulgarmente se crê, um reduto de intransigências e de repulsas, mas um gólgota de expiação e de reparação. Cidadela de piedade, jàmais bastilha de ressentimentos. Crê por ventura que se desprezam aqui os que erram, que se odeiam aqui os que se pervertem? Não há para nós maus homens, há irmãos nossos vítimas das maquinações do inferno. Cada alma fóra da comunhão de Deus é alma em risco de perdição eterna. Por isso invocamos constantemente Deus. Implorar, eis para nós — tudo. Um monge é uma voz em suplicação permanente. O claustro é o côro destas suplicações permanentes. Sacrificio heroico, imolação sublime de que não se tem lá fôra a menor noção.

Venha pois. O senhor que andou ilusoriamente a sonhar não sei que ordem nova, que sociedade feita de retaliações e revinditas, verificará aqui a eficácia da renúncia na formação do carácter; a coesão que dá a uma comunidade a observância estrita da lei moral; e que toda a reformação possível numa sociedade consiste em acertar pelo meridiano desta

lei moral — que o mesmo é trazer á obediência divina — as aberrações ousadas da liberdade humana que perturbam o ritmo da Verdade eterna.

O seu êrro, amigo, o êrro de todo o utopista, deixe-me dizer-lh'o ainda uma vez, é supor que o mal vem mais de fóra que de dentro, que êle resulta mais da forma da organisação do que da substância do organisado. O seu êrro é crer numa sociedade amplificação abstracta do imdivíduo; é crer que as classes sociais podem dissociar-se e dissolver-se no conjunto global humano. Ora a verdade, a grande verdade, que o senhor não vê talvez ainda, é que o agregados sociais regem-se tambêm por afinidades indestrutíveis e que é tão absurdo crer na extinção das classes como na desagregação molecular dos corpos. A sua concepção socialista da humanidade futura é tão inverosímil e insensata como a duma matéria uniforme e plásmica não condensada em corpos. Perdõe-me, amigo meu, este vário discorrer tão pouco próprio dum claustro; foi pecha que me ficou do convívio com o seu espírito especulativo e inquieto. Pense pois a sério na sua vinda aqui. O seu estado requer sobretudo paz. Venha, descance aqui um pouco. Talvez se reanime no calor das nossas crenças e se retempere ao contacto da nossa fé. A sua vida é um barco sem rumo. Venha orientar-

se nestas alturas, mais perto do céu e das estrêlas. Não somos nós a *Porta-Coeli?* Venha, venha a este Deserto remir um pouco as culpas que não são só suas, mas de nós todos. Suba a este Calvário, que por muito pesada que seja a cruz dos seus pecados hade encontrar aqui compassivos Cireneus que piedosamente o aliviarão. Venha.

Fr. Bruno.

Cela Z — 15 de Agosto. 1921 — Na festa da Assunção de Nossa Senhora.

Com diferença de alguns dias de data fôra acrescentado a esta carta o post-scriptum seguinte:

P. S. Obtiveram-se já as necessárias licenças eclesiásticas para a sua estada aqui, que foi fixada em oito dias. A caminho, pois. Não se perturbe; não hesite. Os monges são hospitaleiros e tolerantes. Sentil-os-há muito; vel-os-há pouco; não lhes falará nunca. Não tema portanto incursões indiscretas na sua alma. Aqui pouco se fala ou nada. Somos uma ordem de comtemplativos. O silêncio é a base da nossa regra. Espero-o.

Fr. Bruno.

Era então certo? pensava Luciano. Era possível uma comunidade d'almas, uma sociedade de homens livres marchando de mãos dadas e de olhos fitos na mesma esperança sem se degladiarem, sem se despe-

daçaram em insensatas e cruentas pugnas? Que homens eram então êsses ou que fé os empolgava? Que é que fazia subjugar e jungir no mesmo dócil jugo os individualismos irreconciliáveis de tantas creaturas díspares? Se grande fôra a sua surpreza, não menor impressão lhe causára a torrente de caridade que fluía do coração do monge e inundava enternecidamente a sua carta de ponta a ponta. Acabava de ter inveja do estado de graça em que vivia aquêle homem e d'aquêle convento onde eram possíveis estas maravilhosas coisas.

Pela primeira vez Luciano considerava muito sériamente essa estranha creatura, esse bizarro padre Anselmo que tivéra sempre por um ingénuo e dôce sonhador, sem nunca ter tomado o fôlego forte á vida. O alucinado da música, o obcecado do claustro começava a parecer-lhe rasoável. Estimára-o pela sua bondade, pelo afecto muito terno que lhe mostrára sempre ao ocupar-se das suas desditas e o desejo bem sincero de o ver aliviado e feliz. Presentemenie fr. Bruno infundia-lhe respeito. A vida desse homem era a mais alta espiritualidade unida á mais cândida simplicidade. Era o santo que no deserto expiava os pecados do mundo; a fonte límpida manando da solidão do êrmo.

Reconhecia-o agora. Por muito alheado que o claustro o tornasse e por muito orgulho que lhe désse o sólido arreigamento da sua crença, padre Anselmo não era o insociável frei encasulado no seu labor de crisálida a crear asas para subir ao céu; mas, intér-

prete fiel do espírito da religião, resava por todos, sofria por todos, e dêle se lembrava nos seus ardentes e piedosos apêlos. E Luciano comovia-se agora daquela solicitação obscura que lá longe intercedia por êle. Num ponto longínquo da terra o seu nome era bolouçado no hálito puro duns labios de santo, levado ao céu em vagas de salmos, de preces e rogações, e um corpo se torturava e se oferecia em holocausto aos seus pecados. E aquilo fundia-o numa tal ternura pelo amigo ausente que os olhos se lhe humedeciam com saudades de o ver, de o abraçar, de lhe pôr a alma aos pés.

Foi sob a impressão comovida das suas evocações e da sua tristeza que Luciano se resolveu de chofre. Iria. Quando mais não fôsse para anular-se, sumir-se e deixar-se absorver no maravilhoso desconhecido que era para êle esse mosteiro encantado, perdido numa longínqua cidade do norte de Espanha e onde havia uma Catedral tão linda. E aquela decisão, pronta e expedita, tomada um pouco aventureiramente, tirou-o da sua prostração, deu-lhe mesmo uma certa vivacidade não isenta de alegria.

— Faço de conta que morri e reincarno com outros hábitos e outras ideias num outro ponto do planeta. Não resta dúvida de que vou privar com santos; padre Anselmo, tão exigente e que há cinco anos está entre êles, é mais que suficiente garantia. Quanto a confortos, se não vou lá ter grandes comodidades, não me faltarão comtudo dedicações, solicitudes e disvelos d'ordem moral que na situação em que me

encontro, é afinal do que mais preciso. A não ser que a Regra seja em extremo rigorosa e que eu não tenha forças para a suportar. E é o que pode muito bem acontecer. Esses contemplativos são zelosos observantes dos prescrições antigas e não toleram reformas nem mitigações. Confesso que, a ter de viver com monges, preferia os beneditinos ; a sua Regra está muito suavisada e com êles teria ao menos certas afinidades, porque são artistas. Mas não se me dava também de conhecer um pouco a observância primitiva em toda a sua austeridade.

Quando Luciano, saindo do campo das divagações, quiz pôr em prática o seu desígnio, faltaram-lhe as forças e sentiu levantar-se de súbito uma tempestade de objecções.

— Afinal, pensando bem, tal projecto é insensato. Como posso eu ir a um convento ? Que sei eu do que lá se faz ? Se não tenho sequer preparação para assistir a uma missa, como é que posso acompanhar em côro ofícios complicados ? Ora, por muito tolerantes que os monges sejam não vão até o ponto de me dispensarem de praticar. Seria absurdo ; nem eu tampouco aceitaria isso. Um claustro não é um lugar de vilegiatura. Que é que lá vou fazer então ? E comtudo eu desejava ir, porque tenho necessidade de me recolher em mim mesmo, de fazer um sério exame á minha consciência, e nenhum lugar melhor para isso do que a solidão e a calma dum êrmo contemplativo .. Para os que crêem, bem entendido. E por ventura estou eu nêste caso ?

Novas vagas d'objecções, mais altas e temerosas, ergueram-se por detrás desta interrogação. E Luciano exprobrava-se muito sinceramente.

— Não é nada digno e não é sério ir aposentar-me com toda a minha incredulidade portas a dentro dum ascetério. Por muito que acate a Igreja e admire a arte religiosa, tenho o espírito demasiadamente ousado e, com franqueza, não me sentiria bem ao lado da fé dum monge, sem falar nos escrúpulos pelo meu passado irrequieto que horrisaria os sagrados íncolas de Miraflôres se viessem a saber alguma cousa. E se êsses monges com o zelo espanhol todo exaltado e rígido me impõem penitências que eu não posso moralmente bem cumprir, por maior que seja o meu respeito pelas coisas santas? E' verdade que padre Anselmo me diz que os não verei talvez. Mas se é uma armadilha para eu lá cair? Se com suas veleidades de conversão êle me cria alguma situação embaraçosa? Não me sinto por enquanto predisposto para uma conversão. Deus não me tocou ainda a alma. Busco uma lei da vida, um tipo possível de sociedade ideal justa e equilibrada; procuro sobretudo exemplos que fortaleçam a minha fé moral, tão abalada na razão de ser da vida — e se é possivel a conformidade dos actos a um ideal, seja êle qual fôr. As revelações de fr. Bruno tentam-me. Mas se êsses monges obcecados supõem outra coisa de mim? E é mais que certo que não me compreendem. Que vou então fazer ao seio dêles?

E auscultando-se demoradamente Luciano con-

cluiu que, incapaz como era de fraudes e de ambiguidades, o melhor seria afinal não ir. Escreveria a fr. Bruno justificando-se de qualquer modo. Era tão longe! No fundo ficava com pena. A carta do monge tinha o que quer que fôsse dum apêlo à beira do túmulo. Era duro,era cruel não ir receber o último abraço dum grande amigo e quem sabe se recolher as últimas vontades dum moribundo. Ainda que não fôsse senão por uma questão de humanidade! E êste último alarme de consciência venceu-o. Estava decidido. Iria.

II

O comboio de Madrid que Luciano tomára em Medina aproximava-se de Burgos com a sua ofegante celeridade de expresso. Pouco depois da saída de Venta de Baños, ainda noite e com estrêlas, já êle, afastando o pesadelo do sono, espertára e acercára-se da vidraça, sondando á esquerda o horizonte, onde mal se pressentia uma ténue claridade alviçareira do romper do dia. O trem rolava, rolava sempre, na planície sem fim e a pouco e pouco emergiam da sombra os montes longínquos, as árvores, os raros povoados e as campanhas amareladas de restolhos na luz lívida e baça daquêle fôsco amanhecer sem laivos rubros de arrebol. A noite estivera clara, mas para a madrugada uma névoa alta e espêssa agarrara-se ao esmalte do céu como pigarro enfadonho, e sem luminosidade o horizonte encurtava-se dando um relêvo fantástico a essas árvores esguias, fundidas em bronze, que em longas filas fúnebres passeiam processionalmente pelas terras planas burgalesas e são a nota animada da sua paisagem triste.

Em cada reprega de terreno e por detrás de cada macisso, aguardava ansiosamente que a velha cidade aparecesse, e na ondulação alta dos montes, procurava o grito àlerta das flexas agudas da sua Catedral. Uma aldeia maior trasbordando da taça verde d'alguma veiga sobressaltava-o. Mas o comboio rolava, rolava sempre. Súbito estremeceu fundamente. Numa depressão surgia emfim a massa parda da cidade e dela emergiam, empastadas e sonolentas, as agulhas da Catedral, num fundo de montanha que lhes roubava o garbo e a esbelteza. O comboio afrouxára e deslisava agora ao lado de hortas, pomares, fábricas e moradias novas muito claras e garridas, em contraste com as pesadas moles pardacentas de mosteiros e palácios que a distância discreta mantinham a linha nobre do seu passado ilustre.

Luciano apeou-se na ampla gare branca, sósinha áquela hora matinal. O comboio, que deixára uma meia dúzia de passageiros, retomou apressado a sua marcha para França. Cá fóra, tendo debalde procurado um veículo, viu-se forçado a seguir a pé o primeiro carrejão que lhe arrebatou a sua mala de viagem. O ar estava húmido e frio e a bruma engrossára. Atravessou com o seu guia um largo ajardinado, e a curta distância desembocou numa ampla alameda de tão espêsso arvoredo que, sob a altíssima nave vegetal, era áquela hora ainda noite. A' direita seguia o arruamento de fachadas altas e irregulares, de sacadas envidraçadas como estufas, e a espaços apareciam igrejas incrustadas em velhos edifícios apalaça-

dos. E por cima dessas casas voavam vozes argentinas de sinetas.

Luciano inquiria da distância do hotel.

— E' aí adiante já; mais alguns passos só.

— Há muitos conventos em Burgos? tornou, olhando as altas edificações macissas, solenes, com um ar pouco comunicativo.

— Olhe, aí nessa igreja são os jesuitas, indicava o guia. Naquela outra alêm é o convento dos carmelitas. Lá mais adiante ficam as carmelitas, as claristas...

— E a Cartuxa de Miraflores?

— A Cartuxa? E' já fóra da cidade, aí três a quatro quilómetros.

Da banda da esquerda, êste bosque espêsso marginava um rio que era agora uma agua clara d'arroio deslisando mansamente no fundo dum leito de seixos e areia seca. No percurso urbano êste rio perdia a sua rusticidade, contido e emoldurado por cortinas de pedra, e vadeavam-no de longe em longe graciosas pontes que ligavam a margem esquerda formada por esta sombria rua de conventos com a margem direita, onde se apinhava o aglomerado citadino.

Pouco se demorou no hotel, uma recolhida e silenciosa pensão de eclesiásticos, ansioso de fazer o conhecimento da pequenina cidade que o estava tentando do lado de lá das pontes, oculta por sombria massa d'árvores.

A manhã embebia-se de luz e era já mais clara. Laivos de céu côr de pérola fendiam a bruma que se

adelgaçava e embranquecia esparsa. O sol prometia aparecer também. Meteu por uma das pontes mais próximas e alcançou a margem direita aristocratizada num parque vicejante de umbrosas árvores, com estátuas brancas brotando de macissos floridos e múrmuras fontes de *rocaille* melancolizando e enternecendo. As ruas macias e frescas estavam ainda desertas. No arruamento paralelo começavam a abrir os estabelecimentos e descerravam-se janelas nos andares altos.

A canícula, que torrava as margas secas da Extremadura e de Castela, bebendo as últimas gotas aos rios exaustos, apiedava-se deste canto paradisíaco de Burgos, com suas alamedas e jardins viçosos de claras aguas cantantes. Estava-se ainda em fins de agosto, mas o ar tinha já ali a macieza fina do outono depois dos céus lavados e das crises tormentosas do equinócio.

Luciano largou do jardim, enfiou por debaixo dum arco, e foi ter a uma praça em rotunda com tufos de flores no centro e arcadas a toda a volta que se animavam já. Burgos acordava. Gente madrugadora circulava; eram operários de boina preta colada ao casco, clérigos de batina apressados, senhoritas a caminho do mercado ou das igrejas com os veus negros adejantes amordaçando a tentação dos olhos.

Vagueou ainda por algumas ruas e lobrigou emfim a Catedral estrangulada entre edificações que morriam de decrepitude e de tédio. Seguiu ao longo duma muralha rasgada de ogivas nas abas da Catedral e

desembocou num pequeno largo onde mal desafogava o templo. Reconheceu logo que estava deante da fachada de Sarmental entalada entre o palácio do Arcebispo e a empena do claustro. O largo era enrugado, turtuoso, irregular, em corcôvas ladeirentas e enfiado por lôbregas betesgas de abandono e de tristeza.

O monumento atraiu o artista. Luciano subiu os dois lanços de escadaria do Sarmental, e observou de perto o admirável pórtico, e a visão dominou-o. Na base, um sóco de arcadas cegas evasadas sustinha de cada lado uma fila de estatuetas dosseladas e sôbre estas nascia a linha tríplice das arquivoltas povoadas por um cordão de esculturas finas, de anjos músicos e santos que acompanhavam graciosamente a ondulação da ogiva na ascenção para o fecho. Por cima do mainel da porta, a que se adossava ao alto a estátua baldaquinada dum bispo, corria o friso dintelado com os doze apóstolos sentados em atitudes simples, e sôbre esta predela viva, com o seu ar sobrenatural de aparição, pontificava majestáticamente, no tímpano, Cristo cercado do tetramorfos e inspirando os evangelistas que enquadrados no semi-círculo escreviam, curvados, nos seus livros de pedra.

Ultrapassando esta porta, Luciano penetrou na Catedral.

O péssimo costume espanhol de instalar o côro no centro das igrejas tirava-lhes muito da sua beleza e imponência. Ao entrar-se era um desapontamento. O olhar não podia abraçar toda a amplidão da nave e

esbarrava nesta adjunção do capítulo que inscrevia uma nova igreja no âmbito das basílicas. O culto prejudicava inutilmente a estética e a soberania. E era o que se dava na sé de Burgos que aliás mais graves sevícias — e essas irreparáveis — tinha sofrido.

Estranha condição a desta Catedral! Era nas partes altas, menos visíveis e menos acessíveis, que a arte se refugiára como para escapar ás perseguições dos homens. E era sobretudo na obra exterior, lanternas, torres, flexas e agulhas, que os artistas tinham concentrado os esforços supremos do seu cinzel — prevendo talvez as demências pósteras. Lá dentro o misticismo tumultuário e convulsivo da alma espanhola tinha quebrado e estilhaçado as linhas sóbrias e harmoniosas do século XIII que o génio claro e equilibrado da piedade franceza fizéra florir em tão irrequietas comarcas. O megalomanismo religioso, destruindo a uniformidade típica da catedral mediéva, irrompia por toda a parte mascarando a simplicidade de gongorismos e de monstruosidades decorativas. Exceptuando a capela do Condestável, as ábsides laterais, que substituiam agora os brancos alvéolos góticos da fundação, eram verdadeiras hipérboles na piedade, explosões ruidosas de devoção frenética que entristeciam a visão educada na suavidade e na ordenança das planimetrias góticas.

A igreja, de estrutura ogival e do tipo francês da Ilha de França, remontava ao século XIII que lhe déra a planta caraterística de três naves, deambulatório, as capelas radiantes e as três fachadas, das

quais a do Sarmental intacta, era majestosa e bela. O século XIV deixára-lhe principalmente um claustro rico em decorações escultóricas. Mas só os séculos XV e XVI tinham visto romper das torres a maravilhosa floração das flexas no brilhante gótico florido e toda essa floresta de pirâmides, de pináculos, de agulhas e coruchéus da lanterna tocada já do sopro da Renascença.

Cá fóra, na fachada principal, com os pórticos mutilados e os flancos cingidos pelos desgraciosos edifícios do Arcebispado e da churrigueresca capela de Santa Tecla, a Catedral só começava a ser bela a partir da galeria e da rosácea para cima. Era no alto a mais rica vegetação de pedra que mãos humanas tinham trabalhado. Sôbre as torres rasgadas d'alto a baixo por duas ordens de esguias ventanas, rompiam as pirâmides das flexas, maravilhoso tecido transparente de rosas, folhas, trêvos, lóbulos, volutas, arcaturas e cogulhos no mimoso estilo gótico florido que o génio do mestre Hans de Colónia cristalisára em pedra. Por detrás, a lanterna do cruzeiro, que Juan de Vallejo sonhára e elevára, desenrolava nos ares a sua fantástica floração alada. E mais para trás ainda, no fundo da ábside, no extremo da Catedral, novos pináculos se erguiam nos cumes cinzelados da capela do Condestável.

Um século tinha visto crescer toda esta arborescência aéria, cuja floração se subtilizava e requintava á medida que o estilo perdia em pureza e nervo. O olhar alto de Luciano reconhecia nos cumes da Ca-

tedral o vôo febril da arte e a sua exaltação crescente nessa evolução secular que ia das flexas da fachada á lanterna do cruzeiro que, embora ainda gótica, se abastardava e era já para a Renascença como a florescência prematura das amendoeiras na primavera. Nada mais sumptuoso e rico do que êsse conjunto, onde não havia uma linha, uma curva, um plano que não tivesse expressão e não tivesse côr. O artista da lanterna de Burgos tinha escutado êsse subtil esvoaçamento de súplicas, de preces, de exortações; êsse remoinho das almas subindo de baixo, dos corações em chama para as alturas das naves que êle depois materialisára em curvas, inflexões, volutas, ogivas, rosas, gomos, folhagens, anjos, santos, apóstolos, reis e raínhas.

Toda esta formidável peça esculpida com meticulosidades de lavrante e que parecia antes obra de joalheiro estilizada num metal macio e dúctil, erguia-se com uma leveza volátil, muito serena e ondulada. Este precioso trabalho de cinzel parecia ser mais do céu que da terra; era mais oferenda a Deus que delícia para homens. Quem apreciaria cá de baixo êsses contrafortes e pináculos nervados de colunelos, corroídos de arcaturas, de coruchéus, de gomos, de rosas, de festões, de grinaldas, ninhos de estátuas amando nas alturas, com um amor que era já do céu?

Vista do alto da Pellejeria, dos flancos da ábside, onde o olhar abraçava o desenrolamento feérico da Catedral, o que surpreendia eram essas agulhas de

filigrana, essas inflorescências aladas, êsses pináculos mordidos d'alto a baixo de trêvos e de lóbulos, que subiam rigidamente como pâmpanos repletos. As próprias flexas com os seus vinte metros d'alto não eram senão irmãos mais velhos das pirâmides da lanterna e da capela do Condestável, num grau superior de maturação e de turgidez. E num relance, Luciano reconhecia nessa paisagem aéria de esguias árvores de pedra que corriam nos planos altos da Catedral, as filas de choupos lanceolados que percorrem processionalmente, como monges encapuzados, as terras planas de Castela-a-Velha...

— Forçoso é ir-me ambora. Não posso ficar aqui, eternamente a adorar estas admiráveis coisas, monologava Luciano descendo, com pesar, a escada da Pellejaria. E de caminho deteve-se ainda deante desse lindo retábulo que era a pequena fachada exterior da secristia da capela do Condestável, tão rica em detalhes e lavores como uma tela de pintor.

E peregrinando pelas ruas estreitas, á espera da hora do almoço, Luciano ia considerando na adorável cidadesinha que era Burgos recheada de igrejas, de capelas e de conventos. Aconchegada ao norte por detrás dum monte, vivia esquecida e em paz, com o seu pequeno Arlanzón bordado de choupos, as suas pontes elásticas, o seu passeio Espolón, e as longas alamedas duma tão fresca sombra e solidão tão calma, altíssima muralha que a defendia dos vendavais do sul. A Catedral era o centro da vida de Burgos; as casas, as ruas, os homens tinham-se disposto á

roda dela e adoravam-na e queriam-lhe, como a uma avó patriarcal de cabelos brancos e fundas rugas. Tudo falava dela, tudo vivia dela. O castelo, símbolo do poder civil, teatro das grandes guerras e lutas políticas doutrora, esboroava-se lá em cima num cómoro escalvado, como o casco dum navio que naufragou, sem oração que se lembrasse dêle nas inclementes noites de ventania asiaga. Ninguêm o procurava, ninguêm falava dêle, não se apontava, não se mostrava. O que êsse pobre e decrépito gigante — tão galhardo e flamante noutros tempos! —havia de sofrer no seu orgulho, escorraçado como uma besta velha que se abandona no êrmo para morrer! Como devia ser desesperada e trágica essa agonia!

A Catedral porêm era a mãe sempre amimada e adulada. As ruas aconchegavam-se á roda dela para a resguardarem e defenderem. As casas tinham subido para melhor a vêrem. Amada dos pobres e dos humildes, rodeára-a sempre a simplicidade e a modéstia. Não a defrontavam palácios, e se do lado da praça do Duque da Vitória os edifícios tinham um mais desafogado ar burguês, da banda de cima da praça de Santa Maria e pelas alcandoradas ruas de Fernán González, Pellejeria e Diogo Porcelo o ambiente conservava o aspecto taciturno de medievalidade no mesmo tom severo do monumento. Toda a pequenina cidade respirava um discreto ar monástico. Burgos conservava nas fachadas das suas casas e na alma da sua gente o «facies» conventual das suas casas religiosas. Eram estas que imprimiam carácter ao

velho burgo *Caput-Castellae*. Por detrás da quietação e impenetrabilidade dos conventos reconhecia-se que eram êles o poder mais forte, únicos e soberanos, na plena posse católica das consciências e das almas. E com que ardor essas milícias da fé guardavam Burgos! Para lá do Arlanzón, na primeira linha de defesa, os conventos estendiam deante da cidade a sua enorme frente de batalha. Era o grande seminario, depois os jesuitas, os carmelitas, as carmelitas, as claristas, uma legião inteira de combatentes, sempre àlerta noite e dia. A cidade ficára assim perdida nos tempos, esquecida nas idades, dentro dum cordão de cogulas e adormecida ao som dos sinos. Entrar em Burgos era forçar uma clausura.

*

* *

No dia seguinte acordou triste, aborrecido, nevralgiado por uma tortura vaga. Na véspera, atraído pela Catedral dera-lhe com alvoroço toda a sua manhã, e a tarde dissipára-a preguiçosamente pelas margens do Arlanzón, esquecido dos monges, de fr. Bruno, do convento. De regresso, ao anoitecer, enfiára pela igreja aberta do colégio dos jesuitas, na espectativa duma bôa prédica; mas ouvira ali, uma meia hora, a leitura seca de insípidos textos que um padre esmoía do alto do púlpito sôbre uma assistência que cabeceava.

— Se estes afamados jesuitas não teem outra ma-

neira de insinuar-se nas almas, pensava, não passa então de uma lenda o que se afirma a seu respeito.

E saiu para jantar. A' mesa acamaradou com alguns curas rurais que vinham ao arcebispado tratar de assuntos das suas paróquias e chalaceavam estrepitosamente sem nenhuma graça Enfastiado deitára-se logo e dormira a noite dum sono.

Manhã alta, levantou-se bem decidido a meter se nêsse mesmo dia a caminho da Cartuxa. Não se sentia nada alegre. Chocava, sem saber explicar porquê, numa vaga contrariedade, ao lembrar-se que ia deixar d'ali a pouco aquela linda cidadesinha com uma tão bela catedral, o sol sempre claro, as frescas áleas ribeirinhas, para ir entristecer-se e cobrir-se de bolôr entre as quatro paredes álgidas de uma lura de eremitas, com raízes por alimento e uma táboa para se encostar. O sacrifício parecia-lhe demasiado, embora fôssem apenas oito dias de clausura Quem sabe ? Talvez êle não suportasse tanto Talvez não podesse levar a cabo a sua temerária empreza. Não compreendia, porêm, donde lhe vinha agora um tal desapêgo do claustro, que tomava aspectos desoladíssimos de má vontade e de rancôr. E inquietava-se, sentia rebates, descontente de si próprio, da sua perfídia e da volubilidade e ligeireza com que se desinteressava de uma coisa séria em que reflectira tanto.

Depois do almoço preparou-se para a partida. Mas era tão cedo ainda ! Pediu então que lhe tivessem um trem ali ás 2 horas para o levar a êle e á sua mal

ao convento da Cartuxa. Voltaria a essa hora. A linda rapariga do hotel, que recebia o recado, parecia, apesar da frequência habitual da casa, pouco afeita a taes demonstrações de renúncia e desprendimento do mundo, sôbretudo da parte dum homem que não envergava batina nem era velho. Foi pois boquiaberta que o encarou :

— A mala também ? Então o senhor fica lá ?!

Luciano não pôde deixar de sorrir do espanto da rapariga.

— Pois se levo a mala está claro que é para ficar... Ás 2 horas então.

E saiu para gosar as suas últimas horas de liberdade.

No Espolón abasteceu-se de tabaco ; sempre havia de fumar lá o seu cigarrito nalguma alameda solitária.

— Creio bem que não hão de passar-me revista á mala, considerou.

Com os bolsos bem fornidos, suspirou ainda ao passar mais uma vez deante da Catedral e desceu á praça de Prim para matar a sêde num café. Sob a arcada passavam libertinas de olhares provocantes Uma tentação má fel-o parar e vacilar ; mas, senhor de si, guinou á direita e enfiou por uma rua travessa. Perto do teatro emborcou num quiosque um copo de cerveja e atravessou apressadamente a ponte.

Nas alamedas, sob a frescura das árvores, acalmou-se, tranquilisou-se O convento dos claristas, tão sin-

gelo e pobre, enterneceu-o. Começou a subir a grande álea atapetada de sombra. Num regato límpido á beira da estrada, que ia humildemonte dando de beber ás raízes, refrescou as mãos, os olhos, a testa abrazada e a tentação diabólica dissipou-se lavada naquela água simples, lustral, purificadora.

Uma grande suavidade inundou-o, e banhado na carícia amiga do ar continuou a marcha nas alamedas. Era uma delícia, sob o grande calor, vaguear na sombra macia destas copadas árvores que em longas filas saíam de Burgos para o norte e avançavam, como um grande exército, pelo vale do Arlanzón. Nos flancos da estrada principal, macadamisada para viaturas, corriam outras áleas rústicas, alcatifadas de musgos e folhas secas, que os passeantes solitários preferiam. Para lá dos conventos acabavam-se as casas e, da banda da esquerda, o leito do rio alargava ali muito pela confluência doutras ribeiras que iam agora secas. As alamedas seguiam então marginalmente e ao rés das encostas, numa recta de quilómetros, e nos longes a copa alta do arvoredo abaùlado em túnel descia, esbatia-se, tòcava na terra, bebia a fita branca da estrada que não se via mais.

De repente estacou. A relutância que lhe viéra de manhã contra a Cartuxa, voltava pertinaz e com tal violência que o alarmou. Exprobrava-se amargamente e lamentava-se dessa surda animosidade tão insensata como incompreensível. Não era bem sob a forma de argumentos sérios que a oposição se apresentava. O poder maléfico descia agora a mais cobardes proces-

sos e, lançando mão dos últimos recursos, procurava corromper com solicitações perversas e excitações imundas ao pecado. E era tão violenta a ofensiva que Luciano perdia a cabeça. O ataque vinha em carga cerrada.

— Pois se eu posso divertir me muito melhor cá fóra e correr toda esta bela terra de Espanha, senhor da minha liberdade, raciocinava êle, não é tolice ir aborrecer-me num êrmo e encerrar-me numa toca com alguns velhos néscios e rabugentos, que hão de fazer-me pagar caro o meu atrevimento ? Não é loucura rematada ir de moto-próprio sujeitar-me a uma disciplina de caserna, que me fórça a deitar-me e a levantar-me, a comer, a ler e a meditar cronométricamente e por badaladas dum sino, como por toques de corneta ? Sem falar nas rezas tontas, nos jejuns absurdos e nas penitências disparatadas que hão de lá impôr-me. Pois se é a emoção artística que eu afinal de contas busco, onde a encontro tão intensa como nestas deambulações pela Catedral e nas velhas ruas burgalesas ? E quando Burgos me fartar, vou para Valladolid, para Salamanca, para Leon, vou para as Astúrias, onde não faltam catedrais, igrejas velhas e mosteiros. Os conventos são belos, mas só na impenetrabilidade do mistério que os envolve. A vida santa que se idealiza lá dentro deve ser, vistas as coisas bem, a mesma vida banal com as mesmas misérias mesquinhas que muito bem conheço. Entrar é talvez quebrar o encanto ; não será melhor então não ir ? Depois, êstes religiosos espanhois não são nada aco-

lhedores e mostram tão pouca piedade! Os que tenho topado nas ruas de Burgos são ásperos e carrancudos, e olham sempre desconfiados para os forasteiros, vendo um pedreiro-livre onde a guarda civil vê um larápio. Tenho quási a certeza de que me espera lá uma decepção. Com o seu desconhecimento de psicologia, cerrados a todas as indulgências, êsses fanáticos não me pouparão com os seus revolutivos enérgicos para me sanearem a alma. Ora o tratamento que o meu estado requer não é precisamente êsse.

Um pássaro negro levantou-se de rustilhão dum monte de folhas, passou-lhe quási deante dos olhos e foi poisar num tronco, meneando irónicamente a cauda. Luciano encarou um momento a perturbadora ave e sem se deter continuou o seu inquieto monólogo.

— Se êsses Cartuxos são como os dois Carmelitas que hontem vi e que me deixaram tão péssima impressão, estou servido! — E evocava os dois frades do Carmelo, de hábitos côr de pinhão, que tinha encontrado na *calle del Empecinado*. Um era alto, vermelhaço, arrogante e desafrontado, com o ar menos monástico dêste mundo, e o outro baixo, saracoteava-se galhofeiro, sem nenhum resguardo. Não tinham unção, nem sequer comedimento nos gestos como impõe o estado religioso, e ocultavam tanto quanto podiam a deselegante nudez dos pés nuns sapatos que nem sandálias eram. — Mas não pode deixar de ser assim, exclamou Luciano. Tudo na vida tem o seu lado

fraco, e não há fruto, por mais apetitoso e são, que não oculte no seu âmago o verme da corrupção e da morte. Ora os mosteiros, modalidades sociais doutras eras e civilizações, não passam, portanto, de anacronismos hoje. Se não são frutos pôdres, vamos lá, são frutas secas e engelhadas, donde a vida fugiu há muito. Fóra os Beneditinos, um pouco toleráveis porque se tornaram sobretudo artistas e põem no culto mais beleza teatral do que devoção piedosa, o resto não passa duma tara do passado, sobrevivendo por atavismo em países retrógrados e de civilização precária como Espanha. Esta é que é a verdade!

Súbito, um remoinho formou-se na estrada e avançou desencadeado para as alamedas, sacudindo furiosamente as ramadas baixas e arrastando num rodopio fantástico uma nuvem de folhas, de hervas e poeira Para escapar lhe Luciano escapuliu se por entre as árvores; mas o espòjinho apanhou o em cheio, arrancou lhe o chapéu e foi desfazer-se ao longe nas encostas. Este incidente despertou-o de vez e limpando-se do pó olhou o caminho percorrido. A alameda para o lado de Burgos era um enorme corredor de sombra e a estrada branca desaparecia lá em baixo apagada na mancha espessa do arvoredo.

— O que eu tenho andado! exclamou. E que tarde deve ser. Não levo menos doutra hora a Burgos; com certeza não me espéram já. E antes assim. Com esta inquietação do espírito o melhor é aguardar um dia mais. Não vou aparecer nêste estado aos monges.

E dispunha-se a voltar quando o surpreendeu o misterioso dobre dum sino muito suave e penetrante, que descia duma serra próxima encoberta pela floresta. Era uma toada que se repercutia plangentemente no vale e se desfazia nos cimos das árvores escoando-se pelos troncos, pelas ramas, em fluido harmonioso e terno.

Interessou-o o campanário humilde que tinha uma tão linda voz. Procurou-o nos taludes da direita, por cima das árvores e teve um grito de surpreza. Mas era a Cartuxa ali no topo do monte! Era a silhueta bem conhecida da sua igreja dominando os edifícios conventuais; era essa nave muito alta e longa, ladeada de pináculos que lhe davam o aspecto, que muitos queriam fôsse simbólico, duma eça entre brandões. Era a Cartuxa lá no alto! Não se informára nunca; a Catedral tomára-o todo. E o convento surgia-lhe inesperadamente, como uma dessas visões de milagre em que Nossa Senhora aparecia assim pelas cumiadas a ingénuos pastores de samarra, cândidos como os seus rebanhos.

Quiz então ver, examinar de perto, verificar, e arrebatado trepou a corta-mato as íngremes ladeiras. E subindo, subia alguma coisa nêle. Aligeirava-se, creava asas, penetrado dum eflúvio novo que lhe precipitava impurezas.

Avistando, não longe, um caminho muito macio que entre verdes e umbrosas faias ia alegremente subindo para o convento, meteu se por êle e deixou-se levar pela brisa fresca que deslizava por debaixo das copas

como uma água corrente. Extenuado, deixou-se cair sôbre uma pedra á beira desta corrente. A excítação desaparecera; o poder maléfico batia em retirada: estava na zona benéfica das orações e sofria já a sua influência salutar. E era agora uma penetração suave de todo o ser, uma doçura que vinha da quietacão dos campos, do repouso das coisas adormecidas, da fluidez do ar nas alturas calmas.

Os seus olhos comovidos abraçavam todo o vale do Arlanzón e as lentas procissões de choupos que se cruzavam, como silenciosos rebanhos, na solidão dos descampados. A norte e oriente a terra era plana quanto a vista enxergava, e no horizonte, longinquamente, é que se corcovavam lombas suaves de serrania vaga. Não se descobria Burgos sumida por detrás das encostas, mas dos seus flancos rompia perspectivamente a linha negra das alamedas que vinha assim como uma hoste vale em fóra e passava silenciosa e sem rumor á raiz da colina cartusiana.

Reanimado, ergueu-se e prosseguiu. Não devia ser já longe. Numa volta do caminho, a massa parda do convento mostrou-se por detrás de enormes olmos que arredondavam apraziveis oasis de sombra num terreiro deserto. Depois, achou-se face a face do mosteiro. A emoção abateu-o sobre um banco de pedra e d'ali encarou enlevado a Casa santa.

Era um aglomerado de edificações medievais, baixas, casamatadas, de telhados rústicos de alpendrados, espécie de barbacan cortada em vários corpos aparelhados de blocos rudes. Num lanço desta mu-

ralha abria-se um tosco pórtico de três arcadas singelas sem moldura nem ornamento : as dos extremos interceptava-as até metade um peitoril de pedra rematado por gradeamento de ferro; a do meio, mais ampla, dava acesso ao vestíbulo da portaria. Nesta quadra, que era um alpendre de abóbada, calçado de lages e de seixos, com uma bancada de pedra em roda pé, rasgava-se em ogiva a entrada do convento por grossa porta de ferraria gasta, com um pequeno postigo e um arame pendente de sineta de chamada. O pórtico exterior era encimado por um escudo com as armas de Castela, e a entrada no interior da portaria enquadrava, sob o arco ogival, numa composição gótica de bom lavor.

Nesta fachada, se fachada se podia chamar a tais muros desnuados, fendiam-se aqui e ali postigos e seteiras. A seguir ao pórtico, para a banda do norte, a edificações recuavam e começava a igreja conventual, cingida no flanco pela correnteza das capelas já num pobre e desgracioso estilo. No alto, como uma nave central ultrapassando as colaterais, os muros da igreja-mãe sobresaíam dos telhados das capelas, libertavam-se, subiam a grande altura, rasgados de esguias janelas góticas e amparados por contrafortes, cujos cimos se adelgaçavam no ceu e rematavam por pináculos em flôr.

— Eis aqui a *Porta-Coeli,* murmurou Luciano. E' aqui a entrada do céu. E' só bater e entrar.

Nenhum ruído vinha do mosteiro que tinha o ar duma velha fortaleza abandonada. Lá em baixo, oa

vales e as colinas dormitavam no torpor sonolento do sol abrazador, e nos grandes olmos do terreiro não bulia uma folha. Era o Deserto, o êrmo solitário para meditar e para orar. Daquela porta para lá alvorecia um outro mundo. Que drama se estava passando por detrás daqueles muros no silêncio litúrgico da Regra? Luciano circumvagava a vista pelas coisas. Era realmente um silêncio litúrgico, de comtemplação e de oração. Não era o silêncio dos êrmos selváticos, ausência, privação de ruido, que atormenta, inquieta e perturba, como um equilíbrio de pressões que se rompe. Não era o vácuo. Palpitava nêste silêncío á roda do convento uma obscura vibração, um esvoaçameuto impercéptivel de asas — almas que estavam em êxtase rezando.

Súbito, nêste silêncio ecoou o dobre do mesmo ínvisível e misterioso sino. O doce lamento era como uma vibração mais alta da quietação do êrmo. Mas o sino dobava os longos novelos brancos dos seus sons, e uma emoção estranha empolgou Luciano. A onda sonora pulverizada e fina envolvia os edifícios d'alto a baixo, penetrava os da sua ondulação e, como uma matéria sensibilizada e viva, o convento parecia retinir, vibrar, articular nos timbres de oiro duma voz celeste. Depois a resonância desta voz alargou-se, embebeu o ar, ecoou em todas as suas moléculas e fundiu á roda, as pedras, as árvores, a luz, êle proprio Luciano, e urdiu tudo na mesma plásmica materialização fluídica. Oh, a divina comu-

nhão das coisas, o invisível laço místico que unia tudo em Deus!

E levado por misterioso ímpulso, Luciano avançou, franqueou o vestíbulo da portaria, achou-se ao pé da porta, puxou com força o arame suspenso e aguardou.

Decorreram alguns momentos de ansiedade e terror. Tinha tremuras nos membros, palpitações, vertígens. Ouviu um leve ruído de passos e o ranger de um ferrolho que corria. Sentiu um aperto no coração. Ia precipitar-se no ignoto. A porta enteabriu-se e um religioso ainda novo, de hábito côr de castanho, surgiu mansamente, encarou-o com bondade e num gesto convidativo, como se estivesse á espera dêle, afastou-se para o deixar passar. Entrou sem proferir palavra. Abafava. Sucumbia.

— E' para ver a igreja, sim? interrogou o enclausurado num cicio de voz; e fez lhe sinal para o acompanhar.

Luciano, aturdido, seguiu o religioso e só depois de alguns passos é que o interrompeu e falou.

— Perdão, eu venho de Portugal e queria falar ao venerável padre abade.

O religioso deteve-se.

— Bem, vou então prevenir o padre Prior. Aguardai um pouco, aqui ou ali na igreja, como quizerdes.

Luciano ficou só. Olhava em roda vagamente, como num sonho. Estava num claustrosinho humilde e simples, cujas arcadas abriam sôbre a mancha dum

jardim tão brincado e mimoso de rosas frescas que parecia sorrir a quem entrava. No centro uma estatueta branca e ascética de Cartuxo melancolizava entre tufos de verdura. Este corredor era branco com um lambriz de azulejos reluzentes, as abóbadas baixas e nos rebordos das arcadas franjas verdes de trepadeiras emolduravam-se em festões. Ao fundo do corredor, num vestíbulo defendido por singelo gradeamento e bucolizado por macissos de plantas em caprichosos vasos e taças de madeira, cerrava-se uma porta sôbre a qual se lia, num dístico, em caracteres góticos, a palavra *Clausura*. Defronte, transversalmente ao claustro, aprumava-se a alta fachada da igreja, severa, de empena triangular, cujo pórtico cinzelado em gótico florido, mas já rugoso dos sóis, dos ventos e das chuvas, destacava num decorativo corpo saliente, a um tempo sumptuoso e grave.

Luciano recolhia toda a suavidade e doce paz que fluía, como uma clara agua de fonte, nêste recinto deserto e repousado. Tudo era alegre, franco e acolhedor. Tudo era simples, rústico e sem aparato, O tempo é que ao passar ali puíra, enrugára, desgastára dando ás coisas um ar ancião encanecido, mas de velhice simpática, sem decrepitude nem bolôr.

O religioso veio encontral-o ainda no mesmo poiso contemplativo.

— Vamos, disse-lhe. O padre Prior espera-vos.

Entrou, após êle, na igreja por um nártex vestibular com uma porta ogival aberta para a nave. Depois Luciano viu um gradeamento de ferro que

separava um recinto de bancadas toscas dum soberbo cadeirado Renascença. Este côro separava-se do côrpo da igreja por uma divisória tendo também ao meio uma porta envidraçada na verga da qual se lia a inscrição *Felix Porta Coeli*. Era ali a porta do céu! E através da bemaventurada porta enxergou vagamente um côro maior, mais sumptuaso ainda; e por cima do altar-mór, ao fundo, um enorme retábulo que enchia d'oiro toda a ábside.

O religioso reverenciou a *Porta-Coeli*, de joelhos, com profunda vénia, e foi depois abrir uma portinha no muro da nave, á direita, pela qual Luciano penetrou atrás, ás apalpadelas.

Surgiu então num claustro branco, cujas paredes estavam guarnecidas no alto de esfumadas telas. A luz entrava esbatida e frouxa, coada por estreitas janelas envidraçadas de quadradinhos miudos dum vidro antigo gelatinoso e fôsco. Um aroma estranho, esquisito, muito forte e acre fustigou-o como uma lufada. O religioso, sempre seguido de Luciano, atravessou êste claustro, penetrou ainda noutro corredor e parou a uma porta sôbre a qual estava pintado um pequeno globo encimado por uma cruz e uma auréola de estrêlas.

Ali deteve-se um momento, puxou o cordão de uma campainha, levantou a tranqueta da porta e impeliu-o docemente. Luciano passou pela porta entreaberta e achou se sósinho lá dentro. Era uma quadra ladrilhada, ar de casa provinciana, dois degraus de patamar, modestamente mobilada com

um canapé de palhinha, algumas cadeiras, uma estante de livros, quadros e imagens piedosas em caixilhos pelas paredes. Esta quadra comunicava com um sobrado ou sobre-loja por uma escada encoberta de vão saliente ao longo da parede, e abria para um jardim de alegretes sombreado por folhudo parreiral d'onde filtrava uma luz verde e baça.

Luciano ficou de pé, sósinho, aguardando. Queria pensar, coordenar o que ia dizer, mas as idéas dispersavam-se como assustadiças aves que pretendesse agarrar. Estava como atordoado dum vôo ou duma queda. Receando parecer fraco fez apêlo á sua coragem. Não era ainda o abade que o ia receber! Estremeceu ao ouvir passos abalando a escada oculta de madeira. Alguêm descia.

Uma alta figura branca, direita como um fuste esbelto e fino, apareceu então deante de Luciano com o seu quê de alado na imaculada alvura das vestes; e esta figura cândida, muito pura e compenetrada, avançou para êle, estendeu-lhe a mão com um afectuoso cumprimento de bôas vindas. Luciano osculou aquela mão, mudamente, numa profunda reverência, e a convite do monge branco assentou-se e esperou.

E o monge falou então.

— Primeiro que tudo desoprimi o vosso espírito, se êle se perturbou ao entrar aqui. Estais entre irmãos que serão tanto mais solícitos para convosco, quanto mais culpado vos julgardes. Ponde-vos, pois, á vontade e considerai-vos dentro desta casa como no seio da vossa família.

Luciano observava o monge, muito direito, envolvido na bainha branca do seu hábito, cujo escapulário descia até os pés e era ligado, um pouco abaixo dos quadris, de cada lado, por uma faixa ou banda fol gada. Tinha uma fisionomia bondosa, franca, menineira, que lembrava D. Guéranger no olhar azul infantil e em certa expressão que tomava a boca ao falar, por falta de alguns dentes da frente. Devia ultrapassar os cincoenta anos. Era de elevada estatura, magro, de face rosada e escanhoada, e tinha já grisalho o cordão de cabelo do cercilho que lhe cingia monásticamente a cabeça rapada, uma pequenina cabeça d'ave.

Luciano sentiu-se conquistado por aquela afabilidade tão sincera e simples e pelo carinho paternal que aquecia as palavras do monge, ditas com brandura, sem nenhuma afectação, e onde se adivinhava o desejo de o tranquilizar. E muito comovido balbuciou um agradecimento.

— Estou muito grato a vossa reverendíssima pelo caridoso acolhimento que me dispensa. Não foi iludida a minha espectativa. E' tal qual como eu pensava.

O monge sorriu e continuou.

— Sei por fr. Bruno que sois artista e que haveis restaurado uma catedral. A igreja de Miraflores é humilde, mas encerra preciosíssimas obras de arte. Quanto a liturgia, devo prevenir-vos, se o não estais já, que não encontrareis na nossa modesta casa a pompa do culto e o esplendor dos mosteiros beneditinos. A nossa salmodia é grave, talvez porque se

desenrola toda na sombra da noite e na discreta intimidade de Deus. Somos uma Ordem de contemplativos. Sabemos melhor rezar do que cantar. Se vos aborrecerdes, pois, ou não tiverdes força para suportar a solidão, confessai-o sem constrangimento. Teria muita pena se levásseis da Cartuxa uma má impressão.

Luciano abanou a cabeça.

— E' menos a arte que me traz aqui do que o desejo de solidão e de paz. Tenho a alma tão doente!

— Nenhum lugar então melhor do que êste para vos restabelecerdes. Quereis e silêncio? Tereis o silêncio como o não há em qualquer outra Ordem, porque êle é a base da nossa Regra e uma das nossas mais caras disciplinas. — E rindo. — Conheço o remédio para tais doenças! Mandar-vos-ei dar uma chave para percorrerdes á vontade as dependências do mosteiro e prescrevo-vos passeios demorados, longas deambulações por claustros, pátios, corredores e capelas. Distraí-vos sobretudo na horta e pela quinta. Tereis ali boas sombras e retiros para meditardes.

Luciano denunciava, ao ouvir estas palavras, um tão grande alívio que o monge sorriu, compreendendo.

— Confessai que vos pungia o receio de irdes viver aqui prisioneiro numa cela e sujeito a ásperas penitências! Não trataríamos tão descaroavelmente um hóspede. De que o não dispensamos, naturalmente, é de observâncias religiosas, pois não pode-

mos crer que não seja cristão quem junto de nós vem procurar alívio. Descançai, porêm, que não sereis demasiado oprimido. Obrigo-vos apenas a assistirdes todos os dias á missa conventual. Quanto aos demais exercícios de côro, substituil-os-eis por leituras espirituais e meditação.

— Tanta bondade confunde-me, venerável padre' Com muito reconhecimento aceito todas as vossas liberalidades no tocante á minha livre disposição, mas permiti que as não aproveite no que respeita á dispensa dos ofícios. Não vim fazer vilegiatura ao claustro...

O monge compreendeu os escrúpulos do seu hóspede.

— Como quizerdes. Assistireis então aos ofícios divinos, mas repito-vos não ficais a êles obrigado para que não vos cause sofrimento se vos falecer o ânimo a meio caminho.

— São então muito penosos ? preguntou inquieto.

— As vigílias noturnas, talvez, para quem não tem os hábitos do claustro. São três horas de salmodia no côro, todas as noites. Mas vereis isso lá em cima quando vos ocupardes dos horários Haveis de precisar de descanso. Vou levar-vos á vossa habitação e, de caminho, ireis já vendo alguma coisa.

Saíram. O monge avançava a largas passadas pelo corredor. As contas do seu enorme rosário branco chocavam-se com estalidos secos e cadenciados.

— Vou mostrar-vos o refeitório. E' a peça arqui-

tetónica de mais valor adentro da clausura. Data do século XV e serviu presumivelmente de igreja emquanto se edificava a que hoje existe. Sois entendido, haveis de apreciar. O mosteiro não tem grande valor artístico, é humilde como a humilde comunidade a que dá abrigo. Mas, a sua singeleza ha-de agradar-vos.

Franquearam uma porta ogival no extremo do claustro que comunicava com a igreja. O refeitório era uma alta e extensa nave de quatro tramos artezonados com os escudos de Castela nos florões das chaves, seccionada por um tabique de lavores góticos em duas divisões desiguais: a maior, á entrada, destinada aos monges, e a outra, em baixo, para os freires conversos. Compridas mesas muito simples, com peças de loiça antiga, modestíssima, sôbre toalhas muito alvas, corriam ao longo das paredes apaineladas; e na cabeceira, na ábside desta capela, sob um crucifixo singelo e um quadro da *Ceia*, outra mesa presidia egual e com a mesma pobríssima baixela. Um púlpito aberto na parede arredondava o seu elegante cálice lavrado no mais lindo gótico florido.

— Devo dizer-vos, explicou o monge, que a comunidade só aqui vem aos domingos e dias de festa. Nos outros dias, como determina a Regra, comemos sós nas nossas celas.

— O venerável padre abade tambêm desce aqui ao refeitório? inquiriu Luciano.

— E' ali o meu assento, respondeu o monge com simplicidade, indicando a mesa da cabeceira. O pastor não deixa nunca as suas ovelhas.

Luciano encarou atónito o monge.

— Mas então sois vós o próprio abade da Cartuxa ? Não compreendo. Tinham-me dito que era ao prior que ia falar...

— Nas Cartuxas não há abades. O superior é o prior que não se distingue dos seus monges por qualquer emblema ou sinal.

— Perdoai, venerável padre. Eis aí a razão do meu equívoco. Sei que os abades ou superiores das outras Ordens usam as insígnias episcopais, a cruz peitoral, o anel; e não as vendo ..

— A nossa Ordem é de grande simplicidade e despida de atavios.

— Razão de pêso para me ser simpática, considerou Luciano consigo.

Cá fóra atravessaram mais corredores e enfiaram ainda por um outro claustro, êste enorme, rígido e todo branco. As galerias prolongavam-se imensas, rectas como avenidas, mas solitárias como ruas tumulares. De longe em longe sulcos negros de portas cerradas fendiam a neve alvíssima dos muros e, fronteiras, pequenas arcadas envidraçadas vertiam a luz doce da tarde serena lá fóra. Luciano sentira-se como que afagado por invisíveis adejos ao penetrar naquêle claustro. O ar era tépido como numa estufa e evolava-se ali uma deliciosa sensação de bem estar que nunca lhe tinham dado tantos claustros que conhecêra. Mas a solidão espantava-o. Olhava os corredores sós, o prado lá fóra deserto; e detendo se, interpetou o monge.

— Perdoai-me, venerável padre, mas estou deveras intrigado. Sei que há uma grande comunidade nêste convento, mas só vi ainda duas pessôas, vós e o irmão da portaria que, pela côr castanha do hábito, julgo ser um donato. Atravessei já não sei quantos corredores, claustros, pátios e jardins e não lobriguei viv'alma. Onde é que estão então os monges ?

O Prior pareceu admirado da pregunta e sorrindo apontou a correnteza de portas do grande claustro.

— Mas estão aqui ao pé de nós, aí por detrás dessas portas todas! Este claustro é um viveiro dêles!

Luciano encarou o monge, as áleas desertas e brancas e teve num calafrio brusco a revelação súbita, a intuíção profunda do lugar onde se encontrava. Até ali conhecêra apenas os claustros mortos, fossilizados, de museu; os que, não conspurcados por profanos usos, se povoavam ainda de sonhos, de evocações e de saudades. Mas, êsses não passavam, contudo, de cemitérios, de carcassas e múmias, donde a alma se evaporára há muito.

Ao entrar ali pressentira, porêm, o que quer que era vivo na calentura do ar e êsse fluido que denuncia a alma e o pensamento humano. Este claustro estava quente, estava vivo, arfava. Por detrás da carne branca daquelas paredes o seu coração batia o ritmo forte da vida. Como aquilo era, não sabia. Mas era certo, que para lá daquelas portas, a dois passos dêle, creaturas amortalhadas desprezando vaidades, ambições, prazeres vãos e as grandezas efémeras da terra, se humi-

lhavam e se abatiam, arrebatadas por êxtases, as mãos erguidas em perpétua súplica. E teve, então, de chofre, a visão das grandes edades monásticas, da Tebaida, dos primitivos desertos eremíticos na solidão dos êrmos e das fragas, onde se desgastavam corpos para se chegar á alma e onde se lapidavam almas para se chegar a santo.

O Prior indicou ainda através duma janela envidraçada o recanto do prado, onde se alçava um cruzeiro de pedra. Era o cemitério dos monges Depois a passos rápidos, deixaram o claustro, meteram á rua dum horto sombreado de belas árvores vergando de frutos, percorreram galerias cheirando a feno e encontráram-se a uma porta, ao pé dum pátio ajardinado, onde começava a ampla escada de madeira dum piso superior. Era a hospedaria. Vinha descendo o irmão leigo que introduzira Luciano.

Um sino, que começou neste momento a tanger, deteve o Prior que se voltou para o hóspede.

— Desculpai-me. Tenho agora um exercício e não posso dispôr de mim. O irmão Joaquim guiar-vos há.

E com as suas largas passadas e o choque seco das bolas brancas do rosário, o padre prior afastou-se apressadamente.

Luciano subiu com o irmão donato e achou-se em cima numa vasta sala sombria, parcamente mobilada com algumas mesas e cadeiras, e frouxamente alumiada por uma janela de esbarro que deitava para os telhados. Parecia ter sido majestosa copa, com seus armários de serviço abertos nas paredes; num

ângulo erguia-se uma soberba e artística chaminé que interessou Luciano, preciosa obra em estilo gótico, tendo ao centro do pano, num medalhão, as armas reais,

— Chamamos-lhe a chaminé de Carlos Quinto, explicou o leigo, em memória dêsse imperador que esteve aqui nestas mesmas casas, hóspede da Cartuxa.

Luciano notou ainda a uma luz de cripta, dependuradas nas paredes, litografias tumulares dos fundadores do convento, os reis D. João II e Izabel de Portugal, de Izabel a Católica e Fernando V, de Joana a Louca e Filipe o Belo, monarcas que, por suas obras, doações e bemfeitorias, andavam ligados ás tradições da casa. Depois seguiu o donato que, por um corredor de passágem, o levou a um quarto caiado e muito limpo, com uma pequena janela quadrada fendida na muralha, por onde se avistava ao longe o campo.

— A vossa habitação. Faz aqui muito calor agora...

— E' confortavel e bôa... Mas, irmão Joaquim, eu tenho uma mala num hotel de Burgos. Entrei um pouco inesperadamente...

— Dizei onde é e dentro de duas horas tel a-eis aqui... Não vos preguntei ainda se haveis comido já.— E a uma resposta afirmativa.— A que horas quereis que vos sirva a ceia ?

— Seguirei o horário do convento, se não há nisso inconveniente.

— Jantareis então ás 11 horas. Assistís aos ofícios ? Bem, ás 6 da tarde é bôa hora para ceardes, porque tereis de vos deitar ás 7.

— O quê ? Deitar-me ás 7 horas, em pleno dia, irmão Joaquim ?

— Porque tereis de estar a pé ás 11 para o ofício nocturno. Há aí um horário sôbre essa mesa. Agora retiro-me. Se precisardes alguma coisa puxai o cordão duma campainha lá fóra, ao lado da chaminé.

Luciano ficou só.

Começou então a fazer o inventário da sua cela. O que lhe chamou logo a atenção foi o seguinte aviso num cartão pregado na porta.

†

Lembramos e recomendamos aos senhores exercitantes a observância do mais rigoroso silêncio : 1.° por ser a base fundamental dos Santos Exercícios ; 2.° por ser o caracter distintivo da nossa Santa Ordem.

Eis um preceito que nesta solidão me será difícil transgredir, pensou Luciano, começando a percorrer a sala vagarosamente. Ao fundo ficava o leito muito alvo resguardado por cortina corrediça, e uma banca de cabeceira. Sôbre uma modesta mesa de pinho, ao lado da janela, tinham posto um tinteiro, penas, papel, livros de exercícios espirituais, a *Imitação de Cristo,* um breviário cartusiano e várias obras de meditação. Do outro lado da janela pousava um genufle-

xório com uma estatueta da Virgem e um crucifixo. Algumas cadeiras, um lavatório e estampas pelas paredes. Notava-se ainda, como principal peça ornamental, um quadro a óleo suspenso por cima da mesa, onde ressaltava a cabeça sangrenta dum Cristo espanhol coroado de espinhos no lençol da Verónica.

— Muito tolerável esta habitação. Com o que não poderei conformar-me é com a hora incrível do deitar. Vejamos então os horários.

Pegou na papeleta e leu o seguinte quadro.

MANHÃ	TARDE
5¾ — Levantar	1 — Leitura espiritual
6 — Prima do dia e tercia do ofício da Virgem	1½ — Estudo
6½ — Meditação	2 — Trabalho.
* 7 — Adoração	2½ — Vésperas do ofício da Virgem
*7½ — Litania e missa conventual	*3/4 — Vésperas do dia e ofício de defuntos
8¼ — Tercia do dia, missas rezadas e sexta do do ofício da Virgem.	4 — Colação e recreio
9¼ — Estudo	5 — 15 minutos de meditação e outros 15 de leitura espiritual
10 — Sexta do dia e nôa de Virgem	5½ — Angelus e Completas
10¼ — Trabalho	6 — Deitar
11 — Nôa do dia e refeição	10¼ — Levantar
12 — Angelus e recreio privado	10½ — Matinas do ofício da Virgem
	* 11¼ — Matinas e Laudes do dia que duram até ás 2 h da manhã
	2 — Prima da Virgem, missa seca e deitar

Nota — O sinal * indica que os exercícios são feitos na igreja.

— Este horário diz respeito aos monges e a mim só me interessam as horas dos ofícios no côro. Tenho então que estar na igreja ás 7 da manhã, ás 2 3/4 da tarde, e desde as 11 da noite ás duas da madrugada. Deve ser bem dura carga êste ofício nocturno, todos os dias; mas, emfim, tenho uma bôa parte do dia por minha conta, pois o padre Prior dispensou-me dos ofícios privados e posso empregar o meu tempo livre em delicioso devaneio á sombra das árvores da quinta. Mas, que formidável *pensum* o dêstes monges! exclamou, lendo outra vez a papeleta. Nada menos de três ofícios: o do dia, o da Virgem e o dos defuntos!

Pegou num livro, folheou-o distraídamente e pôl o de lado. Levantou-se. Sentia-se perturbado. Era uma vaga dêsse cheiro estranho do convento, que vinha não sabia d'onde, das coisas velhas, das madeiras aromáticas, dos longos corredores abobadados como túneis. Eram lufadas tão finas e penetrantes que receava ás vezes desmaiar. Naquêle quarto êsse aroma parecia vir dos madeiramentos do sôlho de largas pranchas sólidas que rangiam, como se as estivessem torcendo. Aproximou-se da janela. Afastou o caixilho envidraçado que abria para fóra. Em baixo corria uma linha de edifícios rústicos, irregulares, em ruína. Eram telheiros, celeiros, abegoarias, restos decrépitos das vastos dependências dos tempos áureos da Cartuxa. Por detrás destas edificações verdejavam massas d'arvoredo e por uma encosta descia em corcôvas o muro da cêrca do convento. Nos longes espraiava-se o mar amarelo das restolhadas, uma procissão de chou-

pos passava, e nêste imenso descampado vivia apenas, lá longe, a mancha parda duma aldeia com eiras em volta e o aspecto colmado de arribanas e malhadas.

Era o Deserto.

O relógio do torre bateu horas e quási sem interrupção a guarrida dos ofícios começou plangendo. O som vibrava no êrmo, triste como uma voz de chôro. Aquêle clamor adquiria na lentidão arrastada do dobre lamentos d'alma torturada a soluçar, a esvair-se em dôr... O sol morria na suavidade da tarde vestindo de púrpura os cimos do mosteiro, e lá em baixo, no recôncavo do vale, Burgos ardia, crepitava como uma rosa d'oiro na taça verde dos seus bosques e alamedas.

Uma voz despertou-o. Voltou-se. Era o irmão donato que lhe trazia a sua mala. Luciano alegrou-se ao ver a mala, como se alguêm conhecido lhe entrasse pela porta dentro.

— E quando quizerdes cear... Passa já das seis.

— Pois sim, irmão Joaquim. E' só um momento emquanto arrumo aqui umas coisas. E abrindo a mala, tirou os seus livros, papeis, a sua roupa branca.

Depois acompanhou o donato a uma pequena casa de jantar. Era uma sala comprida, estreita, com três janelas quási unidas, que a tornavam muito clara. Nas paredes viam-se gravuras emolduradas de várias Cartuxas desenhadas a vôo de pássaro.

— Ides ficar desolado, disse o irmão Joaquim servindo-lhe duma pequena terrina um prato de sôpa de

pão. O padre Prior mandou dar-vos uma alimentação melhor, mas a cosinha do convento não é variada...

— Não se come carne na Cartuxa, não é verdade?

— Em circunstância alguma. Nem um caldo. A Regra é formal, sempre de magro.

O religioso foi abrir as três janelas de par em par. A tarde extinguia-se numa agonia longa.

— E quem é que come aqui, irmão Joaquim?

— Algum raro amigo de passagem.

— Seculares?

—Não, religiosos. Os nossos amigos seculares nunca ficam no convento. A solidão não é atraente e a mesa também não é convidativa...

— Mas esta sôpa é bôa, afirmo-vos. Eu é que estou sem apetite.

O donato deitou vinho num copo e água noutro.

— E há vinho, irmão Joaquim! Os monges também bebem vinho?

— Com água... Porêm, êsse pouco que se bebe não é por prazer, acreditai o, mas para reanimar o corpo excessivamente debilitado dos jejuns e mortificações.

— Qual é o regime de comida?

— Têmos duas refeições: legumes com um suplemento de peixe ou ovos, e vinho. Mas os jejuns ocupam uma grande parte do ano. Há os jejuns da Ordem e os da Igreja; o jejum semanal a pão e água;

o grande jejum da Cruz de Setembro á Páscoa, oito mezes, em que se come uma única vez no dia. No Advento, na Quaresma e em certos dias do ano são interditos os ovos e os laticínios. Supõe-se sempre que nos conventos se passa vida regalada. E' um engano!

O bom irmão Joaquim, muito afável e solícito, servia-o com deligência e procurava ser-lhe agradável abastecendo-lhe amplamente o prato.

Não tinha, porêm, vontade de comer. O fim da tarde, a solidão do êrmo, o isolamento naquela triste casa de jantar, onde um raro comensal passava de longe em longe, a correr; a frieza dessa mesa magra que não déra nunca o prazer duma bôa reparação nem a alegria duma libação festiva, tudo lhe inspirava ideias lúgubres.

Depois da sôpa e dos legumes, debicou ainda num prato de peixe, descascou uma pêra e por deferência do Prior teve café que foi de tudo o que melhor lhe soube.

— Devo agora recolher-me, não é verdade? disse Luciano levantando-se.

— Tendes ainda um quarto de hora até ás sete.

— Bem, desço um pouco ao jardim dêsse pátio aí em baixo. Tenho um enorme desejo de conhecer o convento. Estou suspirando por ámanhã. Mas que dobrar de sino é êste a toda a hora, irmão Joaquim?

— São toques para os diferentes exercícios, observânc e ocupações espirituais da comunidade.

Começaram a descer a escada. O donato separou-se em baixo, assegurando-lhe que podia dormir descansado. Chamál o-ia pouco antes das onze

O jardim era um velho pátio afogado de vegetação. Os muros sumiam-se sob colgaduras verdes. Uma fontinha rezava. A hora tardia peneirava já uma cinza vaga crepuscular. Deu algumas voltas por entre os macissos d'arbustos, olhou uma fôrca de madeira no alto duma empena, onde poisava um sino e subiu para a hospedaria. No salão da chaminé era já noite. Do postigo alto vinha uma claridade lívida. Atravessou o corredor e entrou na sua câmara.

Ali, deixou-se cair sôbre uma cadeira e foi o pânico.

— Valha me Deus, que silêncio, que solidão! exclamou desfalecido. Se ao menos tivesse o irmão Joaquim para conversar!

Via-se só, exilado, perdido nas sombras daquêle mosteiro, paredes meias de homens que não vira ainda, que avistaria só de longe, inacessíveis, transfigurados, quási sobrenaturais. Que gemesse, que implorasse, que gritasse, não o podiam ouvir mergulhados nos seus êxtases, não podiam mesmo escutál-o da sua clausura inviolável. O eco da dôr humana não era ali sensível senão no seu marulho de vaga oceânica, no confuso clamôr da sua totalidade. Os monges não escutavam ninguêm, não atendiam ninguêm particularmente. Nenhuma creatura se lhes rojava aos pés pedindo a absolvição das suas culpas. Não tinham ouvidos para os queixumes individuais. A oração que saía

dos seus labios abraçava a universalidade do pecado. Mas era horrível aquilo. Estar acompanhado e sentir-se só!

Acercou-se da janela e olhou os campos a diluirem-se na mancha negra da noite que alastrava. Da terra sêca subiam baforadas quentes e o cheiro acre das restolhadas; mas nenhum ruído chegava lá acima, e ali dentro tudo parecia dormir. Lentamente, nos bicos dos pés, como se tivesse receio de acordar o silêncio, saíu do quarto, entrou ás escuras no salão da chaminé, trepou a uma cadeira e espreitou pela frésta sôbre os telhados. Sondou, prescrutou. Viu a alta mole da igreja, a fiada dos coroamentos, direitos, rígidos, imoveis, d'encontro ao céu. Viu os dorsos fuliginosos dos telhados e as paredes baças das empenas. Nem uma luz, nem um suspiro. Era a solidão, era o Deserto.

Tornou para o quarto ás apalpadelas, acendeu luz e viu as horas. Passava um bom pedaço das oito.

— Já devia há muito estar deitado, murmurou pezaroso. Começo cêdo a transgredir os regulamentos! A verdade é que não sou capaz de dormir a uma hora destas e, se me deito, sobrevem-me com certeza a insónia. Se soubesse tinha trazido uma provisão de velas. Não me custava nada, desde que podesse ler ou escrever, estar a pé até Matinas. Se me entretenho, porêm, a vela gasta-se, denuncia me e comprometo me.

Soprou a luz e foi para a janela. Era decerto o pior bocado, aquêle comêço da noite para quem, como êle, vinha de fóra com o hábito das vigílias prolon-

gadas e só dormia quando a fadiga lhe entorpecia o cérebro. Mas, era o demorado esbater do dia e êsse gradual avolumamento da sombra que o inquietavam. O crepúsculo estristecia como uma lâmpada que a pouco e pouco esmorece e vai deixar tudo em trevas. Nestas planuras lisas, sem boscagens nem relevos absorventes, a luz corria como água e os poentes reflectiam-se longamente nelas. E era uma trágica batalha esta retirada sangrenta que afogueava por muito tempo o horizonte.

— Sempre me vou deitar, a ver se me habitúo, suspirou deixando o postigo estreito.

Riscou um fósforo, acendeu de novo a palmatória e começou a despir-se. A câmara tornava-se estranha á luz frouxa e vacilante da vela. O sobrado rangia torcido por mãos ocultas. Olhou vagamente as coisas e sentia nelas uma frieza hostil. Só o génuflexório humilde, velho e gasto de tantas prosternações, parecia olhál-o com brandura e exprobrar-lhe ternamente o seu abandono. Sentia calafrios. Quantos se não tinham prostrado ali e erguido a Deus uma oração de reconhecimento, uma súplica fervorosa de amor e de perdão! E eram todos os que por ali passavam. Só êle com a sua impiedade ficára duro e empedernido aos apêlos da Virgem que sôbre o genuflexório, muito branca e terna, o humilhava com a sua atitude submissa, compassiva e dôce. E sem dar bem razão de si, viu-se de joelhos, o rôsto oculto nas mãos improvizando uma prece que subia mudamente, sem palavras, para a Virgem, como um quente incenso.

Depois levantando-se, soprou a véla e deitou-se mesmo ás escuras.

*

* *

Foi só depois das nove horas que conseguiu adormecer, numa síncope do cérebro esvaído por cavalgadas loucas. Era, porêm, um dêsses sonos leves em que não se mergulha de todo no inconsciente e a lucidez persiste enevoada e baça, como lâmpada mortiça. Espertou sobressaltado, com a impressão de que tinham batido e raspou um fósforo. Poz-se á escuta, não sentiu nada. Viu as horas: eram dez e meia.

— Por meia hora não vale a pena estender-me. O melhor é levantar-me.

Tinha o corpo dorido e pesava-lhe o cérebro, túmido dum lastro de que não fôsse esvasiado. Vestiu-se, mal disposto, com bocejos e lassidões de tédio.

— Parece-me que não vou longe, murmurou desalentado. Este horário da noite é um suplício. Só pensar que tenho de deitar-me outra vez ás duas e meia e sofrer de novo as mesmas torturas da insónia, para me levantar depois ás sete, no melhor do sono! Não há dúvida que esta contradança do deitar e levantar é só por si uma bem bôa penitência!

Acabava de vestir-se quando soaram na torre as onze horas, e como se o mesmo sino tivesse mudado de voz, ainda na vibração da última badalada, um outro timbre argentino esvoaçou num lamento de tristeza maguada. Foi á janela e empurrou a vidraça.

A noite estava escura e o dobre plangente abria na solidão e na treva a chaga viva dos seus queixumes.

Ouviu então bater discretamente. Ergueu a voz.

— Entre, irmão Joaquim.

O religioso levantou a tranqueta e apareceu com uma pequena lanterna redonda, de latão, rematada em cone, d'onde se desprendia um delgado feixe luminoso deixando-o todo na sombra. Pousou a lanterna, saiu e voltou com outra igual para Luciano.

— Estão já na igreja os monges ? preguntou.

— Não tardam ; apressemo-nos se os quereis ver saír das celas.

A uma recomendação do donato, enfiou o sobretudo. Saíram. Internaram-se em labirintos de pátios e corredores. Submergiram-se em oceanos de solidão. Fendiam a compacta sombra com as lâminas agudas que saíam das suas lanternas como de copos de espadas. As abóbadas, mais baixas agora, acumulavam sôbre as cabeças firmamentos de negridão opaca e a treva era tão espêssa que opunha resistência aos corpos.

— Sempre fiz bem em trazer o abafo, disse Luciano consigo, inibido de falar. A sombra parece impregnada de humidade. De inverno estas travessias devem ser horríveis.

O religioso abriu uma porta com a sua chave, fez rodar ainda uma outra e Luciano reconheceu que pisava o claustro da igreja. Uma lufada acre e penetrante dêsse esquisito olor que errava ás vezes pelo convento ia-o derrubando num esvaìmento. Quebrando a Regra exclamou :

— Mas que cheiro é êste, irmão Joaquim ?

O donato recomendou-lhe silêncio num murmúrio de voz. Ao meio do claustro tocou-lhe no braço. Luciano voltou-se e estacou assombrado.

— Os monges !

Vinham das celas e sumiam-se uns atrás dos outros em procissão silenciosa, como vagalumes adejantes, numa nebulose branca que se movia incorpórea e esparsa. Estes vultos pareciam destacar-se das paredes, emanações das próprias coisas, almas mudas das pedras, dos claustros, dos corredores, que adquiriam esta forma branca, ambulatória e viva, mas sem nada da forma humana nem da vida humana. E sem sonhar, bem acordado, em plena lucidez, Luciano teve a visão sobrenatural do desdobramento do ser, a matéria desentranhando-se em fluido, em sôpro, em espírito.

A igreja dava todo o seu flanco direito ao convento e por duas entradas distintas, segundo as categorias, acolhia os religiosos : uma no côro dos conversos e outra no côro dos monges e destinada ùnicamente a êstes. Luciano entrou pelo côro dos conversos, que o donato não ultrapassou, e cruzando a *Porta Coeli*, penetrou no recinto dos monges que se povoava de vultos brancos, como se fôra já um departamento do céu onde deambulassem as almas. Os religiosos chegavam lentamente. As duas asas brancas do côro distendiam-se cada vez mais longe. Os alvéolos do cadeiral separados por altos braçais salientes recebiam estas formas movediças que atravessavam a nave e

pareciam petrificar-se nos seus logares como estátuas em nichos. Sôbre os livros litúrgicos, pousados nos reclinatórios, caía molemente uma luz frouxa de lanterna encapuchada ; em roda tufava-se a sombra espêssa da noite e no fundo da ábside, onde os oiros do rétabulo se tinham fuliginado, consumia-se sósinha, como alma penada, a estrêla perdida dum lampadario.

Luciano tomára assento numa estala á direita do Dom Prior que presidia, frente á ábside.

A um sinal de D. Eduardo os vultos deitaram os capuzes para trás e caíram de joelhos. Luciano viu então aqui e ali, sôb a incidência da luz, cabeças rapadas com o cercilho monástico ; mas as feições ficavam ocultas. Depois levantaram-se e começou o ofício.

O canto era simples, uma espécie de recitativo salmódico, embora entoado num tom levemente musical. Mas êste canto não era senão o pretexto para um tom alto de voz, para uma dialogação animada que queria ser vivaz, tocante e comovente. A modulação clara dos timbres não encontrava acolhimento nesta salmodia primitiva, bárbara, que não se matizava de tons melódicos nem recorria a ornatos e floreados. Era só nos neumas que a voz, redopiando sôbre a mesma sílaba, se filigranava, corria a gama, das emoções e ecoava em todos os recantos da alma.

Os Cartuxos não eram, de facto, grandes cantores nem a sua salmodia se prestava a apreciáveis vocalizações. Mas, de longe em longe, um ou outro salmo surgia mais colorido e vivo, um ou outro hino enternecia como um fio d'água cristalino.

Foi só no final, ao entoar-se o *Te-Deum*, êsse cântico que é o mais expressivo e eloquente acto de fé articulado, que o drama se animou, que as almas aquèceram e jorraram os jactos irreprimíveis do seu amor exaltado.

Luciano, que seguia ao lado de Dom Eduardo sôbre o mesmo livro aberto no reclinatório, a marcha do ofício e o rolamento grave do cantochão, animava-se também arrebatado pela rajada que sacudira as duas asas do côro. Erguidos, elançados, os monges afinavam pelo mesmo tom as cordas tensas da sua emoção, faziam passar pelo mesmo prisma o feixe diverhente das suas vozes, e era uma única voz fundida num mesmo impulso que se arremessava ao alto e trespassava as abóbadas. E no mesmo turbilhão de fé desencadeada, Luciano era arrastado, empolgado para além dos tempos, das edades...

Te Deum laudamus, te Dominum confitemur. Te aeternum Patrem omnis terra veneratur. «Nós te louvamos, ó Deus, nós te confessamos, Senhor. A terra inteira te venera, ó Padre eterno». E pela voz dos anjos, dos côros, de todas as potestades celestes, dos querubins, dos serafins, Deus era proclamado três vezes Santo e senhor Deus dos exércitos; Deus inundava o ceu e a terra da majestade da sua glória... O clamor baixava um momento exausto, mas logo se soerguia em seus louvores á majestade do Pae, ao Venerável Filho, ao Espírito Santo consolador e num novo acesso hiperbólico «*Cristo rei de gloria, Filho eterno do Pae*» exaltava agora a humildade do

Cristo incarnado numa Virgem para resgatar o pecado humano; o seu poder sôbre a morte abrindo aos crentes o reino das céus; o seu assento á mão direita de Deus na gloria eterna do Padre... O turbilhão desfazia-se, a rajada passava e era a alma tomando humilde uma nova atitude, confundida deante dêste formidavel Poder que ela evocava, desta Majestade infinita que não se erguera tão alta senão para que o homem parecesse mais pequeno. As vozes ajoelhavam-se, prostravam-se contritas estendendo as mãos trémulas das súplicas á bondade magnânima do Pae. E o cântico enternecia se impetrante, dorido e lamentoso: *Te ergo quaesumus tuis famuli subveni, quos precioso sanguine redimisti*... «Acode aos nossos rogos e socorre os teus servidores, ó tu que nos remiste com o teu sangue precioso...»

Matinas findavam. Os monges tinham-se erguido e concentravam-se mergulhados na obscuridade dos seus capuzes.

Um curto silêncio de prosternação, e *Laudes* seguiu-se imediatamente.

Passava já da uma hora da madrugada.

Era *Laudes* um dos mais belos momentos da oração do claustro.

Louvar, bemdizer, exaltar o Senhor, não se resumia nisto a função monástica? O homem desaparecia, aniqúilava-se, anulava-se e eram as coisas da terra, eram os seres do Universo que conclamavam nos lábios do monge os hinos e graças á omnipotência divina. O claustro inteiro erguia-se, librava-se no vôo branco

das almas e das cogulas e tecia em tôrno da divindade uma luminosa auréola de bénçãos e louvores.

No cântico de Daniel e no salmo *Laudate Dominum*, o côro erguido vibrou na mesma impulsão para Deus. Era o clamor da voz universal vocalizado pelo claustro. Os monges sentiam-se intérpretes da creação e pela bôca dêles a natureza rendia o seu preito a Deus. «Obras do Senhor, bemdizei o Senhor; louvai-o e exaltai-o nos séculos sem fim!» E num apêlo comovente as vozes exortaram os anjos do Senhor a louvarem o Senhor; exortavam o sol, exortavam a lua; exortavam o céu, exortavam as estrêlas; o vento e a chuva, o fogo e o calôr; a humidade e o frio, o granizo e a geada; os gelos e a neve, a noite e o dia: *Benedicite lux et tenebrae Domino: benedicite fulgura et nubes Domino.* E pela voz dos monges, a luz e a treva, os relâmpagos e as nuvens louvavam o Senhor, exaltavam o Senhor. *Benedicite montes et colles Domino: benedicite universa germinantia in terra Domino.* Os montes e outeiros bemdiziam o Senhor, e todas as germinações da terra louvavam o Senhor. E as fontes e os rios, os mares e os peixes, e tudo o que vive e se mexe nas águas; as aves do céu e os quadrúpedes da Terra; o filho do homem e os servidores de Deus; os espíritos eleitos e as almas dos justos; os santos e todos os dóceis de coração; os reis da terra e todos os povos; os príncipes e todos os juizes da terra, louvavam o Senhor, bemdiziam o Senhor...

As vozes caíram, as fórmas abatêram-se. As frontes ocultáram-se nos capuzes de lã e as luzes esmoreceram nos capuzes de ferro. Tudo parecia extinguir-se, suprimir-se. Então, no silêncio da treva e da hora, um sino lançou gravemente, em largas síncopes de recolhimento, a tríplice bénção lenta da sua voz de bronze por cima das cabeças rojando o pó. Era êsse Angelus especial da noite cartusiana esvoaçando, como uma grande ave branca, sôbre os montes e vales adormecidos...

Os monges ergueram-se. Um vulto destacou-se, aproximou-se da lâmpada mortiça do altar e arrancou-lhe um pouco da sua chama. Depois percorreu as duas alas do côro, deixando na sua passágem um ténue poeira d'oiro. Uma fieira de lumes scintilou de cada lado da igreja. Eram as lanternas que se acendiam para a travessia do regresso.

As formas brancas despegaram-se então das estalas, saùdaram o altar e lentamente, uns atrás dos outros, os vultos sumiram-se na escuridão. E Luciano não viu nessas figuras desumanizadas senão misteriosas incarnações do Além que, por desígnios insondáveis vinham materializar-se em sombras na hora da meia noite e no silêncio. Eram espectros e não viventes e como espectros se dispersavam e dissolviam ao surgir da alvorada, na claridade nascente do dia...

No côro dos conversos, o donato aguardava-o. Seguiram, sem uma palavra, pelos mesmos corredores afogados de sombra. Luciano ia aturdido, estonteado sôb a pressão esmagadora da longa vigília.

O que o impressionava era o relêvo que Deus tomava nêste ministério augusto de louvor e adoração realizado no isolamento taciturno da noite. Como Deus era grande visto do fundo do claustro e como essa inquietante incógnita perdia de abstrato e de vago na sublime evocação dos monges! Nunca encarára Deus revestido duma tal majestade, duma tal grandeza, tão senhor dos homens, da terra e dos destinos do mundo. Deus nebuloso e entidade metafísica concretizava-se ali numa limitação definida. Não lhe aparecia porêm ampliado com os atributos superlativos do homem, mas, inversamente, sínteze, fórmula, resumo do Universo. Como a lei da gravitação viera dar um sentido ao rolamento tonto dos orbes, Deus surgia-lhe também centro e chave de mais transcendentes cosmologias. Não era já o caos, mas uma ordem, um plano, uma lógica, um sistema. O Universo adquiria uma alma. O claustro começava a actuar nêle dando-lhe a noção de Deus.

O irmão Joaquim deixou-o em cima na sala da chaminé e despediu-se recomendando-lhe:

— Dormí descansado. Acordar-vos-ei um pouco antes das sete para a missa.

Entrou no quarto e deixou-se caír sôbre uma cadeira. Não sabia bem o que se passava. Era sonho. pesadêlo, alucinação? Estava devéras acordado? Achava-se realmente ás duas horas da manhã num deserto eremítico, longe de seus país, da sua casa dos seus hábitos? Esfregava os olhos e encarava os móveis, as paredes, com inquietação e desassocêgo

tão descorrelacionada achava a sua vida de hoje da sua vida de hontem.

Para acalmar-se foi á janela banhar a cabeça no ar fresco da noite.

— A vigília está-me a escangalhar o cérebro. O melhor é deitar me a ver se durmo e descanso.

Deitou-se. Não era possível pegar no sono. Fechava os olhos, adormecia, e momentos depois acordava em sobressalto. Ruídos estranhos como explosões secas retumbavam-lhe nos ouvidos, brandiam lhe marteladas no cérebro... Nisto, Carlos Quinto, empertigado numa armadura, sarcástico e desdenhoso como o Cristo espanhol do painel da Verónica, entrou na cela, fez ranger o sobrado com passadas graves e avançando ferozmente para o leito começou a enterrar-lhe na ilharga o seu formidavel punho de ferro. Era um guante pesado como uma trave que se lhe entranhava nos flancos, esmagando-o, oprimindo-o, não o deixando respirar. Luciano torcia-se em convulsões interiores, queria soltar-se, gritar, fugir á angustiante pressão da luva de ferro, mas não conseguia mexer-se sufocado pelo tôrno que lhe comprimia a cinta. Arquejava ofegante, não podia mais, ia sucumbir, morrer. Nêste escabujar de agonizante, teve numa semi-consciência, a noção dum pesadêlo; mas continuava pregado ao leito, jugulado pelo braço truculento que lhe esganava a entranha. Num esforço desesperado conseguiu emfim desembaraçar-se, libertar-se. Respirou, desafogou, gritou aliviadamente. Sentou se na cama, derrubou ás apalpadelas a palmatória, ras-

pou um fósforo e viu o relógio. Pouco passava das 3 horas. Estava exausto duma autêntica luta e coberto de suor.

— Valha-me Deus! exclamou desalentado. Isto é pior do que eu julgava. Tenho a certeza que vão ser assim todas as noites nesta casa. O melhor é então desistir, renunciar, ir-me embora.

Alanceou-o uma tão grande mágua que lhe vieram as lágrimas aos olhos e sentiu-se envergonhado da sua fraqueza. Oh, ter a força de vontade e saber resistir com a fé d'aquêles homens que não eram decerto lá em baixo, nas suas celas, menos torturados por não menores provações!

Desalentado, prostou a cabeça na almofada e sucumbido de cansaço adormeceu pesadamente.

III

Acordou com o quarto alagado de luz e um ruído de andorinhas pipilando à janela. Inquieto, estendeu a mão para o relógio.

— Nove e meia! exclamou espantado. Onde vai já a esta hora a missa! Mas, porque não vieram chamar-me? Ou não teria ouvido o donato bater? Que não dirá o padre Prior? Decididamente vim com muito pouca sorte!

Vestiu-se à pressa e abalou em busca do irmão Joaquim. O donato estava na copa da hospedaria. Vendo a cara amargurada de Luciano sorriu-se e tranquilisou-o.

— Não vos assusteis. Não há novidade. O padre Prior é que me advertiu de que vos não chamasse.

— Dom Eduardo é um santo!

— Viu-vos talvez muito fatigado a Matinas e não quiz que se interrompesse o vosso repouso. Agora vou servir-vos o desjejum.

— Irmão Joaquim, acabais de tirar-me um bom pêso de cima. E eu que estou esta manhã, depois de ter passado uma noite horrível, na melhor disposição para devassar os segredos do vosso convento encantado!

— Ainda bem! Ide sentar-vos á mesa que eu não me demoro nada.

Luciano entrou no pequeno comedouro e foi abrir de par em par as vidraças das três janelas. Estava uma linda manhã de sol. O céu era uma cúpula de esmalte muito diluído e fino amaciando a dureza das terras nuas, sem viço. Tudo se embebia desta luz doirada da hora, que palpitava nas rostolhadas secas e dava uma ondulação viva aos relêvos das encostas e um tom alegre aos vastos descampados que em o sol subindo, adormeciam e exalavam um hálito morno de melancolia e de tédio. Na planície, ao largo, desfilavam choupos que estremeciam ainda na caricia lúbrica das neblinas desprendendo se lentamente dêles, e em baixo, pela estreita viela de casarelhos e arribanas, passava um rebanho de grandes cabras brancas e chibatões guiados por um pastorinho que não era mais alto que a mais pequena das suas cabras.

Sentia-se alegre, satisfeito, e não o acabrunhavam as mortificações da véspera. Acordára com a alma lavada e fresca do grande sono reparador e bulia de impaciência, com pressa de sair, de conhecer o mosteiro, de errar sósinho através da sua misteriosa solidão viva.

O irmão Joaquim entrou e serviu-o de um excelente chocolate.

— Tendes também aqui uma chave que vos manda dar o padre Prior. Serve em todas as portas. Podeis percorrer á vontade o mosteiro e suas dependências, e sair da horta para a quinta.

Luciano sorveu o chocolate e levantou-se.

— Esquecia-me de vos dizer que o padre Prior vem acompanhar-vos ao jantar.

— A's 11 ?

— Não, ás 12.

Arrecadou a chave, foi buscar um livro de espiritualidade e desceu.

Em baixo, cortou o prado florido do pequeno claustro e enfiou por uma soberba porta *plateresca*. Notou num corredor o forte travejamento de castanho com pintura de folhagens, muito antiga, e meteu ao acaso por uma extensa galeria baixa, estreita, abobadada em túnel, com grandes estrêlas de seixos polidos no pavimento. Depois atravessou celeiros, casas cheias de feno, alpendres, telheiros, um trem completo de lavrador remediado, tudo bem rústico, primitivo e tôsco, mas respirando o bucolismo sàdio das velhas granjas patriarcais perdidas no fundo das províncias.

Era por toda a parte o mesmo silêncio, a mesma ausência de forma viva; mas sentia-se por detrás da quietação das coisas uma vida oculta, palpitante e quente. Aquele mólho de feno fresco que, sôbre um velho trilho gasto, embalsamava o ar, não fôra cor-

tado havia muito e via-se-lhe ainda em cima a foice de gume reluzente. Junto dum banco, aquêle par de safões de pele de ovelha tinha ainda atravessada a grossa agulha de ferro com que mão cuidadosa os estivéra concertando. Mas as aparências visíveis revelavam-se o menos possível, e percebia-se que a actividade do claustro não tinha o significado ordinário de labor usual; que êste labor era apenas méra diversão secundária e que a vida ali tinha um outro sentido, uma outra orientação, uma outra forma de agir e de actuar.

Sempre á aventura, rolou mais corredores e galerias e desembocou num recinto quadrangular em que reconheceu o claustro dos conversos. Não era lageado nem tão vasto, nem tão austéro e grave, como o dos monges. Muito pobre e tôsco, tinha um ar acolhedor de velho campónio simples. Esta rusticidade e pobreza, e o cheiro a herva da abegoaria e da horta próxima evocavam reminiscências aldeãs de curral e de presépio.

Comovia-o a singeleza dêste claustro de paredes ásperas e rugosas, com as portas das celas encardidas dos anos, velhinhas de caruncho, e o pavimento calçado de grossos seixos do Arlanzón. Pelo que lhe disséra o Dom Prior êstes monges conversos não eram padres e não tinham a gravidade sacerdotal dos monges do claustro grande, que êle via espirituais e alados, a Matinas, deslocando-se semelhantes a bíblicas figuras nas suas roupágens alvas. Eram camponezes rústicos, gastos trabalhadores piedosos, gente

santa e tímida desadaptada do mundo que, por toque divino, se recolhia ao claustro, e nos intervalos das rezas e orações dava á comunidade as suas inábeis mãos de trabalho, a sua imperícia desageitada e trôpega. Ele bem o vira nas sapatorras achancadas que trazia nos pés o padre Prior, um tão culto, tão inteligente e distinto espírito. Mas preocupavam-se com isso os místicos penitentes de Miraflores?

Seguiu na sua peregrinação.

Um velhinho branco, de longas barbas brancas, que assomou a uma daquelas portas entreabertas, encarou-o com tamanho pasmo que Luciano sorriu. O velhinho com certeza se descostumára já de ver gente do mundo e trages seculares, e como era converso não o vira no côro dos monges e ignorava a existência dêle no convento. Que tristes recordações não lhe teria despertado talvez a sua presença ali!

Começou a percorrer o clausto. Todas as celas eram, como as do claustro grande, designadas por uma letra e de cada porta pendia um cordão de chamada. Todas tinham dísticos piedosos, estampas e imágens da Virgem, desenhos ingénuos, alegorias, corações em chamas, recortes de orações impressas, ou ùnicamente uma cruz singela formada de dois sarrafos. Este claustro estava também deserto, mas viam-se portas entreabertas e chãos de casa térrea, e embora grave e solitário não infundia o terror sagrado do claustro grande. Saía mesmo de certos interiores um vago rumor de lidas domésticas. Parecia humilde pousada de pastores.

E Luciano pensava quanta nobreza havia na alma cândida daquela gente de condição servil que á hedionda sordidez dos egoismos cúpidos sobrepunha o mais belo desprendimento humano conhecido, e que, sendo rude, ignara e iletrada, fazia mover a existência inteira no fulcro espiritual da mais sublime abstração. Quando là fóra se formava da inteligência, do saber e do trabalho o pedestal de vãs grandezas e de vís interêsses, aquêles homens simples e sem cultura mostravam tanta sabedoria no seu claro entendimento, e na renúncia e no desapêgo das coisas davam o exemplo da humildade, da sobriedade e da moderação, sem o que a vida do homem não passa duma raivosa luta de predomínios, duma guerra atroz do expoliações e de rapina. Que grande lição um claustro dava ao mundo!

Não se resolvia a deixar êste recinto tão fresco e com um tão suave aroma a feno. Devia estar perto a horta. Numa volta do claustro enxergou ao fundo, por uma longa portada, um luminoso espaço soalheiro e árvores. Era a horta.

Estava dividida em talhões de culturas várias, muito cuidadas, de regadío. Quietas árvores como grandes animaes mansos repousando, vergavam até o chão carregadas de frutos, e pelos muros alargavam-se folhudas latadas de cachos pendentes, cuja maturação vinha ainda longe. Da banda da esquerda respirava estendida ao sol uma ala inteira do claustro grande. Via se a correnteza recolhida das janelinhas das celas, cujos quintalitos alveolares vinham encostar os septos

das suas divisórias na parede da horta. Os outros muros marcavam os limites do êrmo

O que surpreendia era a feracidade assombrosa do pomar tão desaproveitado, mas tão carinhosamente tratado. As árvores já velhinhas, corcovadinhas, amparavam os seus pesados e bem fornidos ramos a muletas de pau que mãos solícitas lhes tinham posto por baixo. Uma pereira encanecia sôbre um rôr de espeques, mas desentranhava se em tantos pomos que uma grande pernada desarreigára com o pêso e jazia desamparada no solo. Como se amavam ali as árvores !

Luciano ia, descoberto, procurando as orlas de veludo da sombra, e respirava com tal doçura que a luz d'oiro do sol parecia diluída num mel suavíssimo que impregnava o ar e sazonava os frutos.

Devia ser assim o Paraíso. A transparência do céu, sem a mais leve arágem, dava um ar de êxtase e de beatitude a estas pensativas árvores que, certamente, faziam também parte da familia monástica, contemplativas e místicas, todas voltadas para o alto e ungidas de luz bemdita. Estas coisas, percebia-se, não eram deste mundo ou tinham o espírito voltado para outra parte. Era uma vida suspensa, um olhar que nos fixava mas não nos via E até aqui, no que parecia inanimado se revelava o desapêgo do mundo neste acolhimento que na sua calma tinha recriminações, neste apartamento do que era estranho, nèste alheamento e indiferença do que não é da mesma comunhão

— Tudo isto me repele talvez, considerava Luciano. Devo,certamente, com a sombria côr e frivolidade dos meus trajes e a minha alma não menos enegrecida e fútil, meter medo a êstes santos lugares que não viram jàmais divagar por aqui senão macias formas de algodão em rama e olhares cândidos como o cândido azul do céu.

Desviava-se a cada passo para não magoar os pomos que tinham caído, sem mão que os recolhêsse. Ao fundo, num recanto mais umbroso, sentou-se sôbre as relvas que alastravam nos atalhos pouco freqùentados e abriu o livro dos *Exercícios espirituais* que levava debaixo do braço. Dom Eduardo recomendára-lhe que mergulhasse em leituras santas para afogar as tentações. Mas não conseguia encarreirar nos textos. O espírito batia as asas em loucos anseios de vôo. O olhar fugia do livro e errava á roda, enternecido, acarinhando as coisas, como solicitando-lhes que tivessem piedade dêle, que o acolhessem e não lhe quizessem mal. E este apêlo era escutado, porque uma onda clara de alegria como desenevoado amanhecer, descontraía-lhe a alma e abria-a à comunhão familiar. E só então êle foi ungido da mesma graça que fazia caír em êxtase as mansas e compenetradas árvores. Reconciliado, readmitido, recolhia-se e escutava. O livro tombára-lhe das mãos.

Que suavidade e que paz !

Era uma solidão em que vibravam harmonias e o ser interior se desenrolava, se dilatava e se perdia no vago, como uma essência que se evaporasse. O am-

biente não estava viciado nem o embaciavam cogitações de mente enfebrecida. Não se sentia ali a compressão dos mil nadas de fóra que nos solicitam e absorvem totalmente. As emoções fluíam simples ; os pensamentos borbulhavam claros. O espírito seguia no seu curso sem desvios, sem quedas. O caminho era direito como a consciência é recta e a vida é harmónica, descomplicada e simples. Visto tudo nas suas justas proporções, árvores, cousas, seres, homens tinham entre si subtís afinidades, uniam se num íntimo laço de solidariedade, encontravam se no mesmo desígnio oculto, fundiam-se na mesma finalidade obscura. E pareciam ter uma alma comum essas roseiras que floríam, essas árvores que davam frutos, êsses homens que desfiavam rezas, tudo obediente na mesma conformidade dócil ao grande impulso para um centro ignoto. Estes inequívocos enlaces, estas reais concordâncias vinham certamente do lugar santo, dos eflúvios das orações eternas que tinham marcado em tudo á roda a mesma inconfundível fisionomia espitual...

E Luciano recolhia ali na comunhão amiga das coisas a noção da solidariedade dos homens e das coisas, e no horror aos alimentos de sangue e no carinho e aconchego das árvores a extensão do amor a tudo que vive e sente.

Uma forma animada atravessou lenta por entre as árvores e poz Luciano álerta. Lembrava uma enorme borboleta branca que parava aqui e ali nos talhões e se curvava atenta para as culturas.

— Deve ser um converso, pensou Luciano. Os monges do claustro grande não andam nunca sòsinhos cá por fóra.

Era de facto um converso, e á medida que se aproximava, tão distraído que não dava por Luciano, ia o êste observando curiosamente. Vestia o mesmo hábito que os monges padres, mas o escapulário não descia até os pés nem era preso pelas bandas laterais, mas solto, mais curto e arredondado nas pontas como uma casula. Tinha a barba comprida e branca, mas sem bigode, o que lhe dava à expressão um ar de camponez. Era um velhote, tipo simples de aldeão, com o ar evangélico dum primitivo, calvo, pesado e tôscamente talhado, em cujos olhos esquivos e tímidos transparecia bondade, ingenuidade e candura.

Luciano viu-o dirigir-se para uma barraca ao lado dum tanque e voltar com um regador e um grande chapéu de palha.

— E' o hortelão, murmurou.

Depois, ao passar junto da pereira encanecida, parou surpreendido, apanhou o ramo prostrado com a sua carga de frutos e considerou-o com demorado olhar. Era evidente que o entristecia o pobre ramo caído. Entalou o numa forquilha dos troncos e começou a apalpar a solidez das muletas da árvore trôpega, com um carinho que enternecia.

Um sino badalou na torre compassadamente o Angelus e, ao ouvíl o, o converso ajoelhou na terra, juntou as mãos e inclinou a cabeça orando.

— Mas é meio-dia! exclamou Luciano levantando-

se do seu assento de hervas, e o padre Prior deve esperar-me já.

Deixou a horta apressadamente, enfiou claustros, corredores e galerias e depois de andar perdido algum tempo chegou à hospedaria com muito atrazo, afadigado e inquieto. Dom Eduardo aguardava-o na saleta de jantar. Ali pediu-lhe mil desculpas — desconhecia ainda o mosteiro — e agradeceu lhe a sua benévola dispensa da missa nessa manhã.

O primeiro cuidado de Dom Eduardo foi preguntar-lhe se passára a noite bem.

— Venerável padre, não supuz, depois do que sofri ao voltar de Matinas, que tivesse forças para estar ainda hoje aqui. Febre, pesadêlos e uma horrível depressão moral de desalento e de desgosto. Levanteime, porêm, tão bem disposto como se nada disso se tivesse passado comigo!

O Prior sorriu.

— E' o que têem os ataques demoníacos. Enquanto se está sôb uma influência má o sofrimento é doloroso e parece que se abate sôbre nós um mal irremediável. Depois, bruscamente, sem transição, o mal-estar dissipa se e nem uma simples dôr de cabeça fica.

O irmão Joaquim entrou com uma terrina fumegante. Dom Eduardo fez adejar o seu braço branco e abençoou a mesa. Sentaram-se.

O religioso serviu silenciosamente uma sopa de hervas.

— E sofreis tambêm dêsses ataques? preguntou Luciano.

— Horrivelmente! Quando se entra, sobretudo. E' uma luta encarniçada com as sobrevivências funestas dos hábitos que deixámos lá fóra e que teimam em dominar nos aqui também. Combate quási sempre desigual, porque o inimigo nos colhe no sono quando estamos desarmados. Satan não larga facilmente a sua presa!

— E quando se tem passado essa primeira provação, quando se matou de todo o mundo, nunca mais se é provocado?

— Não é infelizmente como julgais. O espírito do mal não cansa e à medida que se fortalece lá fóra com as suas conquistas fáceis, redobra êle de violência nas suas ofensivas contra os claustros.

— Os últimos baluartes onde se entrincheira a fé...

— Toda a Igreja é um blóco inteiriço de fé, replicou Dom Eduardo com gravidade.

O irmão Joaquim poz na mesa uma travessa de *omelettes*. Dom Eduardo inquiriu:

— E como vos dais com a mesa? Haveis de sentir a privação da carne.

— A alimentação é excelente, venerável padre, e pois que, por deferência vossa, tenho um segundo prato não noto a falta da carne e passo muito bem sem ela.

— Não vos aborreceis então? Não tendes desejos de saír? E' verdade que só estais aqui desde hontem. Mas confessai o francamente; não me admiraria se vos não désseis bem. E' tão penoso para quem vem de fóra!

— Francamente vos declaro, venerável padre, que não tenho saudades do que deixei lá fóra e estou em crer que me daria aqui admiravelmente. Pelo menos não sinto aborrecimento nem enfado, apesar da solidão enorme do mosteiro... Como anda depressa o tempo, e que suaves momentos os que passei na horta! Parece-me que esqueceria de todo o mundo á sombra daquelas bôas árvores!... Que a vida no claustro não é positivamente este arroubamento poético e devaneador em que tenho andado ..

Fez-se um silêncio largo. O irmão Joaquim serviu-os ainda de atum e depois veio o café.

— Sim, meu amigo, recomeçou o Dom Prior, o claustro é uma coisa grave e bem difícil: grave pela natureza do seu ministério; difícil pelo sacrifício que requer. Servir Deus, honrál-o e adorál o é um mister que deve executar-se com uma pureza e uma elevação condignas da majestade a quem é rendido culto. Se a nossa alma não estiver bem pura e a chama da nossa fé bem viva; se não houver da nossa parte um desejo bem são, bem sincero de agradar a Deus, a nossa oblata não só se torna inútil mas indigna do Ser Altíssimo a quem se oferece. Sabeis, a humanidade é fraca. E'-se solicitado por tentações de toda a órdem. O nosso corpo está aberto pelas portas dos sentidos a todas as investidas do demónio. Por mais precauções que usemos, há sempre sentinelas que fraquejam e pontos vulneráveis por onde o inimigo surde e faz destroços. E porque sei isto, porque sei que o pecado é sempre impossível de evitar não me canso

de impôr constantemente a oração que é o seu melhor antídoto. Nada é mais facil que orar. E' o que custa menos e o que mais benefícios traz. Por isto mesmo recomendo o maior cuidado na oração. Não é rezar muito que é preciso; é rezar bem e rezar com fé. Uma oração pronunciada com fervor e com a alma posta em Deus trespassa o infinito. E só assim ela honra Deus e é eficaz.

— No claustro está-se mais preservado das tentações perigosas.

— E mais arriscado tambêm a perder-se a graça de Deus, porque se as faltas de zêlo são desculpáveis lá fóra, não teem aqui dentro atenuante alguma. O monge é escravo do seu ministério e inteiramente responsável perante Deus de todos os minutos da sua vida, de todos os movimentos da sua alma, de todas as divagações do seu pensar. E' para que a sua alma não se tente que se lhe dá por morada a solidão; é para que o seu pensamento se não distraia que se lhe regulamenta o tempo. E eis porque a sua missão é árdua e difícil.

— E única, acrescentou Luciano.

Dom Eduardo levantou-se e fez a oferta.

Luciano preguntára por fr. Bruno. Não o descobrira no côro a Matinas, talvez por haver tão pouca luz.

— Falar-lhe-eis ámanhã na biblioteca antes de Vésperas. Não o podieis vêr no côro porque, acercando-se a profissão soléne, ocupa-se há uma semana em exercícios especiais e penitências próprias do período

por que está passando. Mas de ámanhã em deante ficará mais livre.

— E é-me permitido falar-lhe sempre que quizer?

— Dar-vos ei licença sempre que me pedirdes. E' tudo quanto posso fazer.

— Parece-me que vou deliciar-me outra vez para a horta. Que serenidade sôb aquelas árvores!

— Conheceis a quinta já? Não? Então acompanho-vos. Posso hoje dispôr de tempo até Vésperas.

Luciano agradecêra comovido. Começava a sentir uma grande admiração por aquêle homem grave e simples, tão compenetrado da sua missão sagrada e que lhe falava uma linguágem tão alta e nova.

Descêram e internáram se por pátios e corredores e chegáram ao claustro dos conversos que tinha serventia para a horta. No claustro passava um converso de avançada edade, com uma longa barba de neve que ao cruzar-se com o padre prior se prosternou e lhe beijou respeitosamente a mão.

Luciano olhava emocionado aquela humildade de homem que se prostrára deante de outro homem, não por obediência servil a uma disciplina, mas por impulso expontâneo de humilhação e de desprezo de si Dom Eduardo inclinou se e ajudou o carinhosamente a levantar-se.

— Fr. Mateus, é um amigo que vem passar alguns dias conosco. Lembrai-vos dêle nas vossas orações

O converso inclinou-se numa saudação muda e afastou-se.

— Este monge não tem nada o ar dum rústico, venerável padre.

— Mas é letrado e foi no século publicista insigne. Converteu-se e vive aqui há vinte anos exercendo o mister humilde de sapateiro do convento. Durante muitos anos calçou a comunidade. Hoje, sem forças, quási nada faz, nem se lhe exige nada, como aliás nada exigimos a quem trabalha nas observâncias. Cada um cumpre moralmente o que o dever lhe manda. E o dever aqui não é uma palavra vã.

— Mas porque não é êsse religioso monge do claustro grande? Inteligente e culto...

— Porque não quiz. Por penitência. Pois entende que vive assim mais humildemente. Os monges lévam uma vida essencialmente sacerdotal e rígida, de contemplação e de ascése. Os conversos, por não serem eclesiásticos, teem um *pensum* religioso mais moderado e são êles que provêem ás necessidades materiais do convento. O monge converso é Marta na lida da casa, enquanto que o padre é Maria que escolheu a melhor parte...

Era da horta que se passava para a quinta, ancha e bem amanhada cêrca, onde os monges se recreavam nos dias de espairecimento tolerado pela Regra Seguia-se pela rua central bordada de árvores até um terreiro alfombrado, onde branquejava um S. José de mármore com um pequeno Jesus nos joelhos, suave escultura que os monges cercávam de carinho e veneração, levando-lhe flôres e orações. D'ali fluíam atalhos para as terras lavradas que estiravam ao fundo

o seu tapete amarelo de restôlho, e para a fonte da Virgem que ficava em baixo numa veiga vicejante de moitas de alecrim e alfazema, rodeada de canteiros frescos. Sôb um nicho, em cujo dorso escorregava uma rodada capa de folhágens, a Virgem era adorada pelos religiosos que ali vinham em romaria todas as semanas. Não havia monge que não levasse do jardimsito da sua cela uma flôr para deixar na fieira de jarras que corria ao rés da estátua. Todos depunham ali o óbulo da sua piedade e do seu amor, e nêsses dias de espairecimento Nossa Senhora parecia mais linda e mais alegre, iluminada por uma gambiarra florida que a adoração dos monges lhe acendia aos pés e depois lentamente se apagava e amortecia até á outra semana em que os lumes coloridos reapareciam de novo festivos e luzentes.

— Que repousado sítio para um deserto eremítico, venerável padre.

— Como convêm ao espírito da nossa Ordem.

— Exclusivamente contemplativa?

— Contemplativa pura, sem mescla de vida activa.

— E' verdade que não exerceis nenhum ministério público?

— Nenhum. Não paroquiamos, não prègamos, não confessamos, nem administramos sacramentos. Tampouco exercemos quaesquer obras exteriores tendentes ao bem espiritual ou corporal do próximo. A contemplação de Deus é para o religioso Cartuxo esta «única coisa necessária» de que nos fala Jesus-Cristo, seu único fim, sua principal e exclusiva ocupação.

— E que entendeis por contemplação de Deus?

— Mas é bem simples. A contemplação de Deus é uma conjugação íntima do espírito, da inteligência e da vontade para cumprir o mandamento divino que Jesus-Cristo considerou primacial e que consiste no esfôrço contínuo para conhecer Deus cada vez melhor, para o amar cada vez mais, para adorál-o com humildade crescente e dar-se-lhe sem reservas, em expiação e reparação dos pecados do mundo. «Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. *Hoc est maxime et primum mandamentum:* Este é o mandamento que precede a todos».

Tem-se lá fóra uma idéa tão falsa da vida monástica, até nos próprios meios religiosos!...

— Eu sei, eu sei. Não acerta, porêm, quem lhe propõe um outro fim, embora louvável. Sem falar nos intuitos meramente egoistas, menos nobres e mais terrestres, eu não tolero a utilização pessoal dos benefícios espirituais da religião, nem mesmo o desejo que uma alma sinta, por mais sincero que êle seja, de refugiar-se no claustro contra os perigos do mundo para ganhar o céu. Nem reconheço até, como fim exclusivo da clausura, a intenção altruista, embora piedosa e recomendável, de trabalhar para a salvação e santificação do próximo pela oração e pela penitência. Não, isto não é na essência, isto não é no fundo, o objectivo da minha religião.

Luciano encarava Dom Eduardo que prosseguia serenamente.

— Notai-o bem. Se com as nossas súplicas, os nossos sacrifícios e sofrimentos nós nos tornamos aqui úteis á Igreja militante; se atraímos sôbre as almas as graças e as bênçãos do céu, convencei-vos de que isso é apenas um resultado, uma consequência dos diversos actos que constitúem a vida contemplativa, mas não é o seu fim, ou se o querem considerar como fim, é um fim inteiramente secundário e de nenhum modo essencial á vida contemplativa.

— E êsse fim então qual é?

— Deus só e a sua glória.

Nesta afirmação tão sóbria e firme continha-se todo o evangelho cartusiano, e Dom Eduardo aparecia como o sacerdote máximo da contemplação. Este monge saía fóra das proporções humanas e com tal fervor se dirigia a Deus que não lhe importávam os dons que a sua fé trazia á terra e o bem que as suas préces faziam florir á roda. Deus era tudo. Se as orações volviam em bênçãos e graças sôbre as cabeças dos homens é porque batiam de ricochete no coração de Deus.

Dom Eduardo continuou:

— Afigura-se-vos nisto orgulho, altivez, preeminência? Pelo contrário, ser simples é a qualidade distintiva, é a nota característica da religião cartusiana. Tanto nas relações com Deus como nas relações com os homens, todos os nossos actos revestem um cunho de simplicidade. Ser simples nas nossas relações com Deus é irmos direitos a Ele com uma grande sobriedade de socorros exteriores, evitando tudo o que

não seja estritamente necessário. Certas coisas quer de órdem material ou espiritual que oferécem recursos proveitosos a um cristão e sérvem até de auxílio a muito religioso, consideramo-las nós supérfluas e manda o espírito da nossa religião abster-nos delas. A nossa devoção, a nossa grande e única devoção é Deus, sòmente Deus. Nesta devoção capital achamos nós tudo o que outros encontram em devoções particulares sôbre êste ou aquêle mistério da vida de Nossa Senhora, êste ou aquêle privilégio da Santa Virgem, tal santo do paraíso ou tal prática piedosa. Essas devoções, excelentes sem dúvida e úteis para a fé, são contudo acessórias e subordinadas à grande devoção de Deus. Há quem diga, não sem fundamento, que nós é que continuamos a tradição dos padres do Deserto, dêsses antigos monges eremitas que povoavam as regiões desabitadas do Egito, da Tebaida e da Palestina. São bem dignos de imitação êsses primitivos anacoretas que os nossos Estatutos nos recomendam como modêlos. Quando se estuda a vida e a doutrina dêsses antigos solitários, o que se vê logo é a maravilhosa simplicidade da sua piedade; é a ausência completa de toda a vontade que não seja a devoção de Deus. Deus, Deus só é objecto de contemplação e de culto, sem necessitárem de outro para seu alimento espiritual. Como êles merecem bem o epíteto de «simples»! Oh santa simplicidade!

— Simplicidade que às vezes é necessário sacrificar um pouco, venerável padre. Sobretudo em questões de culto. Haveis de convir que a liturgia requer

no louvor de Deus, magnificências e explendores, um certo relêvo estético...

— Na Igreja militante, sem dúvida, mas, monásticamente, entendo que a simplicidade não deve ser excluída, e nêste particular tênde-la já observado nos ofícios cartusianos. Os nossos primeiros padres e os que se lhes seguiram e legislaram para a Ordem tiveram todo o cuidado em imprimir um carácter de simplicidade austera nos nossos usos e costumes litúrgicos, como de resto em todos os pontos das observâncias. Não quizeram faustos, não quizeram pompas no culto divino nem representação espectaculosa de sorte alguma. Deveis ter notado que os nossos cantos não são acompanhados de órgão nem de qualquer outro instrumento de música, e verificareis que nas nossas ceremónias não abunda ou falta mesmo completamente, êsse explendôr scénico que a Igreja decerto aprova e que ela própria creou como uma coisa útil e necessária para a maioria dos fieis, mas que os nossos religiosos dispensam, porque aprenderam a elevar facilmente a alma a Deus sem o esfôrço de coisas que impressionam os sentidos. Sim, tudo isso é preciso, tudo isso é recomendável para o comum dos fieis que necessitam dessa excitação exterior e sensível para manter e fomentar a sua piedade; mas êste aparato decorativo não é a piedade, nem constitue de nenhum modo um elemento essencial dela, e eis porque os Cartuxos na sua simplicidade a acham supérflua e não a emprégam.

— Confesso-vos, venerável padre, que me impres-

sinou muito a modéstia da vossa dignidade sem distintivos nem insígnias.

— Foi por um espírito de simplicidade e de amor pela pobreza — que não é, de resto, senão uma das múltiplas formas da simplicidade — que os nossos primeiros padres não quizeram para os seus superiores o título de abade nem distinção alguma inerente à dignidade abacial. Investiram os priores do mesmo poder e da mesma autoridade que têem os abades mitrados, ou talvez mais ainda, mas não lhes déram insígnias nem permitiram manifestações externas. E na verdade, o que é essencial ? A autoridade. O resto é dispensavel. Foi igualmente pelo mesmo espírito de simplicidade que os nossos maiores não seguiram a tradição beneditina dos grandes edifícios monásticos, escolhendo eremitérios pobres a que não chamaram mosteiros, mas modestamente casas. *Domus cartusiae : Casa da Cartuxa.* Quereis ver ainda outra manifestação tradicional conservada nos nossos antigos costumes ? O monge, quando toma a caneca para beber, péga lhe com uma das mãos, contrário ao uso corrente hoje. E' um pequeno nada, mas não deixa de ser tocante, esta curiosa sobrevivência da simplicidade antiga.

Tinham dado uma bôa volta à cêrca. A fonte da Virgem ficava lá em cima, e desciam agora para o fundo do vale, muito ameno e fresco e alfombrado de fartos tapetes de relva. Uma frente de álamos ramalhudos e fortes defendia a cêrca junto ao muro, e para cima, na direção do convento, um bosque de pinhei-

ros bravos exalava o eterno rumôr da sua inquietação. A frescura dos álamos tinha-os atraído e no macio tapete de relvas os seus passos amorteciam e paralizavam.

— Pois pensei, venerável padre, que êste vasio da vida e esta existência, toda absorta na contemplação, tolhêssem certos impulsos sentimentais. A contemplação sugeriu-me sempre a idéa dum faquirismo insensivel, alheado e inerte.

O Dom prior sorriu.

— Não, não é a mesma coisa. Não se deve confundir a abolia hipnótica dum sectário de Buda com o êxtase e o arroubamento do místico cristão. Os nossos monges, como vêdes, são sêres perfeitamente equilibrados e duma lucidez que a clausura perpétua não prejudica jàmais, porque é Deus que dá a luz ao cérebro. Eles sorríem, são piedosos, humanos, fraternais e compreêndem os males do mundo que heroicamente atacam com seus sacrifícios e penitências.

— Em todo o caso a abstração contínua não dispersa o espírito e não isóla o ser?

— E' que não tendes a mesma fé que nós. Não compreendeis Deus senão ontologicamente, através de fórmas especulativas. Mas, porque Deus existe *vivo* na alma dum monge, nenhum pensamento aflora na sua mente, nenhuma emoção desabrocha na sua alma que não se imprégne de Deus que é, por assim dizer, o meio etério em que se produz e onde é possível a vibração particular da actividade do monge.

Precisamente porque Deus é um ser concreto na vida dum contemplativo é que êle se ocupa de Deus directamente, exclusivamente; é que aplica a sua inteligência, o seu coração e todas as suas faculdades a adorar Deus, a louvá-lo, a amá-lo e a prestar-lhe homenágem como seu creador, a profundar e estudar os mistérios divinos e as obras de Deus para melhor conhecer e compreender Deus, princípio e fim de todas as coisas. O contemplativo proclama a preeminência de Deus, a primazia de Deus sôbre todas as creaturas, o seu soberano direito de ser por elas venerado, hemenágem que não tem outros limites senão o das faculdades humanas e que não se compára com o respeito que devemos aos nossos semelhantes. Há na lei de Moìsés uma ordem assim formulada: «Consagrai-me todos os primogénitos que abrem o seio de sua mãe entre os filhos de Israel, tanto de homens como de animais, porque todos êles são meus». Deus estabeleceu esta lei para tornar bem patente os seus direitos sôbre o homem e para que o povo não esquecesse nunca que Ele era o Senhor do céu e da terra, deante do qual tudo deve inclinar se e reconhecer a sua superioridade infinita, a sua autoridade soberana. Mas há no coração do homem uma tal dóse de ingratidão e tanta cegueira no seu espírito!

A fisionomia de Dom Eduardo sombreára-se numa contracção de mágua.

— E porquê? Porquê? Porquê esta longa revolta contra o poder do Senhor que é o mais sábio, o mais

justo, o único poder soberano, porque é de Deus, creador e pai do homem? Ah, a rebeldia! Como os anjos revoltados, os homens não teem feito outra coisa senão esquivar-se a reconhecer os direitos que Deus tem sôbre êles, o seu império absoluto — fonte de toda a autoridade humana; a sua excelência preeminente -- origem de toda a bondade e de toda a beleza. O mundo perverso, que o mesmo é dizer o conjunto de creaturas que Satan arrasta na sua revolta contra Deus, tende sempre a pôr o homem no lugar de Deus, a glorificar e a exaltar o homem à custa da glória que é devida a Deus, a fazer dêle o seu próprio fim, o seu próprio Senhor, dono absoluto de si próprio. Não querem um Deus que lhes dite a lei e que lhes imponha a sua vontade. «*Nolumus hunc regnare super nos*». «*Non habemus regem ni Caesarem*». A destruição da ordem estabelecida que é tão plenamente conforme à razão, esta aberração de princípios, esta repulsa de Deus e sua autoridade chegaram aos nossos dias a um grau desconhecido nas idades passadas. Negar os direitos de Deus sôbre o homem é o timbre do intelectualismo de hoje. O protestantismo é gravemente responsavel dêste estado de coisas, êsse pretestantismo origem e fautor insigne do materialismo e da infidelidade, assim como da doutrina nefasta de Erasto, dos partidários do regalismo, dos Enciclopedistas, de todos aquêles que nos tempos actuais arvoraram a bandeira vermelha da revolta contra a Igreja de Deus. Os direitos de Deus, que a Igreja católica tão intransigentemente defende,

sofrem ataques contínuos dos incrédulos modernos. Fala-se muito dos direitos do homem, mas muito pouco dos seus deveres e sobretudo dos seus deveres para com Deus. E ai de nós, aquêles que o não négam, concebem-no erradamente. Para muitos é um ser adorável que não se associa, apesar disso, á vida. E' em tudo que se procura a felicidade: nas riquezas, nos prazeres dos sentidos, na glória humana e nas satisfações naturais de toda a espécie. Em tudo menos nêle! Eis o que é o mundo!

Dom Eduardo teve um gesto vago designando o horizonte, toda a terra descrente em rebelião contra Deus. O olhar porêm suavizou-se, a expressão tornou-se serena e confiada ao acariciar os edifícios do seu mosteiro, aconchegados em torno da igreja, como filhos rodeando a mãe.

—Mas, para glória de Deus e para honra do género humano, em face dêste mundo incrédulo ou crendo mal, em revolta ou em demência, erguem se homens que, não sòmente pela palavra mas, sobretudo pela acção e com o exemplo da sua vida e pela profissão que pùblicamente e abertamente abráçam, proclamam com galhardia os direitos de Deus, o seu direito a ser adorado, a receber a homenagem de todos nós, como nosso princípio e fim; o seu direito a ser desejado e procurado antes e acima de todas as coisas com beleza suprema e bondade sem igual. Em face dêste século tão zeloso dos seus direitos e tão altivo nas suas luzes e conquistas no domínio da sciência, tão ávido de prazeres efémeros e de gosos

terrestres, erguem-se homens cuja vida inteira é uma repetição incessante dêste grito do arcanjo em luta com Satan e seus adeptos: *Quis ut Deus? — Quem é como Deus?* Quem como Deus merece honra, glória, louvor, submissão, respeito, amor, reconhecimento?

Melancòlicamente, da alta torre, como dum ramo florido que se desfolha, desprenderam-se os lamentos dum dobre arroxeando a suavidade da tarde. Dom Eduardo deteve se, murmurou recolhidamente uma oração, e despedindo-se numa inclinação tomou o caminho do convento. O seu passo era sereno, grave e firme. Envolto numa túnica branca, mortalha álgida de dôr e penitência, êsse monge com o seu formidável *pensum* de orações e de mortificações, evocava Cristo com a cruz dos pecados do mundo, e Luciano parecia vêr o cordão de cabelos do seu cercilho, alargar-se em tôrno da fronte e eriçar-se numa corôa de espinhos.

IV

Sôbre as serranias da Chartreuse, na província franceza do Delfinado, onde o Isère corre, viu o bispo de Grenoble, que em 1084 se chamava Hugo e era santo, desceram sete estrelinhas d'oiro dum desusado brilho. E mal o bispo viera a si e considerava apreensivo que estranha visão seria aquela, eis senão quando lhe surgem sete peregrinos entre os quais reconheceu alegremente aquêle piedoso e sisudo Bruno de tão atilado juizo como experto engenho, que tivera por mestre na escola da sé catedral de Reims.

Pediam-lhe os sete viandantes, humildes de compostura e mansos em suas falas, um lugar solitário naquelas ásperas montanhas que se erguiam duas léguas andadas da cidade, para aí se entregarem ao serviço de Deus na oração e na penitência.

Eram aquelas fragas couto mais apropriado a féras do que a estância de homens e não os dissuadindo o bispo com os horrôres que dêsse deserto lhes pin-

tou, viu no caso desígnio especial da Providência e foi êle próprio que os levou à solidão cobiçada.

Coleando a base das penedias, por gargantas e desfiladeiros, em sítio já alto e apartado de caminhos e num vale que se cavava como uma concha num anfiteatro de cristas e cabeços, se quedaram os anacoretas, afeiçoando entre as rochas, com ramos e troncos, algumas desconfortadas choças, á roda duma desgraciosa e rude ermida que a sua fé tornava bela, e que benzeram 24 dias do mês de junho de 1084.

Tal foi nos seus modestissimos inícios a origem das Cartuxas e da Ordem do patriarca S. Bruno, instaurador da vida solitária e contemplativa no Ocidente.

Na renúncia ao mundo e no desapêgo dos bens terrenos assentava os seus alicerces esta nova observância monástica que fazia da expiação o ministério exclusivo da vida religiosa, tão concentrada nos eflúvíos da prece que se resolvia necessáriamente na contemplação de Deus.

*

Oriundo de Colónia, mas de temperamento francês, *quem genuisse Colonia quem Francia vult aluisse* — encetou Bruno estudos eclesiásticos na sua terra natal, mas é em Reims, onde o atrai um mais intenso fóco intelectual, que o seu espírito se alimenta e engrandece, sendo-lhe confiados pelo seu tacto, virtudes e invulgar saber, os cargos de chanceler e mestre-escola da catedral com a instrução dos clérigos e a direcção das escolas públicas da diocesse.

Era o período áureo das Escolas que Alcuino fundára na primeira época carlíngia : a de Reims sobrelevava pelos seus mestres de nomeada. Estava-se nos meados do século XI e na primeira fase da Escolástica, impregnada do grande espírito de Santo Agostínho. A teologia robustecia-se de seivas novas no ambiente rico da especulação e da filosofia. Saída de Platão e dos filósofos gregos — dêsse néo-platonismo alexandrino que reinava nas escolas pagãs do século IV, a Patrologia, precursora da Teologia, fôra o início duma conciliação diplomática do credo ortodoxo com a corrente intelectual reinante, ou mais concretamente, uma integração hábil do espírito especulativo teológico nos quadros amplos do racionalismo filosófico, de que certos padres de largas vistas, como Santo Agostinho, tinham reconhecido a vantágem e até mesmo a necessidade. Cristalizado nas fórmulas rírígidas dos dogmas, o cristianismo evangélico teria talvez uma existência efémera de seita, se a sua doutrina não se desarticulasse do hieratismo sacerdotal e adquirisse maleabilldade numa têmpera sábia com o espírito da filosofia. Santo Agostinho, com razão considerado o primeiro Padre da Igreja, foi o mestre sublime que caldeou a razão e a fé e fez da religião cristã um corpo orgânico de doutrinas, que aliás só seria completado oito séculos depois por S. Tomaz d'Aquino, que havia de trazer-lhe o instrumento filosófico por excelência, a dialética de Aristóteles, utilizada com genial mestria.

A Escolástica, que nascia do grande impulso de

Santo Agostinho, pretendendo realizar esta harmonia da razão e da fé, quando não subordinação — *ancilla theologiae* - era no fundo o novo aspecto doutrinário resultante da interpretação dos conhecimentos humanos, segundo o critério ortodoxo, pelas novas escolas oficiais tão profusamente espalhadas na grande época carlíngia por catedrais, mosteiros e simples presbitérios.

A escola principal de Reims, que durante o mestrado do sábio Gerberto — depois Silvestre II — se tornára uma das primeiras do Ocidente, não perde o prestígio sob a regência do douto canónico que foi S. Bruno. Durante vinte anos a preciosa fonte de saber que é êste grande luminar jorra perene e sem interrupção. A sua cáthedra é um sólio, a sua palavra é um oráculo. O mestre-escola da catedral de Reims, por sua ortodoxia e zelo que põe em defesa dos dogmas, torna-se uma das mais sólidas colunas de Roma numa época contaminada de heresias e sacudida pelos formidáveis embates do Império e do Papado, do poder civil e da Igreja que quer emancipar-se. Nessa questão das Investiduras, onde se jogavam a independência e soberania de Roma, o mestre Bruno toma a bôa posição e bate-se valentemente ao lado de Gregório VII. No círculo restrito da sua diocese, o nobre exemplo da conduta de Bruno, o seu desinterêsse e autoridade domam a indisciplina rebelde na sua tríplice cabeça viperina: a relaxação dos costumes, a simonia impudente e a imoderada ambição sem escrúpulos.

Que é que leva um homem dêstes de tantas luzes

e pulso firme a trocar a vida militante da igreja pela vida eremítica e a solidão do deserto? Sempre a lenda doirou de mistério certos actos aparentemente incompreensíveis da vida dos grandes homens. Um facto sobrenatural teria influído no ânimo de Bruno para o levar á penitência.

Eis o estranho sucesso.

Achava-se Bruno em Paris, quando ali faleceu um venerável mestre que ensinava na escola daquela cidade e era tido no conceito público por homem justo e temente a Deus. A elevada condição do morto fez concorrer ás exéquias inúmeras pessoas, entre as quais se via mestre Bruno. Estava o cadáver no meio da igreja rodeado dos clérigos cantando os reponsos, quando, ao entoar-se a quarta lição que começa por estas palavras de Job: *Responde mihi, quantas habeo iniquitates et pecata;* «Dizei-me, Senhor, que iniquidades e pecados são os meus», o defunto ergueu a cabeça e respondeu em voz lamentosa: *Justo Dei Judicio accusatus sum;* por justo juizo de Deus sou acusado». Tão grande espanto colheu a assistência que se interromperam os reponsos. No dia seguinte, com maior concurso de gente, repetiu-se o ofício e na mesmo ponto da liturgia, o morto levantou de novo a cabeça e exclamou em tom lúgubre: *Justo Dei judicio judicatus sum;* por justo juizo de Deus sou julgado». Aumentou o terror dos presentes e outra vez se adiou a ceremónia fúnebre. No terceiro dia, e com maior concorrência ainda, deu-se comêço ao ofício e quando se chegava á mesma exortação: *Responde mihi* o ca-

dáver ergueu-se e clamou com voz terrível : «*Justo Dei judicio condemnatus sum* ; por justo juizo de Deus estou condenado», e pesádamente recaíu no seu leito de morte. Tudo recuou espavorido. Suspenderam-se os funerais e o preeito foi enterrado sem mais ceremónias.

Eis o desígnio que teria levado Bruno ás montanhas de Grenoble.

Outro porêm devia ter sido o móbil : a vocação, mas uma vocação penetrada já do espiritualismo enternecido que doirava os cumes da religião cristã. S. Bento e ainda S. Bernardo marcam na claustralidade uma época assimiladora e creadora. As suas instituições eram raízes da mesma germinação embrionária, que só tinham vindo assegurar mais vitalidade á Igreja, robustecendo-a e consolidando-a. S. Bento e S. Bernardo são ramificações, são frondações ; S. Bruno é uma floração.

A sua época estava cheia do idealismo angustiniano que filtrára dôcemente no cristianismo e fizéra das antigas virtudes estoicas do paganismo tendências generosas e efusivas de piedade, de bondade e de resignação. A polémica do nominalismo e do realismo embora brilhasse nela um dos mais insignes doutores da Igreja, Santo Anselmo de Cantorbery, não interessava a todos, pela sua secura e dialética exaustiva, e provocava uma reacção que, alguns anos depois da morte de Bruno, havia de tomar corpo e concretizar-se nas doutrinas místicas dos monges Hugo e Ricardo da abadia de S. Victor. Mestre Bruno, muito austero

e virtuoso, sábio mas simples e recolhido, desinteressando-se do estéril filosofar, remergulhou no idealismo puro augustuniano e d'ali á contemplação não era longe.

A mitra de Reims que êle não aceita — um mais refulgente nimbo o aguardava — traz-lhe propício ensejo para se retirar, e é na abadia de S. Roberto de Molesmes que êle se acolheie experimenta com inquietação as suas fôrças para o sacrifício. Ali expurga-se dos últimos resíduos mundanos, sára as feridas sangrentas de antigos hábitos decepados, corta os derrareiros liames que o prendem ao século. E' um trabalho de repolimento, de acalmação e repouso. Seché-Fontaine, na diocese de Langres, marca um passo mais no caminho da perfeição. Grenoble é a última jornada, mas não a última morada.

Em paz vivia Bruno com seus irmãos no deserto, quando o fermento daquela sciência que tanto o distinguira no século achou ainda meio de o desinquietar no êrmo. Quiz o papa Urbano que aquêle de quem tanto aprendêra na escola de Reims, viesse com seu conselho ajudál o no difícil govêrno da barca de Pedro. Em nome da obediência cede. Contra o papado erguiam se então temerosas ondas revoltas. A alta figura de Gregório VII, morto, não fazia já recuar os adversários de Roma. As facções vergadas pela energia dêste pontífice encabritavam se de novo ameaçadoras.

Henrique IV, que protegia o anti-papa, ia invadir a Itália para se vingar de Canossa, e a meia lua asso-

mava no oriente espreitando a Europa cristã esfacelada pelas dissenções. Com o sábio conselho do patriarca das Cartuxas, consegue Urbano II fazer face à tormenta, promovendo alianças que neutralizam as poderosas fôrças do Império, e concílios que cercêam o poder do anti-papa. Reconhecido, o pontífice pretende galardoar os altos serviços de Bruno à Igreja, oferecendo-lhe, d'acordo com Roberto de Guiscard, o arcebispado de Reggio di Calábria. Bruno recusa e mostra humildemente desejos de abandonar a côrte e ingressar na solidão. O papa defere, com a condição porêm, de não sair da Itália.

No extenso domínio da Torre, na Calábria, que lhe dá o conde Rogério, funda o santo patriarca a casa de Santa Maria do Ermo, onde não póde, aliás, perseverar muito tempo no seu humilde propósito de recolhimento e vida obscura. O papa chama-o e com êle parte para os concílios que frequentemente se estavam realizando, com magníficos resultados para a organização das fôrças cristãs contra o Império e o Islamismo. E só depois do concílio de Plasencia, onde se resolve a primeira cruzada, é que o pontífice dá a Bruno plena liberdade de retirar-se. O santo acolhe-se a Santa Maria da Torre, feliz. A paz lá fóra parecia então um reflexo do êrmo. A disciplina melhorára muito. O scisma extinguira-se. O bom Pascal II pontificava em plena calmaria. Os lugares santos estavam em poder da cristandade. Como o tinha comovido a conquista de Jerusalem arrebatada finalmente aos infieis! E com que ansiedade Bruno acompanhára

do fundo do seu deserto, nos confins da Itália, a marcha da hoste libertadora guiada pela coluna de fogo da fé!

Essa primeira cruzada ficára o acontecimento maior da sua época e poucas vezes uma convulsão arrebatára os homens em mais nobre e desinteressado impulso. A palavra ungida do pontífice e o verbo inflamado de Pedro o Eremita electrisam a assistência no concílio de Clermont, onde se comprimem 300 bispos, 90 abades, inúmeros doutores e enorme multidão de povo. «Soldados de Deus, brada Urbano II, desembainhai a espada e feri os inimigos de Jerusalem!» *Deus o quer! Deus lo volt!* é o clamôr de todos os peitos. E a França inteira palpita e freme no impulso arrebatado da fé. *Deus lo volt! Deus lo volt!* E todos se alístam de lança em riste para a guerra santa; todos querem partir e verter sangue pelo resgate da Terra Santa. São cem mil, duzentos mil, quinhentos mil, é um milhão que se vai bater. O bispo de Puy marcha á frente, chefe espiritual da hoste de Deus. São capitães os maiores senhores, os mais gentis e esforçados cavaleiros da nobreza de França. Lá vão Godofredo de Buillon, duque da Baixa Lorena; Raimundo conde de Tolosa e de Saint Giles que combatêra já em Espanha ao lado do Cid; o conde Hugo de Vermandois, irmão do rei Filipe I; Roberto, duque da Normandia, filho de Guilherme o Conquistador; o conde de Flandres; o conde de Blois; o príncipe de Tarento, filho de Roberto de Guiscard; toda a fina lôr de cavalaria e da nobreza cristã. Levavam nos om-

bros ou no peito dois pedaços de pano vermelho em cruz : são os cruzados da fé, a hoste religiosa que vai remir o túmulo de Cristo com o seu sangue generoso. E' um milhão... Mas o clima, a fome e as epidemias cevam-se nesta massa viva. As areias abrazadas bebem sôfregamente êste mar de vidas, e por toda a amplidão desolada dos desertos da Asia-Menor a morte faz sinistramente uma larga sementeira d'ossos. Era um milhão ; são vinte e cinco mil que chegam ás portas de Jerusalem. Que era isso porêm? As vidas tinham caído sôb a bênçam de Deus e em serviço de Deus. A terra de Cristo voltava á Cruz e na Cidade Santa um principe cristão depunha sôbre o Santo Sepulcro em submissão humilde, a gloriosa espada que expulsára os infieis...

Dezasete anos vive ainda Bruno naquela dôce solidão de Santa Maria do Ermo de que tão enternecidamente fala a um amigo : «Não sei como pintar-vos êste retiro com suas formosas vistas, seu ar puro e sempre tépido...» E sôbre os benefícios que no claustro colhia não menos comovido se mostrava : «Dos bens e suavidades que proporciona a solidão e o silêncio do deserto, só quem os tenha experimentado póde fazer idéa justa. A solidão dá ao homem generoso liberdade inteira de recolher se em si próprio, de habitar consigo mesmo, e no silêncio do deserto póde êle sem interrupção cultivar o germen de todas as virtudes e saborear no seio da felicidade os frutos da glória. E' aqui que se adquire aquela serenidade que permite avistar Deus; é aqui que se trabalha em ócios

ocupados e que se descansa em uma actividade isenta de agitação e confusão.» Há melhor definição da vida contemplativa ?

Não eram já do número dos vivos os seus grandes amigos Urbano II e Rogério de Guiscard, quando o patriarca se finou, vélhinho, 6 dias do mês de outubro de 1101 na dôce paz de Santa Maria do Ermo, sôbre umas tábuas cobertas de cinza, que outro leito não tolerava o santo.

— Privilegiada vida, considerava Luciano largando-se dum sector da biblioteca do convento onde estava há duas horas a esventrar o *rayon* consagrado ao patriarca das Cartuxas. Sem nos deixar uma regra escrita, só pelo influxo do seu exemplo e da sua conduta, S. Bruno cria um instituto monástico tão perfeito e conforme ao espirito da religião, que não necessitou jàmais de ser modificado. Sem dúvida, as ordens religiosas são ainda o que há de melhor na Igreja. Não é senão porque elas são intérpretes fieis do espírito da religião que os partidários do laico as perséguem implacavelmente. De facto, na Igreja militante é-se o que se póde ser; mas no claustro é-se como se deve ser. Numa sociedade como a nossa baseada na força e na violência, em que a melhor educação é, portanto, aquela que torna o homem mais egoista e duro, para mais facilmente vencer, as virtudes claustrais de renúncia, de desapêgo e de desinterêsse desconcertam e irritam,

e para quem se rege por normas de sociabilidade e altruismo e procura realizar uma vida moral e justa, êstes homens austeros e probos são, incontestavelmente, um alto exemplo e um forte estímulo... Mas fr. Bruno vai-se demorando, exclamou Luciano interrompendo o solilóquio e vendo as horas.

E para matar o tempo poz-se a deambular de novo ao longo da comprida sala capitonada de erudição e de saber. A biblioteca, muito variada e rica, dividia-se em sectores com dísticos ao alto para orientar. Começava-se pelas vidas dos Santos e seguia-se depois História eclesiástica, História profana, Sciência, Filosofia, Liturgia, Teologia dogmática, Teologia moral, Patrologia, Sagrada escritura, Biblioteca cartusiana, Direito canónico, Direito civil, etc. A Mística, muito copiosa, ocupava toda uma parede ao fundo, onde, em um nicho cavado na massa espessa dos fólios, uma linda estátua da Virgem presidia, radiante, rodeada das obras de Santo Afonso Ligório, S. Pedro d'Alcântara, Santa Tereza, S. Tomás d'Aquino, Santo Inácio, S. Boaventura, S. João da Cruz, Fr. Luiz de Granada.

Estava Luciano a rolar os olhos por esta imensa seára mística quando surdiu á porta, sem ruído, uma figura branca de monge que o fez estremecer. O religioso, sem atentar nêle, reverenciou profundamente a Virgem e prostrou-se orando, de olhos baixos. Luciano reconhecera padre Anselmo na cogula branca do Cartuxo. Uma vaga alta, ondulação do largo, alento fundo do passado, levantou-lhe o peito e marejou-

lhe os olhos. Num relâmpago de evocação dolorosa reviveu o seu quimérico e fracassado sonho ideal da Vida — uma Catedral de beleza com o amor lá dentro. E relembrou como no desvairo da desilusão e do desespêro êle viéra cá para fóra e disseminára inutilmente o pólen d'oiro da sua candidez sentimental na terra calcinada pelo fogo dos ódios acesos, dos egoísmos vorazes e da insensatez cruel e insanável... O monge continuava orando. Quando se ergueu tinha ao pé Luciano que o estreitou num grande abraço comovido.

Fr. Bruno, enternecido, os olhos húmidos, fixou o com bondade.

— Obrigado por terdes vindo, não por mim mas por vós. Espero que haveis de salvar a vossa pobre alma transviada.

Luciano, recuperando-se, encarava o seu irrequieto e verboso amigo, cujo melhor parecer e bôa côr rosada o surpreendia. Não era aquela figura emaciada e ascética do antigo padre cantor da Sé, entusiasta ardente da liturgia e da mística. Fr. Bruno tinha um ar acolhedor e calmo, de unção e docilidade e sorria com toda a alma nos olhos, sereno, compenetrado e comedido. Apenas a sua palavra era ainda sacudida pela antiga vivacidade palradora e quente.

— Mas encontro-vos óptimo, padre Anselmo, perdão... fr. Bruno. Não me admiro nada. Eu próprio me sinto já outro com esta paz que tem não sei quê de angélica beatitude. Que ar é então êste aqui dentro para embriagar assim a gente ?

— Efeitos da oração, meu amigo. E' a oração que cria a boa disposição e faz aflorar aos olhos esta expressão de consciência repousada, de contentamento e de satisfação que radia em todos os monges. Não encontrareis aqui senão corações bondosos, almas cândidas que só sabem rezar e sofrer pelos pecados do mundo. Como quereis então que o reflexo de tanta pureza e santidade não torne tudo aqui dentro suave?

— E que suavidade, fr. Bruno! Até as árvores, as pedras, a terra humilde, todas as coisas inanimadas, tudo parece ungido de religiosidade e mansidão, tudo parece rezar e meditar. Acreditai que tenho ás vezes receio de perturbar com a minha presença êste recolhimento em que se mergulha aqui. Tudo parece alheado, abstracto. Nos claustros, as arcadas sugerem-me pessôas de joelhos e aguardando a comunhão. As árvores tão quietas, submissas e abismadas, estão como atentas a uma voz de dentro. Tudo tem o ar de andar suspenso, a boiar, num ambiente fluido, diáfano, mas sensivel como uma tépida luz dissolvida.

O monge sorriu satisfeito.

— Vejo que vos tendes dado bem e que sentis toda a suave penetração do claustro. Mas, contai-me o que tendes feito desde que estais aqui. O Dom Prior deu-me apenas conhecimento da vossa chegada e do encontro que hoje devíamos ter. Não ignorais que estou em vésperas de profissão sólene e que passei a última semana num regime especial de preparação que me impediu de vêr-vos logo.

— Sim, Dom Eduardo explicou-me...

— Mas contai, dizei...

E Luciano relatou a sua primeira e horrivel noite, a impressão formidável e terrificante das vigílias, a assiduidade paternal e carinhosa do Dom Prior e a serenidade que encontrára no mosteiro, aquela paz elisiana como devia ser no céu. Custava-lhe crêr que fôssem homens, que fôssem sêres de carne e ôsso como ele, êsses vagos vultos que fugidiamente via perpassar no mosteiro com um evocativo ar bíblico nas suas alvas roupas flutuantes. Que gente era essa? D'onde viéra? Que tinham sido êsses homens no mundo? Os conversos, êsses adivinhava-os. Mas os impenetráveis monges do claustro grande? Que se ocultava detrás d'aquela grave austeridade? Quem eram?

— E' uma das minhas maiores curiosidades, fr. Bruno. Não me atrevi ainda a interrogar o Dom Prior a êste respeito. Receio parecer indiscreto.

— Nem êle vos diria nada. Excavar a vida anterior dum monge é profanar uma sepultura. Cada um dêstes homens quando se poz a caminho para o claustro enterrou lá fóra o seu passado — bom ou máu. Encontrareis aqui, evidentemente, as mesmas almas, mas o lastro de idéas, de pensamentos e preocupações mundanas, a jaça impura em que isso andou associado, tudo ficou do outro lado dos muros com os farrapos da outra pobre e quási sempre miserável vida. Inútil, pois, interrogar alguêm. De resto, o passado é uma coisa sem sentido aqui. Cá dentro há apenas monges. A sua história começa desde que

transpuzéram o humbral da cela. A vida antiga do pecado, essa desapareceu, sumiu-se, delida e gasta pelas mortificações e penitências.

— Contudo...

— O que posso dizer-vos, meu amigo, é que Santa Maria de Miraflôres é uma comunidade ilustre dirigida por um homem que alí ás virtudes monásticas em que é modelo, primores de ilustração e de saber em que é mestre.

— Apreciei-o já, fr. Bruno. Dom Eduardo fez-me logo uma grande impressão, majestoso sem dureza, grave sem rigidez. Na sua elevada figura, lembra-me aquêle S. Bernardo que Filippino Lippi pintou no memorável quadro da visão do santo cisterciense, que está em Florença na igreja da Badia. Presumo o que o seja um claustro com tal pastor por guia.

— Pois a exemplo do seu pastor, a comunidade de Miraflôres é um viveiro de santos que se despojaram de todas as superfectações mundanas e vivem quási reduzidos a almas. Que edificante exemplo, à face das raivas e sofreguidões ambiciosas que atiram lá fóra os homens uns contra os outros, o da renúncia destas creaturas simples que precisam apenas de um pouco de pão e cuja vida se consome inteiramente, noite e dia, em sincera e fervorosa súplica pelo bem estar e salvação dos homens. Como fez bem em vir, Luciano!

— Sim, é admirável, assombroso mesmo. Mas um regime dêstes não depaupera as forças, fr. Bruno? E' verdade que tendes todos excelente aspecto...

— O que conserva a saúde é, melhor do que tudo, a sobriedade. E' mais prejudicial o excesso do que a privação. O homem alimenta-se de pouco, de quási nada; mas, como em todas as coisas humanas reina o absurdo, sacrificou-se a função alimentar — como aliás outras necessidades fisiológicas — ás perversões sensoriais. E é a formidável resistência animal sempre na brécha que atalha as nossas tolices de racionais. Diz-se que a existência é bem precária; em grande parte sômos nós que o queremos. O homem é o mais cruel inimigo de si próprio e não há luta maior do que a que se trava dentro dêle entre a insensatez a atacar a vida e a vida a reagir com todas as forças do organismo. A doença é rara nos irracionais porque vivem conformes à natureza e não ha morbo capaz de forçar as suas defesas orgânicas.

— A razão é então um mal?...

— Um terrível mal quando não se sabe aproveitar o enorme bem que há nela...

— E é essa vida natural que vos dá tranquilidade e paz?

— A vida simples que aqui levamos produz a paz nos nossos corpos. Há, certamente, hereditariedades de que não temos culpa; como, porêm, não são excitadas conservam-se latentes e não abrólham. Por isso é raro haver aqui doentes e a longevidade é notória. Conta Dom Le Masson que o papa Urbano V querendo piedosamente suavizar a regra das Cartuxas, cujo rigor lhe parecia abreviar a vida dos monges, ia quebrar com um decreto a tradição da abstinência

perpétua, quando lhe surgiu em Roma para o dissuadir, uma comissão de 27 religiosos cartuxos, o mais novo dos quais contava 88 anos. O argumento era tão decisivo que o pontifice não insistiu no decreto.

— Todavia, é certo que procuram voluntariamente sofrimentos físicos.

— Sem dúvida. O uso do cilício permanente, os longos jejuns extenuantes, a interrupção do sono e a enxêrga dura em que estiramos o corpo, são voluntárias mortificações. Mas o costume atenua os incómodos. De resto, não são as mortificações físicas em si que nós temos maiormente em vista; é o gesto moral demonstrativo do desprezo por molezas e superfluidades. Aquêle que pratica jejuns contínuos sabe que o seu organismo é insensível já a privações — que não lhe dão, portanto, um grande sofrimento; mas ao jejuar, o monge faz uma nobre afirmação moral — a sua repulsa aos excessos e imoderações da gula. O desprêzo de cómodos e confortos não causa moléstia nem traz nenhuma dôr orgânica, mas ao privar-se dêles o religioso afirma o seu desdêm por luxos e vaidades e combate indirectamente a riqueza e a opulência mostrando com o seu desinterêsse que em circunstância alguma se serviria delas. Deixai-me dizer-vos, porêm, que, embora não utilizemos comodidades, não pretendemos que ninguem se prive delas. Não sômos hostis á sciência, á higiene e ao progresso. A nossa abstenção — se nela se póde encontrar um protesto — é apenas um protesto mudo con-

tra o desregramento e a ostentação faustosa que ultrajam Deus.

— E também a miséria dos pobres e dos humildes.

— Mas, notai bem, e isto é importante, acentuou o monge com convicção. Não é sob a forma de recriminações e de censuras, ou de lema inscrito nas nossas regras que nós nos abstemos e seguimos hábitos que não são do mundo. Não é um repto nem uma provocação. Sômos assim porque queremos ser e não para que olhem para nós. Podemos servir de exemplo e sermos d'alguma fórma moralmente úteis? Tanto melhor. Não estamos contudo aqui para corrigir costumes, mas para salvar almas do pecado. Não sômos reformadores, sômos expiadores.

— Um claustro não é evidentemente laboratório de reformas sociais...

Fr. Bruno considerou com gravidade o seu amigo e depois dum silêncio de reflexão prosseguiu.

— D'acôrdo, o reformador não póde talhar o modelo duma organização social numa comunidade religiosa nem tomar a cela dum convento para célula-tipo da sociedade humana. Mas, se observardes aqui de bôa fé e sem idéas preconcebidas, reconhecereis que no claustro se praticam como em parte alguma as altas virtudes da fraternidade, da cooperação e disso a que vós chamais a solidariedade; e que, individualmente, há muito que aprender não só nos admiráveis exemplos de renúncia, de abnegação, do desprendimento e de sacrifício que são a maior fôrça moral do homem e márcam a têmpera do carácter, como tam-

bêm, meu caro revolucionário idealista, na imolação sublime e desinteressada da existência a um princípio abstrato, virtude moderna tida em tão alta conta. O que é que vós lá fóra apreciais acima de tudo? A coerência, quer dizer, a conformidade dos actos e das palavras. Ora, a melhor justificação das vossas idéas de bondade e de justiça é, portanto, a prática da bondade e da justiça. Não há propaganda que melhor frutifique como a do exemplo. Por muito perverso que o mundo seja a virtude é ainda olhada com simpatia. Procurai, portanto, ser virtuosos e guardai-vos de falar e acenar muito. Agi sobretudo. O lado fraco de toda a propaganda—como o de todo o apostolado—é o desacordo entre o que se diz e o que se póde ou é possivel fazer. Tem cada um a certeza de que irá até onde as suas palavras vão? E depois—haveis pensado bem nisto? — como é que podeis reprovar o egoismo dos ricos e poderosos, o seu bem-estar e a sua dureza, se há por detrás de vós creaturas ainda mais pobres e miseráveis do que vós, com quem devieis repartir o supérfluo que sempre cresce? Verberais o perdulário opulento que atira milhões pela janela fóra e esbanja o que a outros tanto custou crear. Não tendes vós tambêm prodigalidades? Decerto, as vossas dissipações estão para as dum Vanderbildt como um grão de areia para uma montanha. Mas, notai-o bem, nas decisões do juizo supremo o vosso grão de areia pesará mais do que a montanha d'oiro do milionário, porque a êle será adicionado o lastro moral das vossas incoerências e contradições. Sabeis. E' mais

condenável a falta d'aquêle que quer passar por justo do que a do ímpio que se mostra tal qual é. Ah, querer a justiça é fácil, mas o difícil é ser justo. E é isto que é essencial.

— Aceito todas as vossas recriminações, murmurou Luciano dócilmente. Sobeja-vos autoridade.

O rôsto do monge contristou-se ante esta atitude humilde, onde via uma exaltaçãa dêle.

— Parece-vos isso? Pois a mim não. E só de o julgardes me sinto mal. A vossa humildade mostrou-me quanto fui orgulhoso nas censuras que vos fiz, esquecido de que tenho tambêm faltas e bem mais graves do que essas. Falei-vos na balança do juizo supremo que pésa as culpas. Pois as minhas deante de Deus são ainda maiores do que as vossas, porque, ai de mim, para lá dêsses muros ha sêres ainda mais miseráveis do que eu...

E Luciano considerava atónito êsse escrúpulo levado a um tal extremo, duma creatura que não pesava nada ao mundo e tomava na natureza o seu alimento tão escassamente e tão inocentemente como um passarinho que mata a sêde numa fonte rústica.

O toque para Vésperas quebrou o embaraço onde fôra dar o colóquio.

— Vamos, disse fr. Bruno, deixando a biblioteca. E quando quizerdes falar-me pedi sempre licença ao Dom Prior.

Depois internáram se silênciosamente no claustro a caminho da igreja.

V

O tempo corria veloz.

— A única coisa de que temos falta aqui é de tempo, costumava dizer Dom Eduardo, querendo significar que o *pensum* monástico, longe de ser incómodo e fastidioso, absorvia tão deliciosamente o espírito que nem se dava pela sucessão dos dias, o que ocasionava, não poucas vezes, embaraços nas questões d'ordem prática.

Estava-se, de facto, tão ocupado nas orações e era tão agradável orar, que a vida no convento tinha uma serenidade de céu sem nuvens, de horizonte de mar, sem acidentes que marcassem como pontos de referência a rotação do tempo. Tudo era calmo, rítmico e suave — verdadeiro ambiente de contemplação e de êxtase. Percebia-se isso observando como aquêles homens oravam. Havia sempre fulgor nos seus olhos. Os gestos e as atitudes alçavam-se em agudas ogivas, fendendo o ar e abrindo caminho para as al

mas subirem. As vozes não eram senão um esvoaçamento d'asas. Nos ofícios operavam-se verdadeiras transfigurações. O rito, longe de se tornar monótono e de mecanizar-se à força de repetido, fluía ardente e vivo sublinhado com todos os acentos da alma comovida.

Nunca Luciano vira manifestar-se a um tal ponto essa radiação que o ser toma nos grandes júbilos, nas felicidades trasbordantes, na íntima satisfação e contentamento de si. Era sobretudo nas missas que esta elevação do espírito atingia o auge e o claustro se fundia todo em Deus

Ah, as missas no convento!

Nunca mais íntima e perturbadora evocação divina seria possivel como nestas comoventes missas da manhã, á porta fechada, de que participava apenas a dupla fila branca dos monges, na macia e religiosa luz dos vitrais abrazados ao sol nascente.

Era num silêncio recolhido de comunhão que o rito se desenrolava tecido nos lentos movimentos do sacerdote. O celebrante não sacrificava, como na liturgia romana, assistido de um diácono e subdiácono dalmaticados; um outro monge é que acolitava sósinho revestido da cogula eclesiástica, sôbre a qual, ao Evangelho, êle punha uma larga estola dobrada em manípulo no braço esquerdo.

Que gravidade a dêsse homem que repetia Deus sacrificando na ara santa a vítima imolada à salvação do género humano! Todo o côro se compenetrava do mistério augusto e parecia suspenso, como se Deus em

pessôa descêsse e estivesse ali presente corporizado numa fórma branca. E os gestos do celebrante tinham um prolongamento para lá das coisas, um ritmo fóra do ritmo vulgar. As suas palavras não eram colhidas na letra seca dos textos. O verbo divino não era trasladado na versão fónica duma voz humana, mas fluía e emanava das próprias coisas santificadas pela boca daquêle ser santo que vivia uma vida estranha, sobrenatural e nova.

Nunca, como nestas missas monásticas, Luciano vergára tão rendido e subjugado à pressão sensível dum poder espiritual presente, perceptível nesta solicitação centrípeta que sofriam os gestos, as atitudes, todas as inflexões da liturgia, gravitando para um centro de amor, de adoração e de culto. E era realmente Deus que surgia ao comovido apêlo *Veni sanctificator* e pulsava vivo no coração do monge, glorioso e santo, Pae omnipotente louvado dos anjos, adorado das dominações, celebrado dos serafins, temido das potestades e das virtudes do céu. E nenhuma humildade era comparável à dêsse homem abismado na majestade do seu ministério, cujas mãos ao tocarem no pão consagrado tremiam tanto como a sua voz do *Domine non sum dignus*.

Mas o momento supremo era à elevação da hóstia. Havia então como que uma síncope do pensamento, da alma, da própria vida. Os monges prostravam-se, rojavam-se, escondiam a face no pó, aniquilados, apagados, numa subversão total. Luciano considerava pálido e aturdido estas creaturas abatidas pela lufada

sobrenatural, mortificando-se, envilecendo-se e vangloriando-se no seu nada. E nesta figuração simbólica de Cristo arvorado no Calvário que o celebrante evocava ao levantar acima da sua cabeça o corpo místico de Jesus, não parecia senão que o grande Cristo do rétabulo acordava no lenho do seu suplício, e que a sua carne torturada e sangrenta palpitava e estremecia viva sôbre a hóstia branca erguida para êle.

Luciano saía dêstes ritos comovido até ás medulas e sacudido por um frémito que lhe penetrava nos nervos com um aço frio. As demoradas prosternações, como as dêsse quarto de hora da *adoração* que precedia á missa, quebravam-lhe os rins e torturavam-lhe os ossos. Amparava-se ao reclinatório para não cair, aguardando que uma rubrica compassiva o atirasse sôbre o assento da sua estala. Mas, as torturas horriveis diluíam-se na doçura calma da Liturgia e ao findar a missa sentia-se mundificado e clarificado como aquelas formas brancas que debandavam lentas, deixando por muito tempo na igreja uma subtil pulverização branca de inocência, de pureza e de santidade.

*

Aquela tarde, Luciano ficára de encontrar-se de novo com fr. Bruno à saída de Vésperas. Não lhe era permittido franquear a cela do monge, muito menos agora no período de preparação especial em que êle se encontrava para os votos definitivos. Podiam con-

tudo avistar-se no claustro grande. Dom Eduardo autorizára complacente.

Depois do ofício, e enquanto aguardava o monge retido por uma prática, Luciano abalou para a quinta. Era dos melhores momentos do artista errar sósinho sob as árvores do parque deserto, na dôce frescura das sombras, ou sentar-se lá em baixo, à beira da fonte da Virgem, entre moitas de alecrim e de alfazema, e dar de beber aos canteiros sequiosos.

O sol de Burgos, muito tépido e loiro, escorria nas folhágens uma melancolia outonal, e para lá dos muros da cêrca, o ar macio e muito terno dava aos longes sem grisalha transparências finas de esmalte. As cadeias de montanhas que corriam para o norte fluidificavam se em tintas rôxas no horizonte, muito nítidas e onduladas, como roliças ondas dum longínquo mar.

Luciano sentára se no pedestal da estátua de S. José e folheava distraídamente o breviário que o acaso lhe puzéra nas mãos, colhido nalguma cela viúva, e onde tanto santo lêra a palavra de Deus. O velho livro piedoso estava gasto e puído do uso. Sôbre as suas folhas amareladas quantos olhares não tinham vagamente errado, e de quanto fluido não estava impregnado êsse pergaminho aquecido por mãos ardentes e lábios enfebrecidos? Ele fôra testemunha muda dos êxtases, dos raptos, e tambêm dos desalentos e das dôres ocultas amordaçadas, e quantas lágrimas êsse velho livro discreto não teria bebido de saudade ou de amargura, de alegria ou de desalento ?

No perpassar das páginas deteve-o uma curiosa folha intercalar com os nomes místicos das Cartuxas, designações encantadoras de que êle conhecia apenas uma ou outra. Poz-se a ler. Era uma ladainha branca que só poetas podiam ter composto. Que adoráveis nomes os dêsses conventos que lembravam um colar de pérolas em tôrno do colo de Maria Santíssima! E definiam só por si a Ordem êsses apelativos brancos que eram como que uma projecção d'astros na terra, um reflexo cà em baixo das suavidades consteladas do céu...

A Ordem vinha serenamente, como um ténue fio de mansas águas, via láctea enevoada através da noite dos tempos. E via-láctea era, sem dúvida, essa radiação vagamente esparsa em que os astros se submergiam ignorados e humildes, afogados no brilho anónimo das virtudes comuns

Nenhuma Ordem pactuára menos com o século e só ela podia, com justo orgulho, vangloriar-se de não ter tido jàmais necessidade de reforma. As suas Casas, erguidas sob a invocação da Virgem, participavam da sua pureza e eram como grandes lírios alvos desabrochando cândidamente na dôce inquietação dos êrmos.

Que adoráveis estes conventos brancos, êstes macios e aconchegados ninhos de almas, vasos de unção e de piedade, cujos nomes pronunciados purificavam os lábios, enterneciam os corações e eram como um ramo de rosas agitado, uma porta do paraíso que se entreabrisse, uma nesga do céu que se mostrasse!

Que suave e preciosa a nomenclatura dêstes eremitérios castos baptizados por poetas!

Como expressão de repouso, de quietude e de fecundidade da oração, era sobretudo no calmo simbolismo da paz, da fertilidade e da beleza da terra que se desatava este fio de pérolas: Vale dos Santos, Vale de Deus, Vale de Cristo, Vale de Santa Maria, Vale da Misericordia, Vale da Rendição, Vale das Virtudes, Vale do Paraíso, Vale Formoso, Vale Precioso, Vale Profundo, Vale de Josaphat.

Sob outras invocações se mostrava ainda a fantasia lírica dos poetas das Cartuxas. Umas evocavam na paz serena dos seus jardins e êrmos, amarguras e travos de agonias: «Horto de Cristo», «Horto da Virgem», «Dons da Virgem». Havia-as que se deleitavam nas graças e dons de Maria e se amparavam docemente a Ela: «Fonte da Virgem», «Claustro da Virgem», «Jardim de Nossa Senhora», ou se acolhiam ao seu regaço de mãe: «Ilha da Rainha do Céu».

Nas costas ásperas de embravecidos mares eram também abrigo de tormentas: «Porto da Virgem», ou cidadela inacessível: «Monte de Deus», «Trono da Trindade» e «Pedra de Refúgio»; e alçadas para a escalada do firmamento: «Scala Dei», eram finalmente ante-câmara da desejada mansão empírea: «Porta Coeli», a «Porta do Céu»...

— Compreendo agora que padre Anselmo tenha escolhido êste lindo convento de monges brancos para morada da sua alma simples, considerou Luciano. Não pode haver maior pureza na vida e o mundo não é

afinal tão máu, pois nêle são possíveis ainda estas admiráveis coisas.

Levantou-se e lentamente meteu por uma rua de álamos. Nunca lá fóra experimentára esta doçura descuidada de viver, esta calma quietação de si, êste abandono lânguido de se deixar ir sob invisíveis afagos que o entorpeciam como carícias de veludo. O ar era morno e dôce. A paisagem, parada, sonolenta, no infinito desenrolamento do descampado, tinha uma expressão amiga de quietude e de recolhimento que o sol doirava e enternecia. Da montanha sagrada o olhar rolava em baixo sôbre esta terra morta e nua, espraiando-se lisa e igual como uma superficie oceânica. As habitações do homem tinham discretamente ficado muito para lá e era à roda, num raio de quilómetros, uma zona isoladora de solidão e de silêncio, propícia ao esvoaçamento imperturbável das orações. O homem retraía-se, as próprias aves emudeciam e os ventos afagavam como zéfiros. Só o ar vivia, forte, túmido, sensual, um ar de outono impregnado de oiro, que escorria molemente nas folhágens, arroxeava os montes longínquos e dava ao céu tons vivíssimos de turqueza húmida.

Luciano, comovido pela melancolia da tarde, deixou a quinta embebida d'oiro e atravessou a horta para o claustro.

Fr. Bruno aguardava-o já numa arcada rezando as Completas no breviário. Mal o pressentiu, deteve-o um momento com vago gesto. Depois, concluída a oração, foi ao seu encontro.

— Vejo-vos nos olhos o reflexo desta solidão, exclamou. Deve molestar-vos muito o isolamento em que viveis aqui. Custa-vos muito?

— E' certo, respondeu Luciano, que a solidão me enerva um pouco, sobretudo ao entardecer. E se as noites não fôssem interrompidas pelas três horas do ofício não sei como havia de passá-las. A hora mais angustiosa é a do crepúsculo, quando as sombras descem sôbre o convento. E que lentidão a dêstes crepúsculos na montanha! Que trágica agonia a dêstes poentes arrastados pelas planícies em fogo!

Tinham começado a deambular ao longo do claustro grande. Pelas vidraças das arcadas vertia uma luz de vitral espessa como um mel doirado. Do prado exalava-se um aroma acre das sebes de buxo murando o cemitério. Um converso, com um chapéu de palha, soltava a água do tanque para os regueiros dum talhão de couves.

— E dormís bem até Matinas? preguntou o monge.

— Declaro-vos que sou renitente no cumprimento do preceito relativo ao deitar. Que o Dom Prior me perdôe esta infracção da disciplina, mas é impossível recolher-me ao leito ás 7 horas. Prefiro estar de vela até Matinas. E como é formal a interdição da luz, para ali fico d'encontro á janela, vendo melancólicamente chegar a noite e romperem as primeiras estrêlas. Depois, sento-me a um canto, mergulho nos meus pensamentos e assim levo até ás 11, embebido na sombra. E que visões perpassam naquela sombra! Creio ouvir passadas lentas no corredor e no salão da cha-

miné, e espero a cada momento que alguêm abra a porta e entre. Não sou medroso, mas pesa-me tanto a solidão conventual que ás vezes sinto-me gelar e arripio-me todo. Ainda se me permitissem luz! Lia ou escrevia e não me custava.

Fr. Bruno sorria.

— E' natural. Vindes de fóra e o vosso espírito está sobressaltado como uma ave que encerram numa gaiola. Mas as angústias que sofreis são nada em comparação dos tormentos que Satan inflige aqui aos religiosos. E' talvez por isso que as Regras monásticas destinam uma tão grande parte da noite à oração comum, não só porque o trabalho da alma é mais proveitoso por exigir maior sacrifício, mas ainda por se estar livre do influxo maligno enquanto se reza.

Haviam dado a volta ao claustro e estavam no ângulo da biblioteca.

— Sabeis, fr. Bruno, que estou apaixonado pelas Cartuxas? Como artista prefiro, sem dúvida, os beneditinos; mas, para as sugestões da espiritualidade pura não há decerto como êstes conventos brancos, de tão poéticos nomes. E eu que ainda não sei nada da vossa Ordem, fr. Bruno! Ignoro tudo, excepto que é superiormente bela. Os monges Cartuxos preocupam-se tão pouco da publicidade, o que aliás é natural numa Ordem contemplativa, que não é fácil instruirmo-nos àcêrca dêles.

— Mas aí na biblioteca encontrareis tudo o que precisardes, replicou o religioso apontando o recanto do claustro.

— Fr. Bruno, não tenho agora ânimo para me enterrar nos fólios. De vós me vou socorrer, que todo eu sou pouco para andar por aí a sonhar e a divagar. - Quereis acreditar que mal toco nos *Exercícios Espirituais* que o Dom Prior me manda ler ? Embriaga-me tanto a doçura dêste ar, que ando fóra de mim, enlevado num constante arroubamento. Sinto-me poeta. Ando impregnado de lirismos ternos e dá-me vontade de abraçar e beijar as árvores... Mas, falai. Ouvindo-vos é um pouco o claustro que fala pela vossa bôca.

— Que quereis então que vos diga ? inquiriu o religioso a rir e detendo-se.

— Primeiro que tudo, fr. Bruno, explicai-me como se é monge.

— Tendes nisso muito interêsse ? Bom sintoma. Afianço-vos, porêm, que leva seu tempo e não é tão fácil como se pode supôr.

— Dizei então.

— O aspirante a monge passa por muitas mãos. Primeiro é o padre coadjutor que o recebe na hospedaria onde o inicia nos estudos espirituais ; em seguida é o Dom Prior que lhe observa as aptidões; dêste passa para o vigário e finalmente para o padre mestre dos noviços que, depois de lhe lavar os pés e enfiar-lhe as meias de lã branca da Regra, o envolve num manto negro e o introduz na cela. Seguem-se trinta dias de postulado, durante os quais, se é padre aprende a rezar a missa segundo as rubricas cartusianas e exercita-se em ceremónias e cantos espe-

ciais da Ordem. E' então que o aspirante toma o hábito e começa o noviciado. Decorrido um ano o noviço é submetido a um voto do Capítulo, que, em caso favorável, o admite à profissão de votos simples, mas perpétuos, de pobreza, obediencia e castidade comuns a todas as ordens, a que se acrescentam o de conversão de costumes e o de estabilidade que é de duas espécies: corporal, relativo à permanência na Ordem, e espiritual respeitante à perseverança na fé. Só então o noviço veste a cogula monástica e depois de quatro anos de provação e exercícios — e de estudos de filosofia e teologia dogmática se é secular — é que faz a profissão de votos solenes e fica definitivamente monge.

— Não é realmente tão depressa como julgava. E o que é necessário para se ser admitido?

— Primeiro que tudo vocação reconhecida, já se vê. Regularmente é indispensável, além duma cultura clássica sofrível, um conhecimento suficiente da língua latina para compreender os ofícios de côro e a teologia. O aspirante a monge deve ter saúde regular e quanto ao moral exige-se um carácter bastante flexível para obedecer a tudo o que se lhe prescreva — nada se lhe pede, é claro, que não seja justo e razoável. A obediência é condição formal, porque a humilhação é a pedra de toque da vocação religiosa.

— Declaro-vos, fr. Bruno que êsses três terríveis votos que todas as ordens exigem dos seus professos, teem para mim, que amo a liberdade e a vida, o

carácter duma abdicação e duma mutilação. Não fica o ser humano reduzido a um autómato e não perde muito do seu valor a deliberação pessoal?

— Assim seria se os votos concorressem d'alguma sorte para amordaçar ou restringir as expansões da vida. Notai, porêm, que não há abdicação nem mutilação do indivíduo nos três votos de pobreza, obediência e castidade a que chamais terríveis. Pelo contrário, êles libertam-no e dão-lhe mais ampla envergadura ao espírito. E' certo que o que faz, no fundo a degradação do homem é a fatalidade da sua dependência física. Nós possuimos um corpo e é por êle que vivemos e sentimos; mas há os que dão tudo ao corpo e vivem escravos das suas exigências, e eis o grande mal. Sem dúvida, é pelos instintos, pela raís da sua carne que o espírito se prende e não pode erguer-se à perfeição desejada; os instintos, porêm, não são tirânicos senão porque há resistências fracas. Domar certas sobrevivências é o objectivo primário duma educação. Cuidado, porém! Que educar não é extirpar nem mutilar instintos—atentado contra a vida e contra Deus. Educar é corrigir, é, d'alguma sorte, domar, canalizar. Não devemos diminuir jàmais as energias da vida, o que não seria senão enfraquecer a vida. Todas as coisas que Deus fez são bôas. Nós é que fazemos um máu uso delas — quando não estragamos e pervertemos tudo.

— Mas, ser casto, fr. Bruno, não é diminuir, não é mutilar a vida? E não é condição de todo o ser vivente amar, procrear, reproduzir-se? Porque é que

o que não é crime nos outros sêres o hade ser no homem? Não é a família uma instituição sagrada?

— Não contestamos a santidade da família, nem consideramos o amor um crime; mas se a castidade se tornou uma virtude é porque nem todo o amor é são. Reparai bem: a castidade não é uma arma para combater a família; o que ela, porém, condena é o máu uso do amor. Creia, meu amigo, não se é casto para afrontar uma nobre afirmação da vida; mas para se mostrar que se é capaz de resistir ao vício — e é nêste sentido que ela é um exemplo de sobriedade, de pureza, de moderação e de força. Sim, reproduzir-se é uma faculdade natural de todo o ser vivente, mas não constitue para ninguem uma obrigação moral. Quando Deus disse: «Crescei e multiplicai-vos» isentou de pecado a união dos sexos, santificou a família, abençoou o amor; mas não impoz, o que seria absurdo, a coabitação como um mandamento. A castidade não é impossivel nem é penosa. O homem tem um tão grande domínio em si que não lhe é difícil desviar num certo sentido todas as efusões da sua ternura. O religioso não possue, é certo, uma familia carnal, mas tem os estímulos da caridade e da piedade; tem as excitações intelectuais e sentimentais da oração e da penitência e das práticas comoventes da sua religião. Santa Tereza, S. João da Cruz, todos os grandes místicos e santos fôram castos, não tiveram laços carnais a prendel-os ao mundo, e no entanto vêde com que veemencia e com que ardor amaram e que uso nobilíssimo fizeram do seu coração. Ser

casto é uma das grandes fortalezas da alma. Os santos, os mártires, os apóstolos, os reformadores e até os grandes revolucionários do êrro são castos porque são fortes, e não há maior orgulho para um espírito do que domar com pulso rijo alguma coisa rebelde em si, não fôsse senão pelo prazer de se saber senhor de si, de não se sentir vergar a nenhum poder em si...

Luciano baixára a cabeça, vergado por aquela vontade fria duma alma inteiramente senhora de si e orgulhosa do seu poder. E vagamente objectou:

— Mas a obediencia, a humilhação, a abdicação de si...

— Obedecer é outra grande força. Obedecer é dominar-se, e vive melhor quem se domina melhor. Obedecer a uma verdade, a uma disciplina, a uma fé, a um ideal; obedecer a uma sentença sábia, a um preceito sagrado, a um homem justo é uma nobílissima atitude. Não confundir humildade com fraqueza, nem obediência com servilismo. Ser obediente é reconhecer a sua falibilidade, a sua limitação, e quanto mais o homem se restringe a si, melhor se estuda e se compreende e se conhece. Quem melhor sabe humilhar-se é quem melhor reconhece o êrro. E saber reconhecer o êrro é a suprema sabedoria. Obedecermos é talvez curvarmo-nos, — mas curvarmo-nos sob a imensidade infinita que pesa sôbre as nossas cabeças. Só os fátuos e os ignorantes afrontam o céu de cabeça erguida...

O monge deteve-se aguardando uma réplica, mas

Luciano calava-se, não respondia, intimamente preocupado.

— Creio que nada tereis também a objectar pelo que respeita ao voto de pobreza, prosseguiu fr. Bruno. A pobreza, tão querida de S. Francisco de Assis, é outra grande virtude do religioso. Ser pobre é ser sóbrio; a sobriedade dá saúde, tranquilidade, lucidez. Ser pobre é meio caminho andado para a salvação. A riqueza é o mais declivoso pendor para a condenação irremissível. Por muito bem que o rico faça, são tantas as tentações pecaminosas a que o arrasta a posse do dinheiro, que não há equilíbrio possível — e, ai de nós, não se entra no céu senão com um grande, um enorme haver de bôas acções, e um simples pecado pode tornar-nos eternamente réprobos. Ser pobre não é, pois, um infortúnio. O que faz que a pobreza seja para lá dêstes muros um mal horrível é porque os pobres são ao mesmo tempo escravos. Não é a privação, por si, que prejudica; é a dependência em que se fica dos que teem e possuem. Onde não há ricos não custa nada ser-se pobre. Reparai. Não tenho nada; não possúo absolutamente nada. Tudo o que está na minha cela, e que é bem escasso, pertence á comunidade e passará por minha morte a quem nela me suceder. Sou mais pobre que o mais pobre mendigo que passa aí fóra pela estrada. Esse sempre levará consigo algum valor seu, uma mísera moeda de cobre numa préga dos seus farrapos. Eu não tenho nada meu e desde que entrei para aqui, nunca mais soube o que é dinheiro, nem já me lembro até que o haja.

Pois bem, olhai para mim. Aqui onde me vêdes considero-me a creatura mais feliz do mundo.

E o monge dizia isto tão risonhamente afável e com um tal júbilo nos olhos, que Luciano reconheceu que, pela primeira vez, encarava alguêm verdadeiramente feliz naquêle homem que não possuía nada.

— Esses três votos, continuou o monge depois dum repouso, são os três caminhos convergentes para a contemplação pura que é o mais perfeito estado da vida religiosa e quiçá da vida humana. Notai que contemplação não significa inacção. A vida contemplativa não é, como geralmente se crê, uma espécie de letargia insensível. O êxtase religioso não é um adormecimento hipnótico de olhos abertos. Ser contemplativo é dinamizar toda a acção exterior em acção de espírito; é um reabsorvimento de energias a dentro do indivíduo. Toda a actividade contemplativa consiste em orar, isto é, comunicar com Deus. Um claustro está pois em comunicação permanente com Deus e numa intercessão permanente junto d'Ele. O claustro expia, repara, desagrava. A sua função é deslastrar o mundo de pecados e redimir o mal com sacrifícios e mortificações. E que sacrifícios! Ah, meu amigo, não há redenções sem crucificados.

— Também o creio, fr. Bruno.

Calaram-se. O silêncio do deserto era mais pesado no claustro, onde as suas passadas ecoavam como em subterrâneos sonoros. Dentro das celas a função espiritual prosseguia na sua faina expurgadora dos pecados humanos. Se o mundo ignorava aquêle

horto de mortificação e de penitência, ali no deserto sentia se o labor oculto e não era possível duvidar e descrer. Luciano compenetrado recolhia-se. Foi só depois dum largo silêncio que se integrou em si, recuperado.

— Dizei-me agora fr. Bruno, o vosso patriarca não deixou uma Regra?

— S. Bruno não deixou, de facto, uma regra escrita. Foi em 1126 que, pela primeira vez, o venerável Dom Guigo codificou os *Costumes* que se englobaram em 1259 aos *Statua antiqua* redigidos por Dom Riffier, nos quais se regulamentam e se fixam em preceitos estatuários grande número de ordenanças e de práticas recolhidas durante uma larga experiência. Essas regras fôram no século seguinte muito melhoradas com retoques e complementos pelo padre Guilherme Raynaldi, recebendo o conjunto nome de *Nova Statuta;* nos princípios do século XVI houve uma terceira compilação por Dom Francisco Dupuy. Por último governando a Ordem Dom Bernardo Carasse, unificaram se as colecções precedentes com as principais ordenanças dos Capítulos gerais d'onde resultaram as *Constituições* em vigor, definitivas, promulgadas pelo Capítulo Geral em 1681, salvo erro, e aprovadas por Inocêncio XI *in forma specifica* pela bula *Injunctum Nobis*. Estes estatutos dividem-se em três partes. A primeira determina os ritos e ceremónias que devem observar-se na celebração da missa e do ofício divino; é o *ordinarium*. A segunda fixa o govêrno da Ordem com

as diversas observâncias e emprego dos religiosos. A terceira estatue sôbre os conversos e as religiosas da Ordem.

— E como é governada a Ordem? Há um Geral...

— A Ordem é governada pelo Capítulo Geral que tem uma reunião anualmente sob a presidência do reverendo padre Geral assistido dos Visitadores provinciais e dos Priores das diversas Casas. Todos os dignitários renunciam nessa assembleia aos seus cargos e depõem obrigatoriamente os seus mandatos em que são ou deixam de ser confirmados. E' moral. A autoridade do Capitulo Geral, absoluta e universal como num concílio, é exercida durante as sessões por um Definitório constituido por oito membros e de que faz parte o reverendo padre Geral. Os definidores não podem ser eleitos dois anos consecutivos. A esta organização, muito simples mas muito severa, se deve a observância rígida da disciplina cartusiana que jàmais teve necessidade de ser reformada. *Religio cartusianorum nunquam reformata, quia nunquam deformata.* A tradição resumiu tambêm num verso mnemotécnico dos antigos Padres os meios poderosos que fortalecem a disciplina cartusiana.

Per sil, sol, Cap, Vis, Cartusia permanet in vig.

Per silentium, solitudinem, Capitulum, Visitationes, Cartusia permanet in vigore, isto é: «A Car-

tuxa persevera em seu fervor pelo silêncio, a solidão, os Capítulos e as Visitas.

— O padre Geral da Ordem usa distintivos especiais?

— Nenhuns, absolutamente. Não se distingue dos monges. Apenas recebe o tratamento de *reverendo*, enquanto que todos os outros religiosos, qualquer que seja a sua categoria, são simplesmente *veneráveis*. No govêrno do padre Raynaldi quiz o papa Urbano V conferir aos priores da grande Cartuxa a dignidade de *abade* e o uso das insígnias prelatícias, o anel, a mitra e a cruz peitoral; mas o humilde Geral, que recusou mais tarde o cardinalato, pediu com muita instância escusa daquelas honras e que não se rompesse com as tradições da simplicidade cartusiana. Foi atendido. O reverendo padre gosa de amplas faculdades e é êle que detêm todos os poderes do Capítulo Geral. Não pode jàmais ultrapassar os limites do seu Deserto. A Ordem tem os seus dignitários por graus hierárquicos, a começar nos Visitadores que deambulam de Casa em Casa, inquirem do viver de cada uma e notam qualquer negligência ou infracção. Depois, dentro da comunidade, segue-se o Prior que é o superior de cada mosteiro. E' êle que dirige a consciência dos seus religiosos auxiliado pelo padre vigário, e preside a todos os actos da comunidade, aplicando as penas da Regra, interpretando os Estatutos e outorgando dispensas; o seu imediato, o Padre Procurador, governa as temporalidades do mosteiro e superintende nos religiosos conversos e

donatos; o padre sacristão ocupa-se da conservação da igreja. Há ainda o padre coadjutor e o padre mestre dos noviços.

O sino lá fóra tocou trindades e na ternura da tarde este som parecia vir do céu azul tangido harmoniosamente, tão lento e fino se derramava no ar. Fr. Bruno ajoelhou nas lajes, ocultou o rosto no capuz e recolheu-se orando.

Ao erguer-se notou-lhe Luciano o olhar vago como se acabasse naquêle momento de acordar d'algum sonho.

— O que sobretudo me comove é a prontidão com que vos recolheis e vos alheais de tudo para orar; é a satisfação e o júbilo com que vos prostrais orando.

O monge arrebatou-se.

— Mas, se nada há mais belo e mais tocante do que orar! Que coisa tão simples e de tanta sublimidade! O pensamento eleva, mas só a oração intégra. Quando oramos Inflama-se a alma dentro de nós: os pecados, porém, são tão espêssos que ela não transparece cá fóra. Só a alma do santo, que é um fóco de pureza, trespassa a matéria e irradia. E' orando que se aprende o sentido desta gravitação da alma em torno de Deus; desta dependência do homem das potestades celestes. E' a oração que nos depura e nos eleva. Cada pensamento que erguemos a Deus é um raio d'oiro que nos liga ao céu. Orar é uma germinação interior. A oração é um desabrochamento, é uma florescência. A alma daquêle que não sabe orar é como a semente que não rompe a crosta da

terra e que apodrece sem que o sol a beije, sem que se inflore e se desentranhe em vidas. Crêde, não começo nunca a orar que não sinta arripiar-me um calafrio, como um bater de asas da alma a descolar-se...

— E a oração oficial satisfaz-vos plenamente? interrogou Luciano.

— A oração cartusiana é bela e satisfaz-me plenamente. Nos três ofícios que rezamos cabem todas as emoções da nossa ternura e da nossa piedade. No ofício canónico veneramos filialmente Deus; no da Virgem reverenciamos ternamente a Mãe, e no ofício de defuntos temos lágrimas e saudades para os pobres e — quantas vezes! — esquecidos mortos. Que suave e piedoso culto o de Nossa Senhora! A Virgem tem um grande lugar nos nossos corações. Todas as Cartuxas se colocam sob a sua invocação e além do ofício próprio rezamos-lhe diariamente uma missa votiva, e aos sábados essa missa é conventual. Em seu louvor realizamos ainda uma prática que actualmente existe apenas na nossa Liturgia; é a chamada *missa seca de Beata* que rezamos na intimidade pelas duas horas da madrugada, depois do regresso de Matinas. A *missa seca* é uma missa sem sacrifício que se chamava na Idade-média *nudum officium missae*, e está hoje prescrita das igrejas. O Cartuxo adiciona a todos os *Pater* que, segundo as rubricas, se dizem em voz baixa — *secreto*—,uma *Ave-Maria*. O Angelus cartusiano no fim de Matinas é ainda uma saudação à Virgem. E' tão enter-

necido êste culto a Maria! Ela habita conosco nas nossas celas. Sôbre cada genuflexório branqueja a imaculada alvura da sua imágem e deante dela se prosterna e ora sempre o monge quando volve a sua casa. Não é menos comovente a piedade que temos pelos mortos. Em vários dias da semana rezamos-lhe o ofício próprio e evocamos a sua memória tão apagada ás vezes na lembrança mesmo dos que lhes fôram caros. Evocar os mortos e orar por êles é uma das mais comoventes e piedosas práticas humanas. Não é um bom coração o que não se lembra dos seus defuntos.

O colóquio findava. Iam bater as seis horas. O monge recolhia-se. A' porta da sua cela, fr. Bruno saudando Luciano, deteve-o ainda.

— Esperai. Não vos falaram ainda de fr. Leonardo, o monge pintor de Miraflôres? Amanhã à missa solicitai a Dom Eduardo permissão para o verdes na cela à hora do espairecimento.

— Mas explicai-me, o que é isso de espairecimento?

— Espairecimento — *spatiamenta* — é o recreio semanal dos monges, fóra das celas, determinado pela Regra. Fr. Leonardo pouco costuma sair, de volta com as suas pinturas. Eu previno-o. Como as celas durante o espairecimento cessam o seu labor espiritual e os monges se dão virtualmente por ausentes, não é difícil entrardes lá.

— E se vou desgostar Dom Eduardo com um pedido que êle não pode deferir?

— Pode, pode. E como é vosso amigo e está satisfeito convosco não recusa, crêde.

— Bem, pedirei então, que estou agora com curiosidade de conhecer êsse monge artista.

E separaram-se. Fr. Bruno ingressou na sua cela, e Luciano seguiu para a hospedaria.

VI

Levantára-se cedo aquela manhã e fôra postar-se à janela da sua câmara, aguardando o toque para a missa. As madrugadas eram sempre ternas e frescas, muito claras e límpidas na montanha santa. A massa de álamos verdejantes, defronte da sua janela, amenizava a paisagem, dum amarelo torvo para lá da cêrca velha e de tons baços nos cazarelhos foscos da aldeia de Cortes que sufocava na cinza morna do descampado.

Luciano sentia que a pouco e pouco se afastava do passado e que o mundo cada vez o prendia e preocupava menos. Nenhuma notícia lhe vinha de fóra e esquecia-se já que havia jornais, desabituado de os vêr no deserto eremítico. Só fazia agora leituras de espiritualidade e, com afinco, meditava nos conceitos profundos da *Imitação de Cristo*, o grande livro da contemplação, tão desentendido lá fóra. Fazia-se um vácuo dentro de si. O cérebro esvasiava-se de ruídos e tropeis, como uma casa que se despovôa de hóspedes

barulhentos. A sobreexcitação sentimental exaltára lhe a piedade religiosa que volvia muito cândida e diáfana para as coisas santas e para o culto. Uma efusão nova de emoções desconhecidas brotava com um vigor tropical e d'aí vinha êsse enternecimento vagamente sonâmbulo e de sentimentalização quimérica que tocava a visão e lhe fazia imprimir um ar sobrenatural ás adejantes figuras bíblicas dos monges, ás árvores dormentes como sêres abúlicos, á quietação extáctica e meditativa das coisas.

Compreendia agora a santificação da creatura e como o claustro era capaz de purificar em lapidações pacientes o coração do homem encrostado de camadas espêssas de maldade e de corrupção. Mas, ai da humanidade, o Deserto não era escola de civismo; era oficina de expiação e os sêres perfeitos que êle formava tinham mais tendência para subir do que para andar na terra. Um claustro creava asas...

*

Depois da missa, na dôce claridade da manhã muito tépida e loira, o Dom Prior retivéra Luciano na igreja para o prevenir que o autorizava a alongar aquela tarde o seu passeio fóra da clausura, por ser dia de *espairecimento*. A comunidade beneficiava essa concessão da Regra, quasi obrigatória, de resto, e tida pelos legisladores monásticos como preceito higiénico para atenuar os inconvenientes do sedentarismo ininterrupto,

Luciano aproveitou o ensejo para solicitar de Dom Eduardo a permissão de entrar na cela do religioso pintor.

— Se Vossa reverendíssima me consente e não vê nisso infracção da Regra, empregarei a tarde numa visita à cela de fr. Leonardo, o monge pintor, de que fr. Bruno me fala tanto. E' artista e compreendeis decerto o meu interêsse...

Dom Eduardo reflectiu um momento, indeciso, e depois aquiesceu de pronto.

— Não vejo inconveniente à hora do espairecimento. Tenho muito prazer até em que fiqueis conhecendo certos lados, não digo pitorescos, mas menos rígidos da clausura. Os nossos monges não são artistas nem um convento contemplativo pode tornar se numa academia de letrados. Não hostilizamos, porêm, a arte e consentimo-la até a título de passatempo inofensivo e diversão inocente do espírito, nos poucos momentos da inatividade contemplativa. Mas a arte não deve absorver o espírito que só na oração se exalta e só em Deus encontra o seu objectivo ideal.

— E se o monge é tambêm ou vem a revelar-se uma vocação de artista ?

— Que se expanda ! Não afogamos nem atrofiamos vocações. Bem entendido, que um artista de génio no claustro não pode ser senão um admirador de Deus e a sua arte, como a dum Fra Angélico, não hade ser, portanto, senão um prolongamento místico da sua adoração e do seu amor de Deus. E porque é

um claustral, logo um humilde, não há receio de que o envaideça e perca o incenso da glória. Um monge é sempre e acima de tudo monge e amará sempre e acima de tudo — Deus. De resto, nas Cartuxas houve em todos os tempos artistas, sobretudo pintores. Nêste mesmo claustro viveu, nos princípios do século XVI, um pintor insigne, fr. Leyva, de que possuiamos muitos quadros alusivos à vida de S. Bruno, que se fôram com tantas coisas belas.

— Sem dúvida, venerável padre, a arte é secundária na religião, principalmente para um monge Cartuxo absorvido na contemplação de Deus. Mas deixai lá que não é indiferente o decôro de arte onde uma alma eleve a sua prece ao céu.

Dom Eduardo sorria.

— Já o belo em si me empolga e emociona, continuou Luciano envolvendo a igreja num olhar Se soubésseis quanto concorre para me erguer o espírito o sentar-me aí na estala que a vossa bondade imerecidamente me reservou nêste imponente côro ! E não é verdade que a oração é mais grave e adquire outra ressonância sob êstes baldaquinos lavrados por mãos de génio ?

E Luciano fixava a massa imponente do cadeirado gótico erguido dos dois lados da igreja e que era todo êle uma delicadíssima filigrana negra.

— E talvez não o vísseis ainda bem, reparou o Dom Prior.

— Afianço-vos que não. Saio sempre dos ofícios com a comunidade e não me dá gosto vir aqui quando

o templo abre as portas ao público. E' como se voltasse a ter contacto com o mundo.

— Tendes razão. E' um grave inconveniente o ingresso a todos no santuário contemplativo; mas não está na nossa mão impedil-o. A igreja de Miraflôres é um relicário de arte, de que seria injusto privar o público. Estamos tambêm presos a compromissos. Nas horas dos ofícios é que podemos vedar a entrada na igreja, e só então ela é exclusivamente nossa. Não, não é do nosso agrado a invasão dêstes graves côros por *touristes* irrespeitosos. E há visitantes com tão pouco escrúpulo qne se amesendam aí nas estalas dos monges com mulheres — e mulheres de toda a espécie. O que vale é que as orações da comunidade purificam tudo e oxalá purificassem tambêm as almas pecadoras que aqui penetram. Não se nos dava então que elas cá viessem — e quantas mais melhor.

Luciano observava o côro. O cadeirado dos monges estendia a sua fila paralela de assentos rente aos muros e salientava-se, no alto, em sobrecéu ou baldaquino corrido. Era de nogueira preta, em estilo gótico florido, com vinte assentos por banda, cinzelado de trevos, fólios, arcos ogivos, círculos, circunferências secantes, num rítmo harmonioso diversificado até ao infinito, e tão puro de linhas, tão sólido e unido que parecia talhado em pórfiro negro. Não havia flores nem figuras caracterizadas. Cada *panneau* decorativo de espaldar era um tecido de círculos entrecruzados que deixavam esculpidas na madeira rosáceas, ogivas, lóbulos, arcaturas e estrias, todas as maravilhosas mol-

durações e abertos da arquitectura gótica. A franja do docel fôra sumptuosamente lavrada como uma peça de ourivesaria e recortava-se no debrum em vinte arcos lobulados de contracurva, com a inflorescência tenra dos cogulhos no vértice. Cada um dos arcos correspondia a um assento ou estala.

— O carácter do estilo indica-nos que é uma obra do século XV, notou o monge, e deveis saber que é do cinzel de Martin Sánchez, o mesmo genial mestre entalhador do não menos admirável côro de S. Tho-de Avila. Vinde ver agora esta deliciosa joia de talha, da mesma mão, sem dúvida.

E o Dom Prior, ladeando o mausoléu no centro da igreja, avançou para o fundo da ábside. A' direita pousava, como um flóco suspenso de renda negra, a alta cadeira do oficiante sonhada pela mesma alma gótica que andára no côro. O espaldar era o das estalas do cadeirado; mas o baldaquino arredondava-se em polígono e sôbre êle aprumava-se uma torre de dois corpos faceados de pórticos d'onde rompia uma explêndida flexa igual ás que João de Colónia fizera brotar nas torres da Catedral. Não podia conceber-se nada mais belo e magnificente do que êste singular móvel, fino, esguio e elançado, voluptuosamente mordido por um aurífice apaixonado, cátedra de um santo, de um herói ou de um poeta.

— Maravilhosa sinfonia da curva, exclamou Luciano arrebatado. Divinas mãos as que deixaram sôbre êstes frágeis e precários lenhos tão grandes impressões de beleza eterna!

Mas já Luciano, deixando a ábside, se extasiava deante da linda portada gótica da clausura. O emolduramento de pedra em grinaldas de folhas de carvalho fôra, como a arquivolta, os capiteis e colunelos, adornado duma pintura muito excepcionalmente feliz que dava realce á obra. No vértice da ogiva destacava-se uma adorável figuração da Virgem muito risonha e viva, com o seu doce ar menineiro. Nossa Senhora estava sentada amparando o menino com o braço direito em cuja mão se via uma flôr; a outra mão perpassava as folhas dum livro de horas pousado nos joelhos, com o gremial ou pano litúrgico da Ordem interposto segundo a Regra. Nossa Senhora de Miraflôres presidia ao côro dos monges. Tinha uma tal expressão de encanto, de pureza e graça feminina essa escultura alabastrina, que Luciano ergüia sempre os olhos para ela nas horas dos ofícios e não se lhe daria ficar ali na sua estala, ao lado daquela porta e sob o olhar daquela Virgem, a salmodiar eternamente os louvores grandíloquos da majestade divina.

Dom Eduardo sorria também de beatitude para a escultura.

— E' um encanto a sua companhia no nosso côro. Se a tirassem d'aqui a salmodia ficava mais dura. E' Nossa Senhora que enternece as nossas vozes.

Passaram então a *Porta Coeli* para examinar, no côro dos conversos, o cadeirado não menos sumptuoso e artístico, mas já em outro estilo mais animado e vivo.

Num realismo, por vezes tão crú que provocára da

austeridade monástica ablações discretas, o buril de Simón de Bueras, pelos anos de 1548, deixára nêstes respaldos e doceis em redundâncias expressivas de forma e em exuberantes contornos de plástica, o espírito galante da Renascença. Com mão ligeira e despreocupada incisão, as figurinhas ornamentais tinham brotado graciosas e ágeis, com uma tão natural expressão que era mais para admirar o génio evocador do que a perícia da mão. Nos espaldares da esquerda figuravam S. João Baptista, S. Jerónimo, Santo Hugo, bispo de Lincoln, S. Bruno, S. Francisco de Assis, S. Paulo eremita, e Santo Onofre anacoreta ; e na cornija do docel correspondiam os episódios da Anunciação, Visitação, Nascimento, Circuncisão, Adoração dos magos, Apresentação no templo e Baptismo de Jesus. Do outro lado do côro continuavam nos respaldos, Santa Maria Magdalena, Santa Catarina, um santo eremita com dois leões, Santo Antonio abade, Santo Hugo, bispo de Grenoble, Santo Agostinho e S. João Evangelista ; e no docel correspondiam a Prisão de Jesus, a Coroação de espinhos, o *Ecce-Homo*, Cristo sob a Cruz, a Cruxificação, a Descida da Cruz e o enterro de Cristo.

— E o S. Bruno do vosso compatriota, havei-lo visto já ? inquiriu o Dom Prior de chofre.

— Queria pedir a fr. Bruno que m'o indicasse.

— Vinde então.

Dom Eduardo enfiou para a sacristia, abrindo uma porta ao lado dum túmulo. Desta quadra comunicava-se para outros recintos ou capelas e numa destas

admirava-se a famosa escultura de madeira, obra de mestre Manuel Pereira, português, que vivêra na côrte espanhola na primeira metade do século XVII.

Dom Eduardo ajoelhára deante do Santo e curvára-se numa longa mesura.

A estátua, em tamanho natural, estava viva, mas toda a sua vida se concentrára no olhar que incidia reflectidamente sôbre um crucifixo que o patriarca das Cartuxas segurava na mão direita. O rosto era calmo e grave sem ser severo ; o artista soubera dar-lhe esta expressão descontraída e aberta que o semblante toma quando a alma se abstrai ou se transporta fóra de si. S. Bruno, contemplando o crucifixo, chamára toda a alma aos olhos e a expressão, sem perder a naturalidade, aparecia transfigurada, espiritualizada numa vida que não se dava nem era para nós, mas circulava apenas entre o seu olhar e o Cristo que tinha na mão. Vivia, sem dúvida, mas era a vida abstrata da contemplação de Deus.

Dom Eduardo queria agora falar-lhe dos túmulos que faziam de Santa Maria de Miraflôres o mais rico museu de escultura de toda a Península. Quando, porêm, saíam da sacristia fôram perturbados por vozes gárrulas que vinham do côro dos conversos. Dois cavalheiros com senhoritas no rigor da moda, decotadas e de saias curtas, examinavam futilmente o cadeirado Renascença, atrás dum velho converso que de olhos baixos lhes ia dando explicações.

Dom Eduardo, antes que tão inconvenientes visitas penetrassem no côro dos monges, atravessou a igreja

um pouco apressado e abriu a porta da clausura. Luciano seguiu-o também precipitadamente.

— Ficam os mausoléus para outro dia, limitou-se a dizer o Dom Prior voltando-se para o seu hóspede, já no claustro.

— Venerável padre, preguntou Luciano, êstes importunos mirones dão algum interêsse ao mosteiro ?

— Mas, absolutamente nenhum. Os nossos convertsos que lhes servem de guias não podem receber esportulas, nem aqui se faz comércio de artigos religiosos. Há, sim, á entrada da igreja um receptáculo de esmolas; mas o que ali entra é aplicado em proveito dos pobres, e forma uma insignificante parcela no muito que o mosteiro gasta com êles. Haveis de ter notado que damos diariamente alimento a dezenas de creatuturas na portaria.

— E' então rico o mosteiro ?

Um monge desembocou num ângulo do claustro e aproximou-se dêles. Luciano conhecia-o já. Era D. Euzébio, o Padre Procurador da Cartuxa, braço direito de Dom Eduardo no govêrno do convento e, depois do prior, o único religioso que podia quebrar a clausura. Residia fóra do Claustro Grande, numa dependência, em razão da natureza do seu activo cargo. O administrador e chefe temporal da Santa Maria de Miraflôres era um simpático monge pouco passante dos quarenta anos, fisionomia calma e sorridente, com a face sulcada de fibrilhas vermelhas, como todo o monge de bôa saude.

— Dom Euzébio não podia vir em melhor ocasião

para vos esclarecer sôbre as temporalidades de Miraflôres, disse Dom Eduardo.

O Padre Procurador sorriu.

— Não é um sacrifício demasiado administrar uma comunidade tão pouco exigente. Os meus administrados contentam-se com pouco e dispensariam tudo até, se as necessidades vitais não fôssem inflexíveis.

— Perguntava eu ao nosso venerável Dom Prior se êste convento é rico.

— Foi. Espoliada de todos os seus bens pelas nefastas leis da desamortização, a nossa Ordem ficou reduzida à miséria, como todas as Ordens religiosas atingidas. Vale-nos a nossa sobriedade. A horta e a quinta que trabalhamos garantem nos em parte o passadío. Não comemos carne, jejuamos muito, vestimos de lã grosseira e não saímos nunca de nossa casa. Os gastos são mínimos.

— E possuía grandes bens territoriais a Cartuxa ?

— Os bens territoriais concedidos pelo rei fundador, limitaram-se a princípio a algumas vagas e dispersas terras do Parque de Miraflôres que não davam para manter condignamente os religiosos. Aludindo ás bemfeitorias que o monarca fez a uma outra Cartuxa da sua fundação, tendo aliás escolhido Miraflôres para jazida, dizia-se, não com inteira justiça, que D. João II deixára o dinheiro a Paular e os ossos a Miraflôres. Reconhecendo a insuficiência da dotação, o piedoso rei de Castella assegurou ainda á sua fundação de Miraflôres, além de uma tença em numerário e outros privilégios, rendas sôbre as alcavalas e as terças

reais da cidade de Burgos e de muitos povos do bispado burgalês, o que tudo foi confirmado no célebre *Privilégio rodado* que, sôbre ser, diga-se de passagem, um notável documento histórico, é um códice gótico iluminado de grande valor artístico que póde admirar-se no nosso arquivo. Izabel a Católica, que acabou a fundação de seu pai e ultimou os trabalhos da reconstrução depois do incêndio de 1442, auxiliou magnânimamente a casa de Santa Maria de Miraflôres com valiosos donativos e decisões favoráveis nos litígios frequentes das terras do Parque entre o *Ayuntamiento* de Burgos e a Cartuxa. Tudo isto se manteve até os tempos modernos. A extinção dos chamados bens de mão-morta e a cupidez dos novos govêrnos liberais despojaram-nos de muitos domínios e rendas que nas nossas mãos tinham, pode crer, uma mais útil, mais digna e moralisadora aplicação.

— Não teem agora uma indústria de rendimento? Algumas comunidades trapistas exploram pequenas fábricas de chocolate ou de licôres.

— Miraflôres teve em tempos uma pequena indústria de queijos. Os nossos processos honestos de fabricação atraíram, porêm, de tal modo os consumidores que se tornava impossível satisfazer a quantidade enorme de pedidos. Isto começou a preocupar-nos. Creára-se um fermento de perturbação que desvirtuava os objectivos da clausura. Acabámos com isso. Não havemos de perecer. Escapámos já a terríveis vicissitudes. Nosso Senhor protége-nos e ha de acudir nos com a sua infinita misericórdia.

— Só por um desígnio especial da Providência a Cartuxa de Burgos está hoje de pé e persevera no seu activo labor espiritual, disse Dom Eduardo com gravidade. Santa Maria de Miraflôres fundada no século XV é uma das mais santas Casas de Deus na terra, porque nela, quási incessantemente, a sua glória tem sido louvada com a maior dignidade e a mais pura fé.

— E do século XV até hoje não foi jámais interrompida a clausura? preguntou Luciano ao padre procurador.

— Houve umas três exclaustrações. A primeira deu-se na época das invasões napoleónicas. Em 1808, os monges ouviram com terror na solidão do seu Deserto a tropeada das divisões francesas pelo vale do Arlanzón, em marcha para a conquista da Península. Foi, porêm, na retirada do rei intruso que as tropas assoloram Míraflôres, pondo os monges em debandada. O mosteiro sofreu um terrível saque. Os franceses levaram custódias, cálices e relicários d'oiro, pratas, quadros, paramentos; arrombaram os túmulos, profanaram as celas e queimaram parte do cadeirado gótico da igreja. O próprio Napoleão, quando esteve em Burgos e subiu á Cartuxa, quiz dosmantelar e levar para França os régios sarcófagos dos fundadores, que escaparam por sêrem de pedra e de transporte embaraçoso. Durante os seis anos da guerra a Cartuxa esteve transformada em quartel.

— Pela primeira vez, depois de trezentos e cincoenta anos, se interrompeu o ofício divino, observou Dom Eduardo.

— A segunda dispersão de Santa Maria de Miraflôres, continuou D. Euzébio, deu-se pouco depois em 1820. Não estavam ainda os monges refeitos das calamidades napoleónicas, quando uma calamidade maior — o espírito revolucionário do êrro e da heresia — forjou as negregadas leis liberais que suprimiam as instituições monásticas. Santa Maria de Miraflôres foi esbulhada da posse legítima dos seus domínios e rendas. O edifício passou a ser propriedade do Estado. Em 23, com a queda do constitucionalismo, voltaram os monges proscritos; mas a trégua durou pouco. Em 35, depois de novas complicações políticas originadas pela morte de Fernando VII, o liberalismo ressurge e as côrtes votam a supressão das ordens religiosas e a confiscação de todos os seus bens. Santa Maria de Miraflôres foi novamente assolada. Desapareceu o que escapára á rapina gauleza. A providência velava, porêm, sôbre o monumento. Por influência do arcebispo de Burgos, Dom Lapuente, passou o mosteiro a ser propriedade da mitra burgalesa, salvando-se assim milagrosamente da demolição ou dum emprego profano que lhe faria perder o carácter. Nesta situação permaneceu a Cartuxa, desorganizada, mas sempre com alguns religiosos permitidos como guardas do edifício, até que, acalmadas as discórdias políticas e restauradas as órdens religiosas, o arcebispo de Burgos, Dom Anastácio Rodrigues Yurte entregou em 1880 o mosteiro á Ordem de S. Bruno, sob certas condições, restabelecendo-se a clausura e a constituição monástica em toda a sua integridade.

— E aqui continuaremos até que a insensatez humana, que não deixa nunca de ser excitada por quimeras e utopias d'inspiração satânica, provoque sôbre a Terra novos e mais terríveis cataclismos sociais.

E despedindo-se, Dom Eduardo entrou na sua cela. O padre procurador, depois de deixar Luciano á porta da hospedaria, seguiu para as observâncias.

VII

Era a hora do espairecimento.

Luciano errava já na quinta aguardando fr. Bruno para a visita à cela de fr. Leonardo. Os monges começavam a aparecer e espalhavam-se lentamente pelas pequeninas ruas arborizadas. E êsses hábitos brancos, na pureza da tarde, davam ao artista a evocativa visão duma paisagem grega com figuras envoltas em clâmides, sob o delicioso céu helénico.

Um grupo de religiosos sentára-se nos bancos de pedra á roda da estátua de S. José; outros tinham descido até á fonte da Virgem e floriam a fieira de jarras do soclo, substituindo por flôres frescas as que durante a semana tinham incensado a Virgem e tombavam os seus cálices exaustos.

Luciano reconheceu fr. Bruno a distância e marchou ao seu encontro, exclamando com um enternecimento na voz:

— Fr. Bruno, é uma paz celeste. Não creio que possa haver nada semelhante na terra.

— E mais não tendes como nós a alma impregnada dos eflúvios santos da graça. Pensai na suavidade e na doçura deste acôrdo unânime !... Mas vamos, que fr. Leonardo espera nos.

Atravessaram vagarosamente por entre as árvores, sôbre a terra áspera coberta de folhas secas. O artista espairecia os olhos, embriagado da suavidade do ar e do repouso das coisas. Lá em baixo, no recôncavo do vale, junto á fonte, aglomeravam-se agora quási todos os monges, uns sentados no rebordo do hemiciclo da Virgem, lendo, outros refrescando com baldes de rega as plantas que reverdeciam no pedestal da estátua.

Fr. Bruno distraiu Luciano tocando-lhe no braço e apontando-lhe um vulto branco ajoelhado ao pé dum muro. Um monge orava em êxtase. Fr. Bruno murmurou :

— Haveis de ter notado aqui e ali, nos muros e nas árvores, graciosos nichos de táboas tascas e mal ajustadas. São oratórios particulares dos monges aos santas da sua devoção. Os mais piedosos teem estes retiros, onde veem orar e meditar nas horas livres do espairecimento, o que tão encantadoramente evoca as tradições primitivas do deserto, quando os nossos primeiros padres faziam vida eremítica nos êrmos e nas fragas.

— E êsse monge então ? inierrogou Luciano.

— E' um piedoso homem que parece ter sido tocado da graça divina pelo muito amor que tinha a S. Francisco de Assis. De todos os religiosos é talvez o

mais favorecido de Deus, porque é tambêm o mais amorável e humilde. E' dêstes corações sempre enternecidos, que não foram feitos senão para abraçar e consolar. Não há assim muitos, não!

— Sabeis, fr. Bruno que é adorável essa figura de S. Francisco! Deve-se-lhe até uma renascença artística de grande influência no sociedade do seu tempo. Só há pouco começo a encarar bem este predestinado homem!

— A quem o dizeis! Sou um apaixonado do *poverello* de Assis que, sendo o mais humano dos santos, foi quem mais aproximou Deus do homem. Em regra, a santidade é muito abstracta e exclusivista, mais preocupada do céu do que das coisas da terra. O santo é uma ave que se desespéra no cativeiro da vida. A morte é uma libertação: assim o martírio é ardentemente desejado. Ora S. Francisco amava a vida e queria fazer florir na terra a beleza do céu. A santidade de S. Francisco não é feita de renúncias ascéticas mas de virtudes práticas.

— O seu ascetismo fôra, de facto, menos para mortificar o corpo do que para desgastar pecados...

Mas era então fr. Bruno que se exaltava e arrebatado traçava o panegírico entusiasta do *poverello*.

— Este santo, afirmava o monge, não pode deixar de considerar-se uma nova encarnação de Deus humanizado para rejuvenescer o Evangelho. Se o século XVI é caracterizado pelo fenómeno social da Renascença das artes, o mais alto acontecimento do século XIII fôra tambêm uma renascença, a renascença

religiosa de S. Francisco de Assis. O sentimento renova-se, o coração abre-se a todas as ternuras efusivas. Deus é amor, piedade, caridade, bondade. A Igreja, cujo berço fôra sacudido pelos ventos desencadeados das violências e das perseguições, adquire nestas lutas e refregas uma espereza rude que a embota. Ao esforço exaltado e sentimental da fé sucedia a política realista da organização, e necessáriamente o interêsse e o egoismo primaram sôbre a espiritualidade. A *urbs* católica era no fundo a organização romana animada pelo novo espírito cristão; e herdando a basílica a Igreja recolhera da mesma sorte o espírito das suas instituições. O sacerdotalismo oriental e o hieratismo bisantino fôram as duas margens amuralhadas onde marchou comprimida a torrente do novo idealismo, até à época franciscana. S. Francisco rompeu com os moldes escolásticos e impregnou o cristianismo de sentimento e de alma, de vida creadora e expansiva. Foi êle que creou a religião do amôr, que enterneceu a natureza do espírito suave de Jesus, que tornou o sofrimento belo, que fez fraternizar os homens e as cousas, que tornou a alma cristã sensível ás sinfonias líricas dos ninhos, das fontes, das brizas e das flôres. Foi êle o revelador do lirismo, o creador da poesia moderna, porque Francisco de Assis, que foi um santo, foi também um grande poeta. O que é o seu *hino do sol* senão um cântico pagão cristianizado pelo lirismo poético? Ele fundiu com a sua bondade de santo e a sua emoção de poeta o panteismo no cristianismo. Ele fez da estética uma

virtude cristã. A arte, filha da emoção, devia naturalmente ser impressionada por êste frémito vivificador que sacudia as raízes geladas do sentimento e da sensibilidade. Com o franciscanismo o pitoresco anima a pintura, como o lirismo se torna a alma da poesia. Se da mística franciscana saíram Giotto, Fra Angélico e Benozzo Gozzoli, êle deu também com o próprio S. Francisco que compoz o *Cântico do Sol*, Thomaz Celano autor do *Dies Irae*, Todi, ardente e apaixonado poeta, e o genial Dante que, se pela filosofia é dominicano, nos grandes vôos líricos da sua musa e na concepção mística do amor divino é franciscano.

Fr. Bruno teve uma pausa. Dos seus olhos de iluminado fluía ainda em eloquência muda a sua paixão pelo santo amado. Luciano observou:

— Era mais um homem de acção do que um contemplativo.

— Mas, S. Francisco era um contemplativo, um contemplativo sensual, se assim me posso exprimir, que se eleva a Deus pelo coração e propaga a fé não com subtilezas de dialética, mas com cânticos e emoções de poeta. A's securas escolásticas do dogma opunha êle as emoções líricas da natureza. Deus não lhe surgia entre nuvens abrazadas no alto duma montanha estéril; via-o nas flores e nas aves, e nas refulgências do sol. E' êle que ao revelar a unidade moral da creação alarga o círculo do amor á sociedade. Nem sò os homens são filhos de Deus. E pela extensão da bênção divina êle estende a fraternidade alêm dos ho-

mens. No episódio do irmão lobo, não há transigência pacífica com o inimigo ou conversão do ímpio, mas uma extensão amorável da sociabilidade. E' à força de santidade e pelo exemplo da sua vida moral, e não por doutrinarismos de cátedra, que certas aspirações humanas de liberdade, consideradas até ali heresias e contrárias ao bem da Igreja, rompem o zelo farisaico, varrem a intolerância sectária e fazem da Igreja o seio amigo e o refúgio consolador de todos os que sofrem e buscam alívio. A piedade de Francisco abre aos pequenos e aos humildes as portas da Igreja e concede a todos os homens direitos iguaes perante Deus. O Evangelho cristão torna-se a Bíblia da humanidade. Pela primeira vez os pobres, os miseráveis ouvem na moeda miúda da linguágem popular a palavra de Deus, que só tinia nos cunhos d'oiro da língua erudita. Ela entra nos casebres, nos colmos, nas arribanas e é tão musical e encantadora que até as aves do céu correm para o ouvir, as feras a entendem e as árvores se quedam mudamente escutando. E' o regresso ao Evangelho tão esquecido pelo racionalismo escolástico. A verdade não sái dos cenáculos dos doutores, mas das palavras de Cristo. Sem esquecer — rematava fr. Bruno — que êste naturalismo, longe de conduzir ao panteismo negador de Deus e ao racionalismo inimigo da Igreja, não torna o homem livre senão para levar para mais longe a esfera da adoração divina e para se dar com menos estorvo ao amor dos seus semelhantes. Grande Santo! Santo único!

E discorrendo assim tinham chegado ao Claustro grande e paravam á porta da cela de fr. Leonardo.

— Mas êle não se aproveita do espairecimento? preguntou Luciano.

— Pouco. Tem a paixão da sua arte e dá-lhe todos os momentos livres.

Fr. Bruno esticou o cordão da campainha, meteu uma chave e empurrou a porta. Atravessaram a loja e subiram á ante-câmara, onde o monge pintor fazia atelier. Fr. Leonardo acolheu-os de mãos estendidas na pequenina quadra muito alegre e branca, com algumas telas de primitivos nas paredes e dois pequenos cavaletes ocupados. Perto da janela, que abria sôbre a horta, encostava-se, entre duas cadeiras de assentos de bunho, uma tosca mesa pejada de fólios, cartões e albuns, tendo ao centro uma estatueta da Virgem perante a qual fr. Bruno, ao entrar, se prostrára em oração. Utensílios rudes de folha e boiões de loiça continham óleos e tintas, e sôbre um cepo descansava um pedaço de mármore liso pintalgado, manchado de tintas secas. Tudo era simples, rústico, humilde.

Fr. Leonardo desculpava-se para Luciano,

— E' o cenóbio dum monge que ás vezes diz com seus pinceis as orações que os lábios deviam pronunciar... — E sorrindo. — A Regra manda-nos ler e meditar passágens santas. Quando evoco a Virgem numa tela não é como se lhe estivesse rezando o seu pequeno ofício?

Era encantador de simplicidade o bom monge.

— Precisamente ocupai-vos d'ela, soltou Luciano aproximando-se do cavalete, onde pousava uma táboa coberta dum preparo de cré, sôbre o qual se via desenhada á pena uma *Adoração dos Magos* começada já a colorir — E se não me engano é Memling ou Van der Weyden o vosso modelo, acrescentou fixando o quadro do outro cavalete.

— E' Memling. E' uma copia da época e magnífica duma paróquia aí de Burgos. A nossa região está cheia destas belas táboas góticas, réplicas ou cópias de obras dos grandes flamengos, sem que faltem, aliás, os originais inspirados na escola de Flandres. E' certo que nunca a cópia é uma obra prima, mas há-as aí que se confundem com os originais e não é fácil distinguir o que é autêntico do que é transcrito. Vêde esse Van Eyck do Prado, tão discutido, a *Igreja e a Sinagoga*, que os alemães pretendem á viva força que seja cópia.

— Tenho-vos notado sempre certo entusiasmo pela pintura flamenga, observou fr. Bruno. Não vos agradam os italianos, Fra Angélico, Filippo Lippi, o Perugino ?

— Mas, não é verdade, fr. Bruno, que é o ambiente artístico do Norte que se respira aqui ? Não se pode fugir a uma tal influência. E não é Memling um pintor da contemplação ? Acrescentai a isto, o que não é menos sugestivo, a tradição, muito corrente, de que o grande artista acabou seus dias nêste claustro.

— Mas sabe-se hoje... interveio Luciano.

— Sabe-se hoje que o padre Dussart descobriu um documento que dá Memling falecido e sepultado em Bruges, o que não obsta a que êle tenha vivido algum tempo aqui. Seja como fôr. De resto há outras razões, positivas essas. A genealogia artística dêste claustro entronca na célebre escola de Borgonha, cujo berço foram as famosas gildas dos Países-Baixos. Os artistas que edificaram êste convento vieram de Dijon, da Cartuxa de Champmol que Filipe o Ousado fundou e mandou ornar por pintores e escultores das comunas setentrionaes. Segundo uma conta des arquivos da Casa de Borgonha, o pintor flamengo Antonio Caessens, familiar do Duque, foi expressamente enviado a Miraflôres para executar aqui trabalhos. No refeitório havia uma *Ceia* daquêle pintor que levou sumiço nas invasões napoleónicas. Um tríptico-oratório que o rei João II fundador da Cartuxa legou ao convento, e que ora se vê num museu de Berlim, era obra de Rogier Van der Weyden que nas tradições da Casa é ainda conhecido por mestre *Rogel*. Outros quadros havia dêste e d'outros pintores da grande época. Mas desapareceram. Levaram-nos tudo. O que não poude, porêm, ser arrebatado e atesta ainda a filiação artística de Miraflôres na grande renovação das artes que procede de Claus Sluter é a obra de Gil de Síloe e Diogo da Cruz que nos sepulcros e no retábulo da nossa pequena igreja enche de glória a Espanha inteira. Toda esta maravilhosa arte setentrional me comove e penetra quanto mais a estudo e compreendo. Eis porque me sinto flamengo

nesta aliança da minha mística branca de monge com o colorismo ardente da minha visão de artista. Quem sabe até, disse fr. Leonardo rindo, se eu não descendo de algum dêsses mestres do Norte que a estas regiões vieram ?

Fr. Bruno sorria também.

— Pois será por isso, fr. Leonardo ! Que eu confesso, nada entendo de pintura. Mas, questão de gosto, prefiro os primitivos italianos, acho-lhes mais suavidade, mais profundidade. Fra Angélico é talvez o primeiro pintor que sabe revelar Deus e a vida celeste em expressões humanas, As suas evocações da Virgem, os seus *Juizos finaes*, são entronizações apoteóticas, escadas místicas de virtude e de santidade, e mais duma vez me teem sugerido êsses degraus da mística de S. Boaventura em que êle se inspirou talvez para a disposição ascensional das suas composições.

— Uma simetria muito particular, notou Luciano. Em nenhum pintor este paralelismo da scena é obsarvada com um tal rigor.

— O convento de S. Marcos, continuuou fr. Bruno, é a mais alta iniciação do sentido místico da arte cristã. Pela primeira vez o cristianismo revela em arte as suas origens divinas Que suavidade, que candura nessas *Anunciações* e *Natividades !*

— E' que de facto, explicou fr. Leonardo, o Angélico pertencia a uma época que estava toda cheia de S. Francisco de Assis e foi o espírito franciscano que deu unção á sua obra. Giotto, Donatelo e Masacçio tinham lançado a arte florentina na via do na-

turalismo. Fra Angélico transportou êste realismo muito velado ainda na pintura religiosa. Como místico e contemplativo vê Deus na sua beleza e na sua pureza máximas e com uma visão já realista das formas reflete-o na beleza pura da forma. As suas Virgens e santas são perfis que teem a frescura dum esmalte. Mas a visão de Angélico é ainda muito fluida, muito aéria. Eu quero que a alma viva dentro dum corpo e não que vogue á roda dêle.

Fr. Bruno continuava com embevecimento.

— Fra Angélico! A sua obra respira doçura, mansidão, simplicidade! E' bem o reflexo dum espírito são que se clarificou e santificou no ascetismo e na piedade. Só uma alma depurada no claustro como a de Fra Angélico podia refranger esta luz suavíssima que veste de azul e oiro as suas evocações do céu. Só um espírito contemplativo, capaz de sair de si, podia empolgar estas visões do empíreo e arrebatar do céu as teorias de anjos que dão asas e fluídez à sua arte incomparável.

— Sem dúvida, replicou fr. Leonardo, o Angélico é o mais cristão dos pintores, mas eu prefiro-lhe os primitivos do Norte. E' certo que Memling não é um pintor religioso, mas tem mais alma e tem mais sonho. E notai como êles diferem. Ambos são do mesmo século e quási contemporâneos, mas Fra Angélico está ainda muito agarrado aos muros e é um artista de interiores, um fresquista, um Giotto mais subtil e mais terno, porque estava já inteiramente penetrado de S, Francisco. A obra de Fra Angélico é para altares e

para claustros, mas ela é aí, como as iluminuras, puramente ilustrativa. As virgens das *Anunciações*, não são bem mulheres ainda; falta-lhes o realismo fremente da vida. Esta arte delicada e casta, sem forma nem sexo, com pouco relêvo e pouco sangue, tem a nívea candidez dum linho de comunhão. Tiral-a do seu ambiente religioso é fazer-lhe perder a graça e o frescor. Com o suave olor das suas tintas frescas, ela é a jarra florida que enternece a dureza duma cela, mas se é excelente para erguer e transportar o espírito não aquece nem emociona o coração. Ora a pintura flamenga, essa sangra já, tem vida, tem flama e sobretudo sonho.

Fr. Leonardo, que começava a vibrar com a veemencia da sua paixão desperta, deu alguns passos na sala e deteve-se deante de Memling.

— E' certo que uma figura tem muito mais expressão vista no seu mole relêvo vivo do que na sua rígida projecção hierática. Crear uma personagem é, primeiro que tudo, soprar-lhe forma, isolal-a, descolal-a do plano, que o mesmo é dar-lhe independência, mobilidade e vida. Os pintores setentrionais obtiveram, quási de improviso, esta modulação das formas com o seu realismo imitativo em que tanto aprenderam e que foi a sua melhor escola. Talvez na ingenuidade dos seus processos resida o êxito dos seus triunfos. Se êles fôram simples na sua técnica, mais do que na sua arte sobrecarregada de não vulgar riqueza, a expressão moral dessa arte é o que há de mais simples e cândido. E' dêles esta emoção nova

que enternece pela primeira vez as coisas e as faz ter tambêm já alma. Reparai que a sua paisagem é já melancólica e se torna pensativa. Vêde que fluídez e transparência de tintas nêsses fundos, que delicadeza e minúcia nessas arquitecturas cinzeladas por aurífices. E' um esmalte cujas côres secam sem se tornarem murchas nem desbotarem. Com certeza que essas mãos, melhor que os olhos que andavam já errantes noutras visões, trabalhavam ainda com o instinto hereditário da miniatura.

O monge alheava-se vagamente sonhador. Um silêncio caía.

— E em que é que êle é um místico e um contemplativo ?

— Quem ? Memling? E' um contemplativo pelo êxtase, mas o êxtase total de tudo. Vêde estas creaturas que êle põe de joelhos. Sente-se na expressão alheada do olhar que as almas oram recolhidas, mas sem o arroubamento que é a projecção, que é esta suspensão em que se fica depois do rapto. Notai agora a névoa de sonho que envolve os sêres nesta paisagem tão fluida que parece imaterial, e dizei-me se a visão hipnótica do quadro não resulta desta fusão translúcida da alma das pessôas com a alma das coisas, que parece enevoar tudo de mistério, tornar tudo leve, vaporoso, imponderável ! Em Memling sente-se, como em nenhum outro primitivo, a figura despegada dos fundos e viva dentro da composição. Essas figuras são já retratadas, mais pelos caracteres do que reproduzidas pelas suas formas. O que de facto distin-

gue Memling é a facilidade com que êle se apodera das almas e decompõe com elas as creaturas. Dir se ia que êle começa de dentro para fóra e que a forma não é mais do que um revestimento acessório e secundário. Ah, estes flamengos não são religiosos como os italianos, mas onde há pintores como êles para ajoelharem homens ?

— E se fôssemos descendo ? lembrou fr. Bruno. Temos ainda três quartos de hora. Fr. Leonardo recreava-se um pouco.

E começou a descer a escada.

Atravessaram a horta e dirigiram-se para o bosque de pinheiros num recanto da quinta.

Fr. Bruno retomava a conversa.

— Pois essa Itália é verdadeiramente o país da arte. Só ali podia revelar-se o génio da Renascença.

— A Itália, replicou fr. Leonardo, tinha por detrás dela o espólio imenso das tradições clássicas que faltavam noutra parte. Sem a Itália não haveria decerto Renascença, mas sem Flandres ela não teria sido o que foi.

— Toda a pintura religiosa é essencialmente italiana, interveio Luciano, ou pelo menos tem nela os seus melhores modelos.

— Pintura oficial, sem dúvida, replicou fr. Leonardo. A tradução da Igreja em arte é de facto italiana. Ah, a Itália ! a Itália ! Mas a Itália, meus amigos, é no fundo pagã. A arte só se conserva suave, ingénua e dôce nos primitivos florentinos e só reflecte

verdadeiramente o espírito do Evangelho e do misticismo cristão no Angélico e poucos mais que ainda molharam os seus pinceis na auréola de S. Francisco. O resto é arte, virtuosismo, saber, execução, paganismo. Miguel Angelo é um Homero bíblico com visões disformes de Profeta e cria, como o Padre Eterno, com gestos que ribombam As suas obras trôam. Rafael é um Platão que creou uma estética que se tornou um cánone: é a Academia. Botticeli, com toda a sua suavidade, é um Horácio místico. Estes homens teem demasiadamente génio para serem simples crentes.

O monge artista arrebatava-se.

— Não, não, a Itália não era tudo e, verdade, verdade, a renascença flamenga quási que nada lhe devia, antecipando-se-lhe mesmo nas suas influências ocidentais. Paris, a Ilha de França, sim. A côrte de Paris explicava talvez esta arte que se chama flamenga com o mesmo significado genérico que hoje se dá ao termo gótico. Paris era já na segunda metade do século XIV um fóco de cultura eclética onde crearam flama as vagas radiações esparsas do génio internacional. Os Valois atraindo á Ilha de França os artistas neerlandeses com o seu forte regionalismo pitoresco e rude realismo sàdio, e os italianos em cuja clorótica elegância sieneza fluía o sôro ático da beleza antiga, fizeram da côrte parisiense o cadinho flordelizado d'onde surgiu uma arte...

— Que aliás não teve em França a sua melhor florescência...

— Que foi de facto florir em Gand, em Bruges e Anvers, no berço da sua germinação! Não, a Itália só não basta!

E fr. Leonardo definia o grande movimento da Renascença das artes, que não resultára apenas dum simples remoçamento das formas clássicas da antiguidade, mas da conjugação do idealismo greco romano da Itália com o naturalismo e realismo dos estatuários do Norte reeducados no ambiente artístico da Ilha de França e da côrte de Paris.

— Depois do ciclo arquitectónico, da era das catedrais que fechou nos paroxismos do *flamboyant*, afirmou fr. Leonardo, dir-se-ia que é para a escultura que passa o sceptro das artes, e isso verifica-se não só na Borgonha com Claus Sluter e seus discípulos, como aqui na própria Espanha e nêste mosteiro. Há alguma coisa no grande estilo gótico que não morre e persiste, é a decoração escultórica e estatuária que continua a evoluir e livre dos cánones da arquitectura, independente, senhora de si, cria carácter e individuação, buscando na natureza e na realidade mais desafogados horizontes.

E fr. Leonardo evocava então essa curiosa e misteriosa renascença setentrional provocada pelos príncipes Valois e favorecida pelo acaso feliz da união das casas de Borgonha e de Flandres em 1384, coincidência estranha, no mesmo ano em que nascia João Van Eyck. O rei de França Carlos V protegia as artes com um Messenas e era êle próprio um artista requintádamente culto, como o demonstrou no bom

gosto e solicitude com que entesoirou na sua livraria miniaturas e manuscritos iluminados que mandára executar por artistas flamengos contratados para a côrte. Mas é o irmão, o duque de Borgonha, Filipe o Ousado, com o seu casamento na casa de Flandres, que torna suzeranas da monarquia das flôres de liz as rudes comunas flamengas e une inteiramente a Neerlândia à França. Filipe o Ousado, trazendo a Dijon os mestres escultores setentrionais, foi o Péricles desta famosa escola borguinhonesa que se tornou o principal elemento fecundador da nova arte e deu o grande impulso ao movimento geral da Renascença. Um convento—uma Cartuxa, a Cartuxa de Champmol em Dijon, teve a glória de ser o fóco d'onde irradiou o mais belo rejuvenescimento artístico que o mundo viu. O genial mestre Claus Sluter instala-se ali ao serviço do duque com uma esquadra de escultores, pintores, iluminadores de Flandres, do Brabante, do Hanalte e de Limburgo e imortaliza-se nas obras que deixa pela igreja e no célebre *Poço de Moisés*. Por êsse mosteiro cartusiano, que foi talvez o berço da grande Renascença, passáram os grandes Precursores, os Claus de Werve, os Belchior de Broederlam, os Beaumetz e Malouel que se educam e subtilizam na côrte como artistas do rei. E esta zona d'arte alastra pela França, chega ao Anjou e desce até Bourges à côrte do duque de Berry, que se mostra tão protector das artes como seu real irmão e nos lega êsse famoso tesouro único da iluminura, as *Mui Ricas Horas* dos irmãos Limburgo.

— Ah, a iluminura, exclamava Luciano, renda de luz!

— Arte de *bibelot* e de mãos, sem grande futuro, coitada. Dentro dela o génio definhava-se, perdia o vôo... Que esta iluminura, hão de reparar, apesar de ser já quadro não passa ainda de escrita, mas escrita que quer ter asas. Ela agarra-se ás letras, saltita para as margens, depois desloca-se, vai para fóra dos textos e polvilha tudo com seus adejos luminosos. A pintura flamenga, na sua expressão ingénua e imitativa, reflexo cândido das coisas, é uma miniatura que irrompe das folhas espalmadas dos livros para o relêvo vivo do quadro. Memling é, sem dúvida, miniaturista ainda, mas sente-se nas suas miniaturas tanta grandeza concentrada, como se sente a imensidade dum mundo no grão de areia duma estrêla. E' a intuição desta magnitude, recolhida mais pelo sentimento do que pela plástica, que marca a distância que vai das *Mui Ricas Horas* ao *Relicário de Santa Ursula*...

— E quem há de dizer, notou fr. Bruno que tanta côr sangrou nessa fôsca e enevoada Bruges, tão longe do maravilhoso céu italiano!

Fr. Leonardo expandia-se. E' que Bruges era uma bruma d'oiro cheia de laivos, de contrastes de luz, em que Rubens mais tarde e com uma alma mais complexa, havia de recortar as suas figuras. O empório comercial, que fazia de Bruges a Veneza do norte, por si só não explicava estas orgias d'oiro, estas saturnais de sumptuosidades e de explendores, de pro-

cissões pagãs e cortejos religiosos participando a um tempo de rito de Dionysos e de liturgia da Igreja. Era o aristocratismo e a graça sedutora do Burguinhão que acendiam lubricidades de sultana nesta burgueza enriquecida que êle explora e desdenha e que enfeitiça com aparatos e pompas magnas. E Bruges desvanecida com as adulações dos seus Príncipes, entontece, folga em justas e torneios, desfila em cortejos e cavalgadas, sob arcos triunfais, através das ruas forradas de oiro e de púrpuras onde se representam farças e fontes de prata jorram bebidas aromáticas. Homens e mulheres nobres, nos mais variegados e artísticos costumes, constelam-se de joias, recamam-se de pedras preciosas e arrastam mantos como caudas de cometas. E' o ciclo épico do Luxo. Ourives, lavrantes, decoradores, bordadores, esmaltam de gemas, espumam de rendas e arminhos, lavram de sedas e filigranas esta teia de luz que se abate sôbre Bruges e escorre nos elmos, nas armaduras e arnezes e se prende nos saios, nos tabardos, nos mirabolantes toucados das donas, nas grandes opas vermelhas historiadas dos senhores e nas capas aurifrigiadas dos Príncipes. E no meio dêste sensualismo pagão com extravagâncias do Oriente e exotismos de longas terras — Bruges era nêsse tempo *coulisse* obrigada de todos os corretores, fundeadoiro conhecido de todas as quilhas — a crença não se perverte, nem o fervor religioso afrouxa. Sob êste deslumbramento o lírio cândido da fé impéra e domina. A alma da Virgem não se ensoberbece nos brocados preciosos e nos

mantos recamados de pérolas de que os pintores as vestem. Um presépio é sempre humilde.

— Um ambiente plásmico de oiro e de luz, tal é no fundo a matéria prima dêstes artistas flamengos, rematou fr. Leonardo. Sente se que tudo é lavrado, modelado, cinzelado, pintado a oiro e púrpura...

— Atenção, que a tarde vai-se e eu não quero vel-os caír em pecado mortal! exclamou Luciano jucundo e olhando a cêrca deserta.

Os monges acordaram. A diversão artística arrebátára-os, pregando os, esquecidos, na solitária rua de murtas. Devia ter terminado há muito o espairecimento, porque nenhum religioso se via já na quinta. O sol sumira-se para a banda de Burgos. A oriente, para lá de S. Pedro da Cardeña, os montes da Rioja esfumavam no horizonte as suas ondulações lívidas, e dos vales de Villayuda e de la Ventilla subia lenta a sombra dos bosques, trepando à colina santa. Não bulia o ar, nem chegava de fóra nenhum ruído. A solidão empolgava o Deserto.

Apressadamente, os religiosos deixaram a quinta e separando-se de Luciano na horta, avançaram sós para o Claustro grande.

VIII

Era depois do ofício, dêsse filtro de espiritualidade por que passava a alma, que êle sentia melhor e que uma serena paz o inundava de castos eflúvios místicos. O adejo branco dos monges, a sua voz d'oiro erguida em cânticos para as alturas, sob o olhar daquela Virgem que presidia tão suave e bela, o repouso em que se caía depois da oração — nada havia como isto para enternecer um espírito e lançal-o num mole abandono de languidez e de sonho. Os monges iam-se como visões, vagamente alados, e quando o rasto branco se dispersava no claustro, Luciano ficava sòsinho sob o silêncio, escutando o eco tumultuoso que lhe deixára a sublime palavra de Deus na ressonância grave do cantochão e da salmodia. E então revivia os grandes génios do claustro, toda a prodigiosa florescência mística do século XVI, com suas visões e raptos, seus transportes e arroubamentos. Parecia-lhe ser um daquêles privilegiados — Santa Tereza ou S. João da Cruz — mixto

de acção e de contemplação, organizadores e ascetas, castos e lúbricos, voluptuosos e rígidos, — e que os seus arrebatamentos messiânicos, toda a sua febre de proselitismo não era, afinal, senão uma ânsia enorme de romper a materialidade, de elevar-se, subir, de chegar a Deus.

Tinham acabado Vésperas. Vogavam ainda na nave eflúvios espirituais, frémitos de súplicas e orações. Luciano ficára na sua estala encalhado nas fibras dos últimos salmos como numa rede de sonoridades ecoantes, tecida pelas vozes projectadas — lançadeiras d'oiro. Na rotunda alta da igreja entre mármores e muros caiados, o calor de fóra não chegava, mas um vago torpor fazia pender o corpo em prostração. As coisas em roda pareciam vibrar ainda no eco das vozes que as dilatavam e punham em comunhão com as almas. A sugestão das cogulas monásticas dealbava tudo. A retina embebia-se desta fluídez lactescente e era do olhar ao coração uma torrente límpida de emoções, de frescura e candidez que branqueava e purificava.

Da sua estala, Luciano defrontava, por cima das estátuas de neve dos sepulcros, o grande Retábulo gótico, prodigiosa talha que enchia o fundo da ábside, por cima do altar. No meio e dentro dum enorme círculo de figuras orando, destacava-se um grande Cristo crucificado, motivo principal da composição. Nos extremos da cruz, amparando-a, o Padre Eterno, de tiara, e o Espírito Santo, de corôa, formavam, com o Filho imolado, a Santíssima Trindade; e

o mais alto mistério da Igreja, o que era a sua substância e a sua tríplice raíz, refulgia numa auréola viva de anjos rezando. Nos quatro ângulos da Cruz e dentro do círculo celeste figuravam, meramente ilustrativos, mas associados ao divino Redentor, quatro episódios da sua paixão: o horto, a coroação de espinhos, a via dolorosa e Jesus morto nos braços da Mãe. Do grande círculo central, o painel radiava para os ângulos do quadrilátero e nos seus quatro cantos pousavam os evangelistas, cada um dos quais tinha próximo, no sector triangular dos pendentes, um Padre da Igreja: S. Jerónimo, S. Gregório, Santo Ambrósio e Santo Agostinho. S. Pedro e S. Paulo, os dois pilares da Igreja, seus fundadores e defensores, ladeavam o círculo, hirtos e rígidos, como sentinelas num posto, e piedosamente, no espírito da tradição, Maria e o discípulo amado tinham no sopé da cruz atitudes trágicas de sofrimento.

No corpo inferior do Retábulo, inscreviam-se outras composições em cercaduras d'oiro, alusivas à vida de Jesus. Presentes ao sacrifício da missa, quási rente à ara santa, perfilavam-se ao lado do tabernáculo S. João Baptista e Santa Maria Madalena, protetores da Ordem; Santa Catarina e S. Tiago Apóstolo. Nos extremos do retábulo, ajoelhavam os soberanos doadores: D. João II, do lado do Evangelho, protegido por S. Tiago e encimado pelo escudo de Castela; do outro lado, a rainha Izabel, protegida pela santa do seu nome, e tendo por cima as armas de Portugal.

Que significava êste Retábulo ? Obra sublime do mesmo genial cinzel que amaciára e fizera vibrar os mármores tumulares, só podia interpretar-se com o espírito do próprio claustro, o que nem sempre a crítica soubéra fazer. A sua leitura era simples e resolvia-se claramente em termos conventuais. Os círculos de que êle estava cheio significavam a eternidade e a constância do ministério santo. Um sentido monástico ressaltava indubitável na simbologia do painel: a expiação e o sacrifício expressos na grande crucificação — seu centro e alma — dentro do círculo orante representando a eternidade da oração e da adoração. Esse quadro da circunvolução central, enorme, onde destacava o grande Crucifixo no meio duma corôa viva de anjos de mãos postas, exprimia, de facto, as mortificações, jejuns e penitências do Deserto dentro do círculo da oração e adoração perpétuas. A redondeza da composição com a sua cercadura angélica significava egualmente o Céu, onde reinavam na sua glória imperecível as três santíssimas Pessoas.

O painel não tinha, é certo, a unidade que uma demasiada preocupação de arte exigia. Não era um quadro, mas uma evocação dispersa da vida de Cristo em seus variados episódios passionais. A legenda do Calvário inspirára o artista e não era senão Jesus erguido no Gólgata ; não era senão o sacrifício e a imolação expiatória da Vítima o que falava no Retábulo d'oiro de Santa Maria de Miraflôres. E que outro emblema figuraria melhor num deserto expur-

gador do que o exemplo e estímulo da crucificação dum Deus pelos pecados do mundo ?

Luciano prendia-se agora nos particulares. Que prodigiosa arte a dêste Retábulo! Como fôra possível tanto génio para crear e animar estas estátuas admiráveis e surpreendentes de beleza na sua atitude natural e simples! O olhar extasiava se nas doces figuras das santas, mimosas como creanças, tão lindas, elegantes e espirituais, que dava vontade de as beijar e abraçar, de metê-las com carinho n'alma. Eram divinos de candura ingénua êstes rostosinhos góticos cujas carnações tinham perdido com os séculos a vivacidade afogueada das tintas, sem comtudo nada sofrerem na frescura e na graça. Só as mãos tinham-se tornado pálidas, diáfauas, afusadas...

Entretanto um donato abrira com fracasso a igreja. Luciano, desperto, meteu a sua chave á porta da clausura e sumiu-se na sombra fresca dos corredores desertos. Passou junto da cela prioral encimada pelo emblema da Ordem — o globo e a cruz aureolada de sete estrêlas — e internou-se no Claustro Grande. A extensa nave abobadada parecia um enorme túnel talhado numa montanha de neve. O eco surdo das passadas punha não sei que dissonância cava, que absurda nota discordante nesta alvura cândida, onde os vultos brancos adejavam silenciosamente como alados serafins. D'ali passou para a horta e penetrou na quinta. Repoisou um momento na macia caruma do múrmuro pinhal e procurando a sombra das árvores seguiu rente ao muro da vedação. A vista dos oratórios

rústicos dispersos nos troncos e pelo muro, consagrados quási todos à Virgem, fazia-o pensar naquêle adorável culto de Nossa Senhora, tão entranhado e carinhoso, que era das práticas mais mais tocantes que êle encontrára no Deserto. Não havia adoração duma suavidade assim. Nossa Senhora era uma das maiores preocupações daquêles homens que, mortos para o amor carnal, condensavam no seu casto afecto à Virgem todas as efusões sensíveis das suas almas inocentes. Maria Santíssima não tinha mais fervorosos adoradores do que os claustrais daquela Ordem, que escolhiam a mãe de Deus para sua protectora, vestiam-se de branco como ela e se lhe lançavam aos pés numa veneração constante, numa solicitação ininterrupta da sua graça e do seu Amor.

E essa adoração parecia vir de longe e remontar ao próprio berço da Ordem. Segundo lêra na *Vida de S. Bruno*, de Súrio, depois do patriarca das Cartuxas se instalar em Santa Maria do Ermo, na Itália, os monges da Chartreuse, transviados pelo demónio, pensavam em abandonar o Deserto, quando um venerável ancião lhes apareceu prometendo que Nossa Senhora seria sempre ali com êles se todos os dias lhe rezassem o seu ofício. Os religiosos assim fizeram e não foram mais tentados A tradição perpetuára-se, e em todas as Cartuxas começára a rezar-se diariamente uma missa votiva em honra de Nossa Senhora, que aos sábados passára a ser conventual. Posto que nem todos os mosteiros, por motivos de natureza

local, tivessem o nome da mãe de Deus, segundo a fórmula expressa da profissão monástica, as casas edificadas ficavam virtualmente sob a sua invocação e protecção: *quæ constructa est ad honorem Dei et beata Virginis Mariæ.* Os Capítulos gerais tinham estatuído muito sôbre a Virgem, quer colocando as comunidades debaixo da sua protecção, quer determinando e estabelecendo certas prescrições rituais de uso particular. Todas as celas possuiam uma estatueta branca de Nossa Senhora e deante dela se prostrava o religioso pronunciando a *saudação angélica,* sempre que entrava. No côro dos monges e na biblioteca, a Virgem estava sempre presente, e na *Fonte Bendita,* Nossa Senhora abençoava a água sôb a sua capa verde de trepadeiras roçagantes.

E êste culto tão terno comovia Luciano. Era uma reabilitação generosa da Mulher, tão mal julgada lá fóra por êsses que a perdiam e pervertiam, tão prontos em castigál-a nas suas quedas como lestos em a a fazer caír. A mulher era venerada no claustro, no símbolo da sua pureza e também da sua maternidade. E quando o monge cercava de flôres ou de verduras a branca Virgem da sua cela, êle envolvia na mesma homenágem a Virgem e a Mãe, por todo o amor, por todo o bem que ela derramava na terra e que só a insensatez do homem e o desvario ignóbil da sua moral convertiam tanta vez em fel amargo.

Seguindo os hábitos do claustro, Luciano floria também a Virgem que tinha sôbre o genuflexório do

seu quarto. Não se esquecia nunca dela nas suas peregrinações pelos jardins do mosteiro. As jarras estavam sempre repletas. Era quási um galanteio sentimental aquêle cuidado em que punha tanta emoção e delicadeza, de adornar de rosas a pequena estatueta branca. Este culto piedoso parecia comover tambêm a cândida imágem que, naquêle recanto do mosteiro, onde só de passágem algum raro cura de longe surgia, não tinha muitos adoradores e sofria um pouco de abandono e esquecimento. E a ideia de que a terna dedicação dêle era particularmente agradável á linda Virgem sensibilizava-o e punha-o contente. Mas, é certo, que nêste culto era sobretudo a Mulher que êle reverenciava, a mulher idealizada na sua constância e na sua ternura, a mulher, amparo e consolação do homem, a mulher-amiga, a mulher-guia.

Ah, êsse hediondo feminismo! Detestava-o tanto quanto amava a mulher. Tais teorias dissolventes não eram possíveis senão porque uma sociedade pôdre corrompia tudo. Sôb o aspecto simpático da emancipação da mulher só se encontravam ciladas contra a sua honestidade. Sem dúvida, as reivindicações eram muitas vezes justas e os apostolados sinceros; mas valia a pena desagrilhoar-se a mulher para a perder nas sendas do vício, onde fatalmente a arrojaria o poder maléfico que domina o mundo? Não era mais do que certo que, no mesmo pé d'egualdade que o homem, com as mesmas preocupações, a mesma vida livre e solta, ela crearia os mesmos hábitos dissolutos

e a mesma existência desregrada ? E com que direito então a sociedade deixaria de absolver na mulher o que não considéra no homem afrontoso da sua dignidade ? Êle não via nessas aspirações femininas de liberdade senão perigos para a sua virtude preciosa e frágil. A mulher livre na sociedade de hoje não seria arrastada no pendor rápido do crime, e não faria ela da liberdade o mesmo indigno uso que o homem ? Não, não era a mulher que tinha de erguer-se até ás liberdades do homem ; mas era o homem que tinha de subir ás moralizadoras virtudes da mulher. Regra geral, não havia mulheres impuras senão porque havia homens ímprobos. Fôra o homem que instituíra os prostíbulos e rebaixára a mulher á suprema degradação de fazer comércio com a sua dignidade e com o que há de mais puro, o amor. Não ! Enquanto o homem não dignificasse a mulher e deixasse de prostituir-se na libertinagem e no sensualismo descomposto da besta ; emquanto se não purificasse o ambiente de corrupção creado pela moral moderna, a mulher arriscava-se muito respirando livremente êsse ar impuro. Ele desejava a mulher livre, mas noutro ambiente, noutra sociedade, noutra moral. O homem não respeitava ainda a mulher e fazia-lhe todo o mal que podia. No desvairo dos seu instintos insubmissos não educados por uma rígida moral, com a tolerância condescendente e o exemplo máu sempre deante dos olhos, a virtude era difícil na alma masculina e a incontinência desbocava-se sem os freios da dignidade e do pudor. Por isso êle adorav

a mulher, admirava-a e venerava-a, porque ela era ainda um ser moral não contaminado ; um ser puro em que resplandeciam as nobres virtudes da continência, do pudor e do respeito de si. Elevál-a até o homem não era senão deprimil-a. Dos homens não recolhia ela cada vez mais os máus hábitos ? Era ali no mosteiro que êle, por contraste, notava o nível moral, tão baixo ainda, do homem lá de fóra, tão inferior no carácter, na moralidade e no sentimento á mulher que não se sabia amar nem dignificar. Por isso Luciano se curvava deante daquêles monges graves, pela vontade enérgica e vitoriosa força com que utavam para sêrem puros, para sêrem dignos e, tanto quanto possível. perfeitos.

Entretanto Luciano, no seu lento cogitar, avançára para o fundo da quinta, até os tanques que recebiam as águas que vinham de cima, da Fonte da Virgem. Um macisso de álamos erguia as suas frondes altas na serenidade rósea da tarde. O declive das terras cavava em baixo um vale fresco e ameno que se vestia dum verde esmeraldino muito viçoso e tenro. Juncos altos e funchos espigados rompiam do solo húmido e fôfo, onde se afundavam os passos. Luciano tinha-se estiraçado nas relvas sob os álamos e gosava a solidão e a frescura do êrmo, quando deu reparo que dos lados da fonte descia sorrateiramente, encolhendo-se por detrás das moitas de murta e de alecrim, um monge branco, um converso, sem dúvida, que parecia aconchegar uma espingarda a si e espreitar atentamente as ramas das árvores.

— Um antigo caçador que não conseguiu ainda desenraízar o vício, pensou Luciano, não sem surpreza e algum pezar. Mas estou admirado que sejam aqui permitidos exercícios venatórios, porque é evidente que êsse religioso não anda clandestinamente pela quinta com uma espingarda na mão aos tiros.

Nisto o monge poz a arma á cara e destechou contra uma árvore. Uma detonação soou no êrmo. O religioso, porêm, pareceu não se preocupar nada com os efeitos do seu tiro, porque não correu para a árvore nem fez menção de recolher qualquer ave atingida e continuou a descer tranquilamente para o lado dos tanques. Mal encarou Luciano que se levantára do prado, o converso còrou, embaraçado e confuso como se fôsse apanhado em flagrante nalguma falta.

— E' um velho hábito contumaz ? preguntou-lhe Luciano a rir para o pôr à vontade, depois de o saudar com uma inclinação.

O religioso era um rústico bastante tímido e simples, de olhos pequeninos e risonhos, com a barba crescida dos conversos, envergando muito desageitadamente a cogula monástica. Trazia os pés metidos nuns sapatorros de bezerro, tauxiados para andar no monte, e a sua face luzia de ingenuidade e de boa côr, um pouco requeimada do sol da quinta que êle afrontava com indiferença, de cabeça descoberta.

Interpelado, o leigo justificou-se com um sorriso aberto que lhe iluminou o rosto franco.

— E' só pólvora, meu senhor, para meter susto e espantar a uns daninhos pássaros.

— Mas... não vejo por aí nada que os passáros possam danificar, objectou Luciano.

— E' que véem de fóra umas aves grandes que fazem mal ás outras pequeninas que se criam aí na quinta. Perseguem-nas e matam-nas. Eu pedi esta espingarda ao padre-prior e faço fugir as aves más para fóra da cêrca.

Luciano só então notou a caçadeira; era uma frac arma incapaz de perpetrar um crime a sério.

— Mas assim afugentais tambêm as aves pequeuas.

O monge abanou a cabeça sorrindo.

— Não fogem, que elas conhecem-me de lhes andar de guarda aos ninhos.

Luciano olhava pasmado esta simplicidade cândida do santo homem com tanto amor ás aves da quinta que lhes guardava os ninhos e as protegia das outras aves más. O converso, timidamente, com os olhinhos rindo na face gorda e rosada, saúdou e abalou encosta acima para o pinhal, espreitando os inimigos dos pacíficos voláteis da quinta.

— Eis um rústico, falquejado e tôsco como um labrêgo, que não liga duas palavras desembaraçadamente e que tem uma alma tão bem formada. Lá fóra seria um brutamontes com os instintos prestos para a ferocidade e para o mal. Aqui adora as avesinhas simples, protege-lhes os ninhos e defende-as dos máus.

Eis o que um convento faz.

Lentamente subiu para a fonte da Virgem e sen-

tou-se no rebordo dum alegrete ao pé da estátua. Comovido pelo tocante episódio, tão sublime na sua singeleza, a santa imágem enternecia-o e parecia querer-lhe agora com mais fervor, porque á sombra dela as almas adquiriam uma tal bondade que a natureza bruta cedía domada na sua vileza e nos seus ímpetos bruscos. Compreendia agora porque os monges se apegavam tanto a Nossa Senhora e porque Ela era tão amada e reverenciada nos claustros. Ela era a Mãe, a intercessôra nas recaídas do pecado e nos desfalecimentos das lutas contra o demónio ; era a asa tutelar que aconchegava amorosamente os filhos e tinha para todos o sorriso acolhedor do perdão e da indulgência. Ah, o culto de Maria ! Se a Igreja nada mais tivesse, Maria só por si bastava para encher de beleza e de santidade a religião cristã.

Os seus olhos humedeciam-se erguidos para a Virgem que abençoava a água, fluindo límpida do seio da Terra. Era uma imágem casta de rapariga núbil, talhada numa argila granulosa e parda com os olhos púdicamente descidos como todas as Virgens das celas. Era a Imaculada que concebera sem pecado, e era a Mãe que, só por sel-o, resgata no filho todas as pecaminações do vício.

Do alto da Fonte avistava-se um largo horizonte que Luciano observava com larga melancolia. A tarde desmaiava lenta e colorida. Nas campinas rasas, para lá da cêrca, o sol recolhia-se arrastando molemente a sua fina rêde d'oiro. Toda a planície, para a banda de Burgos, se abrazava numa inundação de púrpura. De

oriente a ocidente, pelos vales profundos que do lado do setentrião rumorejam as suas vagas verdes de floresta, a luz corria; alagava os campos, submergia as terras e só as cabeleiras altas das árvores emergiam e flutuavam acima da onda de fogo, como cachopos aflorando num mar de lava. E no cume do monte soberano, Santa Maria de Miraflôres via deslizar a seus pés estas fluidas torrentes rútilas recolhida no silêncio e na meditação. Tivera sempre um misterioso atractivo esta colina santa, alcáçar e olimpo, capitólio augusto em cujos bosques veneráveis corria ainda o arrepio profundo do gesto divino ungindo as cabeças dos Príncipes. De alcáçar e olimpo passára a santuário de Deus, e sagrada por cinco séculos de oração e de expiação a montanha veneranda resplandecia santificada como um Horeb em chama alumiando os quatro cantos do horizonte. E Luciano na febre d'oiro em que ardia a tarde e lhe entrava nos olhos queimando lhe o sangue, via os Príncipes surgirem da púrpura nos seus brocados ricos e na pompa grave dum cerimonial litúrgico: Henrique III, D. João II, Izabel a Católica, Joana a Louca e Carlos Quinto. Ah, Joana a Louca! E era êsse drama trágico da paixão de Joana em correrias alucinadas para a montanha santa, onde repousava morto o seu real amante, que tumultuava na cabeça de Luciano. E na tarde d'oiro, como num vitral ardente, êle via projectar-se esse desvairado e sombrio amor romântico duma rainha pelo lindo príncipe arrebatado dos seus braços, pouco depois de ela o ter feito rei. Onde um coração que não se comovesse?

Filha da grande Izabel e sua sucessora no reino de Castela, Joana casa em Flandres com o archiduque d'Austria, Filipe o Belo, e é jurada herdeira da corôa em 1502 A morte de sua mãe, quatro anos depois, assenta-a no trono que ela partilha com seu marido amado na calma e religiosa Burgos — *Caput Castellae.* Eram ambos moços e belos ; êle 28 anos «de estatura mediana, rosto branco còrado, pouca barba, olhos regulares, cabelo comprido, toda a composição do seu corpo muito honesta e amável»; ela, mais nova ainda do que êle, esbelta e graciosa princesinha, tão parecida com a avó paterna que sua mãe por gracejo lhe chamava sogra.

Muito religiosa e virtuosa, a morte súbita do moço consorte, poucos meses depois de coroado, lança-a desoladamente numa sentida viùvez inconsolável. Entristece. Desvaira. Despoja-se das suas alegrias de mulher e das suas galas de rainha. Os seus faustosos vestidos da corôa e os damascos do seu leito de casada, todas as alfaias do palácio, tudo envia lá para cima para os bons monges da Cartuxa, guardas do corpo do seu real amante, cortarem casulas e dalmáticas e vestirem as imágens e os altares. Uma lámpada d'oiro arde contìnuamente sôbre o túmulo do malogrado rei com a divisa que ela mesmo engenhou dos seus dois nomes entrelaçados. A saudade punge-a; o desespêro definha-a. Extremamente zeloza, mortifica-a a inquietação constante de que lhe roubem os adorados despojos. Receia de todos, desconfía de tudo. Um dia — dia de Todos-os-Santos — pouco

passava dum mês que a morte o levára, trepa desvairada as escarpas de Miraflôres e exige d'olhos em brasa que os monges lhe mostrem o real cadáver. Faz abrir o caixão. Respira. Socega. Filipe lá está, 28 anos e rei, dormindo serenamente nas suas ricas vestes de brocado forradas de arminho e os pés calçados em borzeguins flamengos. Joana olha, toca-o, certifica-se e mudamente, tranquilizada, parte.

Mas êste repouso não dura muito. Filipe o Belo vai deambular nas alucinações macabras da nevrose através das terras planas burgalesas. Sob o pretexto de que a peste ameaça Burgos, mas na verdade por conveniências políticas da governação, a rainha Joana atende a súplica dos conselheiros e conforma-se em deixar a cidade —ruminando comtudo a sua ideia. E a pobre louca d'amor investe de novo pelas encostas do Deserto com seus familiares na cola, e bate á porta do mosteiro reclamando a entrega do seu real consorte. Ponderam-lhe humildemente os monges o desacêrto dum tal propósito; o bispo burgalês que vem após ela, tenta dissuadil-a invocando os preceitos santos que interdizem a trasladação antes de seis meses de sepultura. Joana exaspéra-se, recalcitra. Sua vontade é soberana. Ou lhe entregam o marido ou manda arrancál-o d'ali á fôrça. A obstinação vence. Não há remédio senão ceder. E' já noite. Faz lá fóra um tempo horrível, porque os invernos são ásperos na região burgalesa. Pois é mesmo de noite que a rainha vai sair, porque, diz ela: «Uma mulher honesta depois de haver perdido o seu marido, que é o seu

sol, deve fugir da luz do dia». E o triste cortejo arranca do portal de Santa Maria de Miraflôres, entre filas de archotes abrazados, cujos clarões a tempestade sinistra agita e desgrenha. O ataúde desce as colinas ásperas aos tropeções, e impelida por uma razão que é já um crepúsculo tambêm, entranha-se nos bosques e perde-se na noite, embalado pelas vozes dos monges que entôam as orações dos mortos. E essas procissões de choupos que desfilavam lá em baixo, sombriamente, pelos vales do Arlanzón, evocavam na sua soturnidade lúgubre, o desespêro trágico de Joana a Louca passeando inconsolável o cadáver do seu real consorte pelas religiosas solidões de Castela-a-Velha.

Quando Luciano deu por si a tarde fôra-se e a massa do convento empardecia no crepúsculo. Levantou-se apressado. O irmão Joaquim devia já impacientar-se, porque passava muito da hora da ceia. Saiu da quinta, atravessou a horta, enfiou pelo claustro dos conversos e subiu à hospedaria. O donato esperava-o na copa.

— Começava já a inquietar-me a demora, exclamou sorrindo.

— Perdoai-me, irmão Joaquim, mas adormeci na quinta. Molesto-vos?

— Em nada; era apenas pela vossa ausência. Vou servir-vos a ceia.

Luciano entrou no pequeno refeitório e abriu as três janelas de par em par. A cratera do poente vomitava as últimas lavas sôbre Burgos. Em baixo, os

cimos das florestas alargavam os seus tufos de sombra, perfilavam-se mais altos, marinhavam em fundos côr de pérola e nácar, e do lado de Cortes para a Cardeña terra e céu confundiam-se já no sonolento abraço côr de cinza e môrno.

IX

Acordára cedo aquela manhã, depois de três horas profundamente dormidas no regresso de Matinas ; e já sem sono, bem desperto, correra á janela a sorver com goso o ar subtil da madrugada muito clara e fresca, sem laivos de sol. As neblinas enovelavam de grandes flócos de algodão os cimos dos bosques que desciam para Burgos e o céu opaco, sem luminosidade, conservava ainda o rasto sombrio da noite na epiderme espessa empastada de anil.

Estava há seis dias na Cartuxa e sentia-se rejuvenescido na frescura do sentimento e na pureza da alma. Ao entrar no Deserto começára, imperceptivelmente, a passar por filtros rugosos de austeridade e de penitência que o tinham aliviado do grosso lastro impuro. Sem visões perturbadoras já, a imaginação não supurava agora imundícies, e na química do cérebro não entravam as toxinas da sensualidade perversa. Esse sensualismo despótico que tiraniza o homem e o torna escravo das paixões malsãs, seca-

va, mordido na raiz por um mal estranho. Como uma seara mondada, que cresce melhor e mais igual, êle tornára-se, depois de limpo das suas hervas daninhas, mais equilibrado e unido, mais íntegro e completo, e todas as seivas fecundas da vida pulsavam no ritmo da plenitude perfeita.

O claustro de Miraflôres, dissera-lhe o Padre Prior, fôra sempre um viveiro de santos. O carácter solitário e retraído da Ordem não permitia um conhecimento exacto da vida monástica e do segredo das celas, nem que se soubesse lá fóra o gráu de perfeição a que se chegava ali. O claustro refazia inteiramente o ser; creava um outro carácter. Ao revestir a cogula, despojava se o professo de todo o seu orgulhoso exclusivismo. Não o deslumbravam grandezas porque não tinha ambições. O mundo via-o sob um novo aspecto. Não que o monge engeitasse absurdamente a família ou voltasse, com ódio, as costas á sociedade. Um claustro não esterilizava o coração nem expungia dêle afeições. Pelo contrário, ali o sentimento requintava-se; o amor subtilizava-se e sem se particularizar num ser ou revestir aspectos absorventes e egoistas de paixão, o amor alargava-se a todoa os homens e envolvia no mesmo carinhoso amplexo todos os sêres creados irmãos do homem. O que fazia admirar e respeitar o claustro era essa assombrosa afirmação de altruismo que êle nunca vira assim, afirmação que ali faziam, sem ruído nem alarde, êsses homens graves e simples que se privavam de tudo, que renunciavam á vida, ao sol, á livre

expansão da natureza ávida, na convicção sincera de que os seus sacrifícios iam aliviar o mal e ser d'alguma forma úteis.

O monge não se ocupava só de si, não buscava interesseiramente, ao demandar a cela, um bom lugar no céu. O monge pensava sobretudo no mundo, pensava nos desvarios insensatos dos seus irmãos os homens, e com um espírito de fraternidade e de humildade jàmais excedido, êle tomava a carga dos pecados do mundo e desgastava-os pacientemente com seus sofrimentos e mortificações. E tudo isto se passava obscuramente, por detrás dos muros invioláveis do Deserto. Dessa existência, que era sobretudo uma incarnação espiritual — que era a alma ressurgindo das materialidades hediondas, glorificada na luz — nada podia saber se, confinada na clausura e na impenetrabilidade da cela. Alguma coisa transpirava, porém.

A tradição perpetuava em memórias escritas da mais alta antiguidade, rasgos da vida de certos monges que tinham enaltecido com suas virtudes, sua fé e dedicação extremada os anais da Ordem. Fr. Bruno recomendára-lhe um desses manuscritos, espécie de Legenda Aurea de Miraflôres, cujo relato ingénuo e simples era, de resto, a história corrente de todas as existências do claustro. Essas figuras destacadas não formavam excepções; constituíam tipos. Cada uma delas, posto que individualizada, não era senão a expressão abstracta das virtudes comuns do Deserto. Os nomes não etiquetavam pessôas; exprimiam símbolos

E era essa velha crónica, onde várias mãos tinham colaborado, que Luciano perpassava aquela manhã à espera da hora da missa.

O legendário vinha desde o século XV.

Era primeiro um Payo de Ribeira, de estirpe fidalga, moço noviço tão perseverante na vocação que deixa extinguir a sua nobre linhagem, para não perder a virgindade. Como não ceda a solicitações, querem arrancal-o á força do claustro, mas êle abraça-se a um crucifixo e Jesus detem os violentadores estendendo-lhe os braços despregados da cruz.

Fernando Getino desprezou riquezas e honrarias pelo claustro de Miraflôres e socorria com piedosa afeição os frades franciscanos. Certa noite em que jornadeva para a Cartuxa de Paular, salteou-o tão violenta tempestade que se perdeu nos matos e teria perecido, se não lhe acode um anjo em hábitos franciscanos.

Juan Temiño, prelado tão fiel zelador e cumpridor dos Estatutos, que impediu a própria rainha Izabel de cruzar o portal da Cartuxa quando ali foi visitar os restos fúnebres de seus pais.

Pedro de Aranda, que deixou de comer e beber e passava as noites sem dormir, em rezas e martificações, dispensado pela graça de Deus de todas as necessidades corporais.

Juan de Medina, converso e porteiro, alimentava-se de ervas e dava as suas refeições aos mendigos.

O prior Juan de Puebla, tão caritativo e amigo de dar que o Nosso Senhor para o ver contente crescia-

lhe o pão nos celeiros. Emquanto viveu nunca se viu na Cartuxa o fundo às tulhas.

Gregório de Gonni era tão odiado do demónio por suas virtudes e santidade, que o malino lhe apareceu uma noite sob a forma de serpente, cujos rugidos todo o claustro ouviu.

Juan de Pontal, que deixou imperecível memoria de si pelo fervor com que consolava e exortava à paciência, fazendo êle só todos os serviços grosseiros das celas para aliviar os religiosos e humilhar-se mais.

Martin de Gamarra, que em vinte anos de cegueira não quiz nunca que o servissem, glorificando-se de que Deus o distinguisse com mais essa provação.

Hipólito de Salas enternecia-se tanto quando celebrava missa que regava o altar de lágrimas.

Pedro Vado, que em vinte e oito anos de clausura só se alimenta a pão e agua e dorme no chão da sua cela.

Cristovam Cerezo, abastado fidalgo de Burgos que, renunciando a todos os privilégios e riquezas, se acolhe ao Deserto na humilde situação de converso. Moço de cosinha e depois porteiro, ao curar as chagas dum pestífero que passava, contraíu o mal e morreu vítima da sua abnegação e caridade.

Martin Ramos, que já velhinho e impossibilitado de trabalhar, passava os dias inteiros a rezar na igreja.

Francisco Astudillo, tão enlevado na meditação que, depois de Matinas, ficava em êxtase até surpreendel-o a luz do dia.

Lourenço Vasques, que durante meio século de clausura não saiu nunca da sua cela senão para os ofícios comuns, e dormia sempre sôbre uma táboa. Quando morreu usava ainda a mesma cogula que envergára cincoenta anos.

Diogo Molina — irmão do grande letrado e monge também de Miraflôres, Antonio Molina—que ao professar manifestou tais excessos de alegria que recearam se dementasse.

Martin Ugartburú, monge piedoso e caritativo, que, depois de dissolvida a comunidade na primeira exclaustração, andava pelos caminhos apanhando esterco, que vendia, dando o dinheiro aos pobres.

E o legendário continuava, sempre no mesmo tom de narrativa ingénua, esmaltando a história de Miraflôres de episódios singelos, onde havia tanta candura, tanta beleza, e heroismo também.

O toque para a missa fêl-o pôr de banda o manuscrito. Tomou o breviário e saiu. Fr. Bruno mandára prevenil-o de que naquela manhã se avistaria com fr. Leonardo. Os dois monges tinham obtido do Padre Prior permissão para se demorarem na igreja, depois da missa, com Luciano. O artista manifestára a fr. Bruno o desejo de sentir, ainda uma vez, vibrar a alma entusiasta do religioso pintor ao contacto das maravilhas d'arte de Santa Maria de Miraflôres.

Depois da missa conventual, Luciano juntou-se aos dois monges. A comunidade saíra, mas a igreja permanecia fechada emquanto se rezavam as missas votivas no côro dos conversos.

— Fr. Leonardo, dizia Luciano, a vossa igreja se não fascina pelo explendor, encanta e seduz pela graça. Sente se que lhe corre nas veias o sangue da Catedral.

— São parentes sob certos aspectos. Basta olhal-as. Mas a igreja monástica, capela dum êrmo, devia ficar modesta e o seu plano foi mesmo imposto ao arquitecto. E' uma igreja de pobres...

— Possuinda aliás maravilhas como não há em catedrais.

— Sem dúvida, os túmulos, o retábulo...

— Falai-me sôbre a fundação, fr. Leonardo.

— Mas, deveis saber... D. João II de Castela deu em 1442 os palácios de Miraflôres à Ordem de S. Bruno de que era muito devoto; querendo, porêm, respeitar a vontade de seu pai que determinára a edificação dum convento em honra e louvor de S. Francisco, ficou o mosteiro de Miraflôres sob a invocação dêste santo até 1452, ano em que um incêndio formidável devorou completamente o velha alcáçar de Henrique III. Iniciou-se logo nova construção, já apropriada a Cartuxa, que hoje existe, e em obediência ao costume geral de se colocarem todos os Desertos sob o padroado da Virgem, o novo cenóbio passou a dominar-se Santa Maria de Miraflôres. A nossa igreja, apesar de simples, é notável porque foi feita segundo os planos de Hans de Colonia, o mestre da escola de Burgos, que o bispo Alonso de Cartagena trouxe a esta cidade e que edificou as célebres flexas da Catedral. Mas seu filho

Simão é que cerrou as abóbadas e rematou a construção. Concluida, porêm, a nave já nos fins do século XVI, os seus coroamentos terminais não teem a impecável linha gótica dos da Catedral, e o acabado da obra grossa, em mamposteria, como vêem, é já bastante sensível na curva depressiva da decadência.

— E' de facto um gótico decadente, confirmou Luciano, abrangendo a ábside num olhar. Mas não é o templo tão pequeno como parece lá de fóra.

Miraflôres, duma só nave como todas as igrejas monásticaas, era uma arca de cinco tramos ou vãos de abóbada sustentados por arcos artezonados, de cujas chaves pendiam florões com os escudos de Castela. Conforme as exigências da Liturgia, e do mesmo modo que em todas as igrejas cartusianas, a planta dividia-se em quatro secções separadas por divisórias altas. A ábside era linda, graciosa e esbelta, embora uma cornija moderna e detestáveis mísulas do estuque em roda, prejudicassem bastante a unidade e nobreza do estilo. Das duas janelas altas guarnecidas de vitrais escorria uma luz suavemente colorida, de tintas castas e pouco vivas, fixando contornos vagos da Anunciação, Natividade e Adoração dos Magos.

— São vitrais já do século XVII, não muito perfeitos, observou fr. Leonardo. Os bons, os que vieram de Flandres no século XIV, estão nas janelas laterais da nave.

Mas todo o interêsse ia para o mausoléu. Já Luciano se acercava da grade com fr. Bruno. A enorme estrêla branca que Gil de Síloe talhou em alabastro

resplandecia na casta lapidação dnm cinzel de génio, a um tempo comovido e forte. Fr. Leonardo descrevia a obra imortal que enchia o fundo da ábside resguardada por um gradeamento de ferro, e frisava pormenores. E a mais cinzelada obra do mundo em pedra arfava na palavra entusiasta do monge artista.

A base estreita, de pouco pé, era um octógono. O corpo do mausoléu rompia para cima no sentido da projecção dos ângulos do octógono, mas cada lado do poliedro flectia-se em ângulo reentrante desenvolvendo duas faces. O sarcófago tomava assim, em planta, a configuração radiante duma estrêla de oito pontas e suas dezasseis faces. De cada ângulo reentrante saíam arcobotantes elegantíssimos de corpo duplo com suas ogivas, agulhas, flexas e pináculos floridos a que se adossavam figurinhas, e em cada uma das faces do poliedro instalava-se um nicho de arco duplo rebaixado, com baldaquino lavrado cobrindo estátuas alçadas sôbre composições arquitectónicas de arcos tribolados e estatuetas minúsculas nos vãos. Do lado da Rainha as oito estátuas reprasentavam as três virtudes teologais e as quatro cardeais: a *Justiça*, coroada e com uma espada em cada mão: a da direita, que levava também a balança, de ponta para o alto significando o poder supremo; a da mão esquerda, a espada do castigo, com a ponta para baixo; a *Temperança* com um quadrante solar, símbolo da medida e da precisão, e na única mão que lhe restava uma concha com água que a menor imprudência entorna; a *Força* com uma bigorna e uma prensa; a *Prudên-*

cia tendo um livro aberto e sôbre a cabeça uma casa. A oitava estátua da série era uma dorida Piedade.

As figuras que correspondiam aos oito nichos do lado do rei representavam reis, profetas, apóstolos e outras personagens bíblicas. Dois grupos de Cartuxos orando instalavam-se no ângulo saliente anterior e posterior.

No soco do mausoléu, simbolizando o desespêro da morte ou as lutas bárbaras que ensanguentam a terra e que os soberanos deixavam subindo á mansão celeste, travavam-se terríveis combates de feras; um leão subjugava um toiro; outro despedaçava um rapaz, e mandíbulas musculosas trituravam ossos humanos. Paralelamente, do lado de cada estátua jacente erguiam se imponentes trofeus de leões com escudos; o de Castela e Leão, a par do Rei e o de Portugal a par da Rainha.

E sôbre esta estrêla de neve dormiam imortalizados pelo génio dum cinzel as figuras de D. João II de Castela e sua esposa D. Izabel de Portugal, filha do infante D. João, que foi filho de el rei D. João I de Portugal. O sentimento de um pudor exagerado separára no tálamo mortuário as duas estátuas por uma divisória esculpida que pouco sobresaía acima dos dois corpos deitados. O Rei repousava hirto e grave, de olhos abertos, a cabeça inclinada um pouco para a direita, com a corôa mutilada e com falta da mão direita que empunhára o sceptro. A mão esquerda colhia o manto em pregas nobres e do pescoço descia o colar feito de círculos ligados contendo discos com

castelos e leões alternadamente, e o ristre, divisa do monarca. O brocado de que era feita a roupa riquíssima e de atavios faustosos, estrelava-se de joias e pedraria fina com profusos adornos, entre os quais abundava o ristre. As mangas do roupão e do manto, assim como o decote quadrado do peito prendiam-se por laços de agulhetas de oiro. Calçava chapins de sola alta, segundo a moda exagerada da época.

Toucada com o véu de linho sôbre o qual assentava a corôa gótica, alta e pouco evasada, de florões estilizados e embutidos de pérolas e miudo aljôfar, a cabeça da Rainha descansava na almofada, de olhos semi-cerrados e a expressão tranquila e plácida de quem vai adormecer. Sôbre a camiseta leve, aconchegada até à gorja, descaía o colar e d'alto a baixo envolvia-a a ondulação farta do vestido talar de largas mangas abertas presas por três laços com espigas de pérolas, d'onde saía em pregas a cambraia fina da roupa branca. E toda a régia figura era envolvida por uma riquíssima sobretúnica ou dalmática de brocado cairelada de largas fímbrias e constelada de miríades de joias, pérolas, aljôfaras e recamos quadrilobados incrustrados de pedraria. Nas mãos enluvadas e com aneis nos dedos sustentava um livro aberto ; tinha os pés calçados de chapins. Um longo rosário pendia-lhe monásticamente da cintura. O corpo da rainha estava um pouco voltado sôbre a esquerda, para melhor ser vista, por pudor ou porque a atraía o filho, morto muito novo ainda e tumulizado na parede dêsse lado da igreja.

Aos pés dos monarcas agrupavam se uma creança, um leão e um lebréu significando o amor, a valentia e a lealdade.

Todo êste enorme brilhante calcáreo, talhado em estrêla, fôra esculpido por um génio e nêle ficára cinzelado tudo quanto o gótico podia exprimir em beleza, finura, subtilização e espiritualidade. Nenhum oiro fôra mais maleável do que êste mármore nas mãos de Gil de Síloe, nem havia no mundo uma pedra filigranada assim. Toda a decoração gótica, suas molduraçoes e relêvos, elançamento místico de colunelos e curvaturas ascéticas de ogivas aflorava nêste alabastro prodigiosamente estilizado com tanta alma e engenho que cada face, cada plano parecia o relêvo plástico das miniaturas dum livro de Horas. O olhar perdia-se nas minúcias de execução com que era tecida a renda de espuma dos baldaquinos e dessa fiada de pequenos dosseis com arcaturas polilobadas e empenas, que se tufavam numa franja espessa pendente da cornija tumular. Por toda a superfície rolava esta onda crespa de rendilhados, arcaturas, coruchéus, agulhas, pináculos, umbelas e florões, e era como se um ácido corrosivo tivesse inundado de ponta a ponta estas placas brancas com todo o gótico impregnado nelas.

A geometria, a forma, os caprichos, sinuosidades e inflecções da linha, tudo pulsava e tremia como nas artérias se sente latejante, o ritmo vivo do sangue. E na fabulação animada, era por cardos, vides e folhas de louro, quimeras, pássaros, águias, leões e mons-

tros o mesmo frémito empolgante de verdade, de realidade e de alma colhidas na natureza e reveladas pelo génio artístico na expressão de sonho, de religiosidade e de êxtase que nenhuma arte exprimiu ainda como a arte gótica. Êsse mausoléu dizia tanto como uma catedral. Posto que dum período transitório, sentia-se já a Renascença em certos geitos de mão. Gil de Síloe tinha contudo ainda a alma ogival, e pelo vigôr, pela vontade e pelo engenho com que modelára aquêle sarcófago, dir-se-ia que êle pretendêra entoar naquêle poema de alabástro o canto de cisne do gótico.

— Período de explendor único, êsse em que foi possível realizar um tal prodígio, exclamou Luciano.

— Todas as energias da alma castelhana levantada pela epopeia da Reconquista faziam da Espanha uma grande nação, sem deixar de meter em conta os poderosos valores maometanos que actuavam salutarmente tonificando a cansada alma visigótica.

— Grande época! murmurou fr. Bruno.

— Grande época para a arte, sublinhou Luciano.

— Dois grandes mestres, disse fr. Leonardo, dois nomes ilustres que representam duas escolas, resplandeceram então: Juan de Guas e Gil de Síloe. O primeiro, que se supõe flamengo, trabalhou com mestre Anequim Egas no pórtico dos Leões da catedral de Toledo e edificou mais tarde a maravilhosa igreja de San Juan de los Reys, sumpuosa obra onde a influência germânica é sensível na decoração escultórica, e a influência mudejar notória na repetição eurítmica dos motivos—

que é um carácter maometano. Mas Gil de Síloe, *avecindado* em Burgos, excede-o em beleza e génio, nêstes tumulos e naquêle retábulo, obras que realizou nos últimos anos do século XV. Juan de Guas sofria talvez o contacto directo de mestre Egas, chefe da escola de Toledo; Gil de Síloe inspirára-se já de Simão de Colónia, filho de Hans de Colónia, o mestre da escola de Burgos, e a sua arte mais castelhana, ultrapassa por vezes o convencionalismo alemão. Depois, Miraflôres é d'alabastro e oiro, e San Juan de los Reys cinzenta...

— A escola de Burgos ficou mais clássicamente gótica, observou Luciano.

— Mais gótica decerto nos princípios, continuou o religioso pintor. Apesar da exuberância ornamental de Santa Maria de Miraflôres, a estructura aqui é ainda gótica. Contudo a influência mudejar é notável e sobrepõe se até numa e noutra escola. Aqui ela salta aos olhos no geometrismo do cadeirado, que do gótico colheu admirávelmente as projecções lineares da fenestragem, e na repetição eurítmica dos círculos do retábulo e dos planos do poliedro tumular, caracteres que, em San Juan de los Reys, mestre João de Guas deixou nos escudos heráldicos.

— E essa repetição eurítmica é... inquiriu fr. Bruno.

— Uma subtileza oriental para transviar a imaginação no vago e no indefinido...

— Tendes razão, fr. Leonardo, atalhou Luciano. Sente-se alguma coisa de Simão de Colónia na cons-

cepções de Gil de Síloe. Há um parentesco incontestável entre a capela do Condestável da Catedral, e o recheio desta ábside.

— Sem dúvida. Foi mesmo nessa capela que Gil de Síloe parece ter-se iniciado com um retábulo acentuadamente germânico. Um dos seus colaboradores, Diogo da Cruz, entalhou também para a Catedral o soberbo retábulo da capela de Santana. E' ainda da mesma oficina a incomparável porta historiada do claustro burgalês. Reparai nas nervuras destas abóbadas: são os mesmos ornamentos da capela da Conceição lá em baixo.

— Vê-se que a influência germânica é preponderante em Castela, notou fr. Bruno.

— Na segunda metade do século XV, evidentíssima. A hegemonia artística que a França alcançou na era das catedrais passou depois para os países do norte e da Alemanha. A arte gótica castelhana, saída das escolas de Anjou e da ilha de França, nacionalizára-se no século XIV e parte do XV fortalecida pelos poderosos influxos maometanos regionais. Na segunda metade do século XV começa, porêm, a hegemonia germano-burguinhoneza com a vinda de Hans de Colónia para Burgos em 1442 e a do bruxelês Anequim de Egas para Toledo em 1459. Formam-se duas notáveis escolas nestas duas cidades. Em Burgos, as flexas de Hans de Colónia irradiam para Leão e Oviedo. A capela do Condestável na Catedral, levantada por seu filho Simão, reproduz-se em outras capelas e na sua exuberância ornamental

se inspiram Miraflôres e outros locais. Os entalhadores da escola de Burgos vão, com mestre Diogo da Cruz, até Valladolid decorar fachadas e abrir retábulos. E' a era dos retábulos! Não houve artistas como os castelhanos para trabalhar em madeira, contágio dos mouros decerto. Por seu lado, a escola toledana, caracterizada no tipo de San Juan de los Reys, alastrou para Madrid, para Santiago de Compostela e para Granada. E' o carácter principal dêste ascendente germano-burguinhonês a prolixidade decorativa e exuberância ornamental.

— Exclusivamente, fr. Leonardo? preguntou fr. Bruno.

— Pouco mais. E' certo que à escola de Burgos se deve também um sistema de abóbada ogival de nervuras cruzadas formando no fecho uma estrêla rasgada e cujo tipo foi a abóbada da capela do Condestável; mas isso é no fundo, decoração. Na época Izabel não se edificaram catedrais, mas simplesmente capelas reais e pequenas igrejas monásticas a que a nossa serviu de modelo e cujo tipo arquitectónico foi inspirado por Anequim de Egas, mestre construtor dos reis católicos. Os setentrionais eram admiráveis decoradores, mas já insuficientes construtores na época do gótico-florido.

Outro mausoléu atraía já a curiosidade de Luciano.

— Mas essa maravilha não pode eclipsar est'outra, exclamou, aproximando-se do túmulo do príncipe D. Afonso, falecido em verdes anos e jazendo ao lado dos pais.

Cavado na parede, à maneira de arcosólio, o túmulo do príncipe ostentava o mesmo esplendor decorativo no arco rebaixado com a empena em contra curva, nos pilares e estátuas sob coruchéus, nos rebordos franjados de folhagens e frutos, em toda essa espuma branca que efervescia e se cristalizava em pâmpanos, estrêlas, florões, pináculos, colunelos, inflorescências e grinaldas. D. Afonso estatuado num nicho sôb o grande arco, orava de joelhos, as mãos postas e descoberto, com o cabelo cortado à flamenga. Sôbre o saio escorria em pregas o manto amplo de veludo estupendamente tecido, recamado de flôres d'oiro, polvilhado de aljôfar e pedraria rica. Pendia-lhe do pescoço sôbre as costas a gorra adornada de pérolas.

— E' das mais belas creações de pedra que mãos humanas tenham vestido, observou fr. Leonardo. Uma outra estátua assim, na mesma atitude e de igual beleza esculpiu tambêm mestre Gil de Síloe. E' a de Juan de Padilla, morto aos vinte anos, o famoso págem de Izabel a Católica, a quem ela chamava *mi loco*. Erguida para o túmulo do págem no mosteiro de Frés del Val, podeis vêl-a hoje no museu de Burgos.

Um ruído de vozes no fundo da igreja despertou-os. Através da *Porta-Coeli* avistáram um grupo de *touristes* que assestavam irreverentemente os binóculos para toda a parte. Os monges, intimidados, escapuliram se pela porta da clausura. Luciano atravessou com êles o claustro e subiu para a hospedaria.

*
* *

Aquela linda madrugada de arte fizéra-lhe bem Depois do desjejum que o donato lhe serviu foi para o seu quarto descansar e ler as obras do venerável Molina que Dom Eduardo encomiava muito. Nunca êle se déra tão pouco aos livros dêsde que estava em Santa Maria de Miraflôres. Os *Exercícios espirituais*, expressamente recomendados, mal chegava a abril-os, e no parque, na carícia entorpecedora das sombras, dispersava-se, alheava-se em largos devaneios, incapaz de fixar os olhos numa página. Queria concentrar-se, mas o pensamento fugia-lhe.

Prendia-o, porêm, talvez por ter ali andado, êsse famoso Antonio de Molina que era uma das glórias de Miraflôres. Escritor místico e dos mais insignes do século XVI, contemporâneo de Santa Tereza, o seu nome rompera os sigilos da clausura e as suas obras ascéticas haviam tido em toda a parte um acolhimento de admiração e de simpatia. Professo na religião dos agostinhos descalços, o venerável Antonio Molina transferiu se para a Cartuxa num desejo de vida mais perfeita e melhor aproveitada dentro da austera e recolhida Regra de S. Bruno. E ali se expurgára de todas as vãs preocupações terrenas, mergulhado na especulação pura; ali se desentranhára a sua mente fecunda em obras que honraram a literatura religiosa e as letras da sua pátria.

Estava Luciano folheando atentamente essa *Ins-*

trucão de Sacerdotes que é uma das mais altas dignificações do ministério eclesiástico tão admiravelmente compreendido pelo venerável Molina, quando deu por um papel dobrado, escrito em excelente caligrafia, que fôra posto como marca entre as folhas e ficára depois esquecido. Era sempre um prazer para êle surpreender tudo o que na sua própria voz lhe revelasse a intimidade do claustro, tão dificíl de penetrar. A's vezes um pequeno pormenor discreto, por insignificante que fôsse, dizia mais do que laboriosas inquirições. A psicologia monástica atraíra-o sempre. Ler nos espiritos dêsses monges, devassal os em suas cogitações, tentava-o. Como, porêm, se nem dirigir-lhes a palavra lhe era permitido ? Esse papel, sem importância, era talvez minuta de carta dum religioso. Que candura no pensar e que simplicidade de viver êsse escrito descortinava e deixava entrever ! E o que era banal, trivial e comesinho adquiria relêvo e comovia.

O bilhete era dirigido ao padre Procurador e encimado pela legenda J. M. J. B. e a cruz. Dizia :

Venerável Padre Procurador.

Como me parece agora tempo bom para plantar árvores, dirijo-me a sua Paternidade, como simples lembrança apenas, manifestando-lhe que pensei em dispôr no lado sul do nosso jardim, que tem sempre sol, duas árvores de fruto rente à parede, que o

terreno ali é bom e há espaço bastante. Sua Paternidade verá se tem algum préstimo o meu projeto e se merece a pena, sem grande incómodo e, sôbretudo, sem que, só por minha causa, haja de fazer-se alguma despeza. Pelo que Sua Paternidade resolver estou. Agradeço-lhe a bondade de avisar-me se acha ou não conveniente o que lhe proponho, afim de proceder ou não à abertura das covas.

O seu servidor em Cristo lhe agradece e Deus o compensará também.

Fr. Silvestre.

Cela M.

Em que singelos místeres andava um religioso preocupado! E que delicadeza, que dôce submissão humilde nestas palavras símples, nêsse pedido em cujo deferimento se fazia tanto empenho e de que nenhum proveito pessoal resultava ao monge! Para plantar duas árvores de fruto de que ia beneficiar — e sabe Deus quando! — todo o mosteiro, êsse homem pegára a tremer na pena, suplicára, tivéra embaraços, pesára melindres, ponderára timidamente contras. Que joia d'alma não estava ali! Poz o livro de parte. Aquilo falava lhe mais ao coração do que todos os tratados ascéticos da biblioteca de Miraflôres.

Devorado por essa febre deambulatória que o não Peixava estar quêdo, abalou para a quinta. O ar pe-

sava, o sol ardia e nos longes azulavam grossas nuvens de trovoada. Um mal-estar começou a oprimil-o. Tinha sêde. Na Fonte da Virgem dessedentou-se ; mas a água amargava-lhe. Lembrou-lhe o tabaco de que se esquecêra jà. Apeteceram-lhe bebidas. Se tivesse ali uma cervejasinha bem frêsca! E pela primeira vez sentia desejos de sair, de ver gente, de ouvir falar. Ainda bem que era apenas um dia só. Estava a terminar o suplício. Uf!

Luciano teve uma indignação frouxa contra o seu pensamento ousado.

— Não, suplício não. Lá que isto é um pouco insípido não sofre dúvida. Mas tem encantos, e como arte...

Mas, insistente, o pensamento vil reicindia.

— Não será máu, mas é tontice crer que tudo lá fóra é pecado. Pode ser-se honesto e gosar-se decentemente. Nem todos teem queda para santo e, que diabo, ha muita maneira de ganhar o céu sem uma pessôa se enterrar em vida.

— Mas o sacrifício tem mais mérito, objectou Luciano a si próprio. E ai do mundo se não houvesse almas dispostas ao sacrifício.

O espírito de contradição que sentia nêle encorpar-se, tomava alento, creava voz.

— Para um fim prático, para um fim útil, decerto. O sábio vítima da sua abnegação pela sciência ; o soldado que cae no campo de batalha honrando a sua pátria, são heróis de sacrifício e bem merecem da humanidade. Mas isto! De que serve isto afinal ? Has

de concordar, se és razoavel, que a contemplação não é, no fundo, senão preguiça intelectual, indolência da vontade amolecida num *dolce far niente*, onde todas as energias se diluem e se gastam evaporadas em gestos, em sopros, em hálitos. Põe lá de parte o teu visionário subjectivismo de artista e confessa que a contemplação é uma dissipação criminosa de forças, uma reversibilidade doentia da acção que se transmuda em especulação estéril. E' lá passível e passa pela cabeça de alguêm erigir hoje a contemplação e a inacção em normas de vida social ? Como podes tu, homem moderno, permanecer aqui sem contradição ?

Luciano objectou perturbado :

— Mas eu não me revolto senão porque há iniquidades e injustiças, e é evidente que onde as não houver aí me sentirei bem. Ora esta comunidade . . .

A voz interrompeu violenta.

— Mas o progresso, a evolução material ? Como queres tu com êste sistema de inatividade, de renúncia e de desapêgo ás coisas, que se marche, que se avance, que se progrida ?

Luciano que se sentia enfraquecer, ripostou com entono, recobrado.

— Todo o progresso que não seja acompanhado de uma evolução moral tem para mim um valor medíocre. E por ventura com tanto progresso, tanta educação e civilização somos hoje moralmente melhores do que há dois mil anos ? Pelo contrário, o mal requintou, as paixões ganharam em perversidade mansa

o que perderam em violência brava. Falem-me cá num tal progresso!

— Parece-te isso? zombeteou a voz escarninha A instrução nas camadas sociais não serve então de nada? As escolas não derramam já bastante luz no mundo?

Luciano exaltava-se espicaçado pelo misterioso espírito de contradição. As fezes depositadas, vinham á superfície.

—A escola! A escola! Mas evita ela os vícios cada vez mais abjectos e o impudor cada vez mais audaz? E não é nos centros de maior cultura que a devassidão campeia desaforada? As escolas! Mas então os lupanares, as tavolágens, o teatro imoral, as casas de modas, os clubes, os cafés, que eu vejo cada vez mais ricos, imponentes e sumptuosos e cada vez mais numerosos nas artérias citadinas, precisamente onde há mais luz, mais instrução, mais civilização? E são por acaso analfabetos os que afrontam a escola humilde com a soberba dêsses templos de libertinágem? E por ventura não sabem ler êsses que eu vejo para lá entrar, que são muitos, que são todos, que é toda a gente? A escola! Venham-me cá com os cancros do analfabetismo!

Monsamente a voz interior atalhou, provocante.

— Não negarás contudo que as relações de sociabilidade se policiaram e melhoraram muito; que há mais confiança e afabilidade entre os homens e que os próprios sertões perdem a fereza nativa e entram

na pacificação geral. Sociabilidade e paz, eis os dois fulcros em que se move a civilização moderna.

A indignação explodiu. E foi como se uma mão de ferro lhe remexesse n'alma todos os velhos lôdos infectos. A violência antiga acordou nêle, cegou-o, turvou-lhe a razão, subiu-lhe aos lábios, trasbordou em apóstrofes sangrentas, faiscantes de ódio, de furor e de revolta!

— Mentira! Mentira! Preguntai-o aos quinze milhões de mortos que a terra não acabou ainda de comer, sacrificados ás ambições da mais vil chatinagem que o mundo viu. Preguntai-o ás víctimas inocentes do maior crime de que reza a história. Ah, a guerra! Ela só bastava para justificar todas as indignações, todas as revoltas, todas as violências contra um sistema social duma tal insuficiência e duma tai imperfeição que não soube ou não quiz evitar uma tal catástrofe. Porque não foram os povos que romperam os diques da prudência e forçaram em impulsos irresistíveis os governos impotentes: foi o maquiavelismo político calculado e frio das chancelarias que atirou uns contra os outros, milhões de homens que não se odiavam, que não se conheciam, que não queriam nem desejavam a guerra. E a guerra veio, monstruosa guerra de egoismos baixos, que os responsáveis, os beneficiários, os sugestionados e os charlatães tinham querido prestigiar de cavalheirismo, de nobreza sentimental e de sacrifício desinteressado, para crear uma atmosfera de exaltação e de heroismo, armando as tendas em Palladiuns da civilização e fazendo dos

balcões aras santas, onde o sangue da mocidade idealista ludibriada corrêsse briosamente, épicamente, generosamente, em holocausto á Justiça e ao Direito. Dantes justificavam-se as guerras; as unidades étnicas em gestação procuravam, por eliminações sangrentas e lutas de predominio, modelar na terra em forma e capacidade, o *habitat* e o recipiente da sua estabilidade e persistência. Depois, havia idealismo nas guerras. Os homens batiam-se por princípios ou por crenças; pela Liberdade ou por Deus. Hoje chacinam-se friamente milhões de sêres; atiram se os camponezes, os operários, todos os homens válidos de um país trabalhando em paz, contra os operários, os camponezes e todos os trabalhadores pacíficos d'outro país, pela conquista dum caminho de ferro, duma via de penetração; despovôam-se os lares, arrasam-se cidades, arruinam-se os povos para que os algodões inglezes possam chegar ao Líbano e a Bombaim sem encontrar lá os alemães mais baratos. E foi isto a guerra! Não é já o lar, o palmo de terra onde se vive ou o solo pátrio que se defendem, porque nem o camponez germânico cobiça a terra latina nem o operário latino cobiça a oficina germânica; tampouco o espírito de conquista global empolga já os povos. O que se defendia eram os interêsses em luta das oligarquias financeiras, dos negreiros sem pátria do capitalismo internacional, dos flubisteiros da indústria e do comércio procurando na concorrência egoista pela guerra, contra os instintos da cooperação solidária pela paz, expansão e terreno para o seu insaciável devo-

rismo cúpido. E o que é que ficára do triunfo do direito e da justiça, lemas irrisórios da grande guerra ? A febre devorista da especulação, da traficância e da pirataria endoidecendo o mundo ; a sêde insaciável d'oiro, de sibatirismo e de libertinágem com suas horríveis perversões do carácter. Não ! Um regime qne em pleno triunfo da sciência e da arte, com tanto sonho de felicidade, tanta ânsia de perfeição e tanto desejo de paz só faz apêlo á guerra ; uma fórmula social que tem a colaborar com ela, há tanto, o mais sublime código do amor, do bem, da fraternidade e da justiça que é o Evangelho cristão, e que não dispõe para revolver conflitos — quando os não provoca —senão armas em vez de razões, senão a violência em vez de ponderação, senão a desordem em vez de ordem, é um regime social absurdo, iníquo e imperfeito, que todo o homem de bem tem o dever de aniquilar.

Uma gargalhada irónica do outro ser adverso que falava nêle fustigou-o como um sarcasmo.

— Vaes-te mostrando razoável ! Ora pois, se reconheces indispensável e moralmente necessária a acção e uma acção militante, como podes aceitar a renúncia para base duma vida activa ? E como é que justificas este parasitismo inerte dos monges ¿ Ou és ingénuo a ponto de creres, como esta gente néscia, que rezas e mortificações grotescas transformam mágicamente a sociedade na sociedade justa que pretendes ?

Luciano, exausto, não objectou. A voz continuou com atrevimento.

— Confessa que estás aqui por curiosidade apenas, que o que te prende e não te faz aborrecer são as diversões artísticas e um pouco a vida ociosa que levas a deambular no claustro e sob estas frescas árvores. Os ofícios não te enfastiam porque são ainda para ti aspectos de beleza inédita. No íntimo concordas que uma existência assim é não só ilógica mas insensata, e que êstes monges se não são néscios são obsecados.

Luciano mal teve valor para um vago gesto de contrariedade na expressão amargurada do rosto.

— Acreditas então que as práticas dêstes homens têem alguma eficácia ? Acreditas que o mal decresce no mundo porque estas creaturas comem uma vez só no dia, dormem apenas metade das suas noites e trazem um esparto a flagelar-lhes a carne ?

Luciano sentia-se cada vez mais embaraçado e o outro *eu* vendo-o sucumbido e sem forças, estoqueava-o implacavelmente a fundo.

— Mas, afinal, crês ou não crês ? Tens fé ? Crês na divindade do Cristo, crês em Deus ? Não respondes ? Não, não crês.

Aturdido, Luciano levava as mãos á cabeça. Estas preguntas ecoavam-lhe como casquinadas metálicas. Olhava em roda e parecia-lhe que sombrios olhos o espreitavam adivinhando-lhe a indecisão e a dúvida na fraqueza com que baixava a cabeca à saraivada importuna. Sentia-se então repelido, sacudido, alijado

como um perjuro ignóbil, um falsário simulador que andava ali a iludir a todos. E arrependia-se de ter vindo, de ter-se enganado a si e ter andado a enganar os outros.

— Não sei o que se passa em mim, murmurou com tristeza e num esforço para desanuviar o espírito, mas sinto que um pensamento dúplice, uma dualidade me divide e me puxa em direcções opostas. Qualquer coisa opaca interpõe-se-me entre o olhar o a alma, porque eu vejo com os mesmos olhos límpidos, a mesma vontade dócil, mas a minha alma não recebe a mesma clara impressão d'outrora.

Afligia-se dêsse estado estranho da sensibilidade, embotada para o que mais amára até ali. Perdera o paladar, achava tudo insosso á roda dêle. Lembrou-se de procurar Dom Eduardo, expôr-lhe tudo e ir-se embora imediatamente. Não era mais leal e mais digno do que continuar ali num estado de espírito sacrílego impróprio de si e dum tal lugar?

Foi-se em busca do donato e encontrando-o na portaria pediu-lhe que solicitasse do padre prior permissão para lhe falar. Dom Eduardo recebeu-o logo no cubículo da câmara alta da sua cela, onde fazia gabinete de trabalho e biblioteca. Ali Luciano contou-lhe com as lágrimas nos olhos o melindroso estado do seu pobre espírito, a tortura em que se debatia há duas horas, a sua aflição, o seu embaraço, as suas iras e a vasa imunda que revolvera manchando a pureza do Deserto.

— E' uma acabrunhada depressão mental. Como que

um vidro fôsco interceptando-me a luz e projectando-me na alma uma sombra negra. Há não sei quê sobreposto a mim. Tenho pensamentos sacrílegos e de maldade que não parecem meus e que me espantam. Sinto relutância pelo claustro, pelos monges, por tudo isto. Perdoai-me, mas não posso ficar mais um instante aqui, porque me reconheço indigno da vossa Casa e do vosso convívio.

O Dom Prior olhou-o tranquilamente, demoradamente, sem espanto nem surpreza.

— Dizei-me, como se manifesta essa relutância ?

— E' um ditame interior, como que uma voz irritante e provocadora, com atrevidos reptos que predispõem para a controvérsia. E' um outro espírito que adivinha as nossas réplicas e vae ao seu encontro desarmando-nos e prostrando-nos.

— Mas não tentais opôr-vos ?

— Francamente e é isso que me entristece. Acobardo-me, não sei o que replicar. Será uma fraqueza da consciência solicitada para o mal ?

— Enganai vos, não é a vossa consciência que tende para o mal ; o espírito do mal é que exerce pressão sôbre a consciência e a sufoca. E' êle que fala por ela na voz ousada que se vos dirige. Se é lamentável isso porque revela a pouca fé que tendes e o magnífico terreno que sois ainda, com as vossas hesitações e dúvidas, para as sortidas do demónio, por outro lado essa investida quer dizer que Satan se mostra inquieto com a vossa presença aqui e tenta desgostar-vos e indispôr-vos conosco.

— Compreendo, compreendo, venerável padre. Não me ocorreu logo o ataque demoníaco, embora eu não ignorasse que no claustro se está sujeito a essas provações. Isto passa então ?

— Mais depressa do que julgais. O próprio reconhecimento de que sois vítima dum lôgro é meio caminho andado para vos pôrdes bom. Fazei por não pensar mais nisso. Lembrai-vos d'outras coisas, Distraí-vos. A conversação deve fazer-vos bem. Demos uma volta pelo mosteiro.

Luciano agradecia comovido as palavras com que o bom monge o confortava e aliviava. Dom Eduardo começou por mostrar-lhe a sua capela. Era um pequeno recinto quadrangular com uma cúpula pintada de azul e um modesto altar. Ali sacrificava o Dom Prior; ali orava e se prosternava, rogando a Deus que o alumiasse com suas luzes para o bem servir no pastoreio do seu rebanho.

Depois desceram e internaram-se no claustro. Luciano, desenevoado já e liberto, expandia-se, desentorpecia-se do pesadêlo.

— Venerável padre, dizia, levo dêste claustro a impressão da mais alta espiritualidade que humanamente creio ser possível atingir-se. Fui sempre idealista, quer na arte, quer nas minhas concepções duma sociedade melhor; mas nem na génese creadora da beleza, nem no apostolado messiânico da Verdade senti correr em mim, como sinto nêste claustro, o divino enternecimento da alma projectada no êxtase completo, na absorpção total da idéa pura.

O Padre Prior disse por sua vez com acentuação profunda.

— S. Paulo, quando na sua epístola aos coríntios nos chamou «celestes», definiu numa palavra só e duma maneira única, a eminente categoria do homem e a sua posição altíssima no concêrto do Universo. Nós somos celestes, quer dizer, pertencemos ao céu que é a nossa pátria definitiva. A designação que nos é dada de celestes enobrece-nos tanto que não é possível qualificação mais digna nem mais honroso apelativo. Se todos se compenetrassem da dignificação que um tal epíteto comporta, o homem desintegrar-se-ia tanto da sua humanidade que a sua alma seria límpida como um cristal. Só uma religião, só o cristianismo que é a religião revelada por Deus, podia erguer o homem a tão culminantes alturas da espiritualidade. Eis porque vos sentís aqui tão desencardido da sordidez terrena.

— Venerável padre, a indiferença da maioria dos homens pelas coisas divinas e seu refractarismo a certas transcendências d'ordem especulativa, forçam-me quási a crer que um obstáculo físico, como o que eu sentia há pouco, intervêm e se interpõe de qualquer sorte e que é tão impossível a essas creaturas apreenderem certos conceitos do sublime como um cego ter a noção da luz. Que uma necessidade de ideal existe em todas as almas é incontestável. Porque se procura satisfazel-a embora por formas absurdas? Porque é esta incompreensão obtusa de Deus, êste negativismo estéril e êste apêlo ao egoismo, à cu-

pidez ignóbil dos instintos de presa e de dominação? Sem dúvida, um poder maléfico enleia, trava, desorienta e perde, porque é inconcebível que a razão não perfilhe o que a consciência sente. Com mais acêrto pode afirmar-se de Satan o que Voltaire dizia de Deus: «Se não existisse seria necessário inventál-o». Felizmente que há êstes claustros que preenchem d'alguma sorte o vácuo das almas lá fóra.

Dom Eduardo enternecia-se.

— Sim, há de facto quem remedeie essas lamentáveis omissões. Há homens que pelos factos e por actos, mais do que por palavras, reconhecem os direitos de Deus, a autoridade do Mestre soberano e suas infinitas perfeições. E sabeis quem são ? Os Cartuxos, êstes Cartuxos que, dedicando-se exclusivamente ao culto de Deus na solidão e nas práticas da vida contemplativa pura e repudiando tudo o que não se relacione directamente com Deus e que apresente um interêsse humano qualquer, proclamam que Deus é digno da homenágem de todo o nosso ser, que uma vida inteiramente dedicada á sua consagração e louvor é uma vida bem empregada, e que em Deus se encontra com que satisfazer super-abundantemente todas as aspirações da alma, todos os desejos do coração. *Quis sicut Dominus Deus noster?*

Atravessaram a horta e penetraram na quinta, caminhando lentamente ao longo das ruas arborizadas. O Padre Prior prosseguia.

— Não queremos de nenhum modo primazia. Todas as Ordens religiosas e toda a clèrezia secular

prestam o seu condigno louvor a Deus. Mas, há por ventura uma Ordem ou instituìção que, como a nossa, afaste da vida todo o prazer humano, por mais legítimo que seja, e toda a deleitação do espírito e do coração fóra do amor de Deus? Há alguma Ordem monástica cujos membros se ocupem tão exclusivamente de Deus como a nossa?

— Mas não é verdade que vos ocupais tambêm da salvação das almas?

— Certamente. Como parcela que somos da Igreja militante, não podemos nem devemos desinteressarnos dos nossos irmãos em Jesus Cristo, daquêles que sofrem e lutam, que vivem e morrem sôbre a mesma terra que nós. Deus não o quer e os nossos Estatutos tambêm não o querem. Não devemos, ordenam êles, perder em ocupações ociosas e inúteis o tempo precioso que nos é concedido para a salvação das almas, *ad salutem animarum operandum*, trabalho que se faz principalmente pela oração e pela penitência. E', como vêdes, uma obra espiritual em proveito do próximo. Quanto aos socorros materiais, sabe-se em que termos calorosos e enérgicos mesmo, os nossos Estatutos exortam os priores a praticarem a caridade, a darem bastantes esmolas, tanto quanto o permitam os recursos da Casa. Mas, nunca é demais repetil-o, isto é apenas um acessório, porque o fim da nossa vocação é outro. Acessório necessário se quizerem, mas todavia acessório que podia deixar de existir sem que a nossa vocação fôsse afectada na

sua razão de ser e no seu protesto vivo contra as máximas naturalistas e utilitárias do século.

— Que bem precisam de contra-ataques, venerável padre.

— E o pior é que essas máximas teem crédito sólido não apenas entre os que são abertamente hostís á religião ou pelo menos indiferentes, mas ainda entre os que se dizem, os que se crêem e os que são reputados bons católicos. Entre êstes quantos há que não compreendem uma vocação onde não vejam uma utilidade prática, imediata e palpável ? Julgam as obras segundo o proveito que delas se tira para o bem-estar físico, para o progresso moral e intelectual, e não sabem apreciar senão os empreendimentos que tenham por fim melhorar a condição da humanidade no planeta. Tudo o que não se relacione com o homem e a vida presente é despido de interêsse, quando não merece desaprovação e censura. Assim, compreendem e admitem a Irmã de Caridade que se dedica aos hospitais, os Irmãos de S. João de Deus que cuidam dos alienados e recolhem as creanças escrofulosas ; os religiosos que se consagram ao ensino, aos asilos, aos prisioneiros e outras obras de beneficência, seja que de género fôr. Os mais condescendentes não desdenharão dos que trabalham para a salvação das almas no ministério, como os membros do clero secular ou os das ordens religiosas de vida activa. Mas uns e outros não compreenderão, porêm, uma carmelita que só reza e não se ocupa de nenhuma obra exterior, e muito menos compreenderão um ho-

mem que, novo ainda e capaz de prestar serviços á sociedade, segundo a sua maneira de ver, vai encerrar-se no claustro duma Cartuxa, onde os seus méritos e talentos se perderão para a humanidade, sempre segundo o seu ponto de vista. Uma vida consagrada a Deus, só ao serviço pessoal de Deus, sem relação directa com os interêsses humanos, eis o que é inadmissível para êsses tais que se manifestam crentes.

— E porquê, venerável padre ? Como explicar um tão mesquinho critério da parte de tantos bons católicos ?

— Porquê ? Porque o espírito dêsses crentes está infectado pelas idéas e preconceitos humanitários, agora em moda. Essas pessôas que tanto receiam o sobrenatural, não querem que Deus se torne o senhor exclusivo das almas nem que intervenha nas coisas dêste mundo e na vida do indivíduo ou da sociedadas, a não ser que se trate da concessão dalgum favor solicitado, dalgum benefício egoista e material, como o afastamento dum perigo ou a preservação de qualquer desgraça. Fóra disto não se invoca Deus, não se recorre a Deus, não se precisa de Deus.

Meio dia bateu na torre. Dom Eduardo prostrou-se e curvou a cabeça numa prece recolhida. Depois levantando-se disse :

— Tenho-vos tomado o tempo sem reparar que haveis de estar com imensa fome. Vamos. Não quero que leveis do nosso último passeio uma recordação penosa.

Luciano protestou. Nada lhe era mais agradável de que ouvir Dom Eduardo, um tão virtuoso e douto homem. Estaria ali de boa vontade o dia inteiro sem comer.

Silenciosamente saíram da quinta, cortaram à horta e seguiram pelo Claustro Grande. Luciano deixou o Padre Prior à porta da sua cela e subiu para a hospedaria.

X

Era aquêle o seu último dia de convento. Saíria depois das 11 horas, a fim de alcançar em Burgos o expresso para Madrid. A lembrança de que se ia embora comovia o e ternava-o triste. Ficava com saudades daquela paz do êrmo, da quietação do Deserto, da pureza da vida ali e daquêles grandes homens, cujas admiráveis virtudes reabilitavam a humanidade tão pecadora e fraca ainda.

Ao saír da missa encontrou se com fr. Bruno. Era a última vez que o via. O monge apertou-lhe efusivamente a mão, muito impressionado.

— Não vos pregunto nem quero saber que estado de espírito é o vosso ao deixardes a Cartuxa. Que ireis d'aqui melhor, d'isso nenhuma dúvida tenho — e foi de resto o que, sobretudo, quiz. Chamando-vos a um claustro, foi também desejo meu pôr-vos deante dos olhos a realidade duma vida que tem com a vida ideal que o vosso desorientado messianismo sonha

afinidades ilusórias, e que seria como o correctivo ás vossas loucas aspirações quiméricas.

— Afianço-vos, caro amigo, que recebi no claustro grandes ensinamentos e não foi debalde que presenceei tão edificantes exemplos de abnegação, de sacrifício e de heroismo obscuro.

— Que só em obras de Deus são úteis e salutares... Lembrai-vos que as sociedades são agrupamentos e que não há todo perfeito sem que as parcelas o sejam.

— Antes de pretender melhorar os outros começarei por tentar tornar-me melhor. E' esta a grande lição que recolho do claustro. Se êle não me pode dar um tipo de sociedade, dá-me contudo o tipo ideal do homem — o homem sóbrio e simples, generoso e solidário, espiritual e crente.

— Cuidado com as vossas generalisações ousadas por mais humanitárias e sinceras que sejam. Todo o edifício que não tiver por alicerce a idéa de Deus é obra caduca e de mérito nulo, quando não nocivo.

— Tranquilisai-vos, fr. Bruno. Se não logro ainda a vossa fé, parto convencido de que só a religião é capaz de espiritualizar e nortear a vida; de gerar as dedicações sinceras e persistentes que nenhum desânimo ou desilusão afrouxa; e que só com Deus na alma é possível a verdadeira Fé e a confiança intrépida para se morrer pelo bem. Não sei o que é Deus; não o compreendo ainda; sinto-o — e alguma coisa é já. E senti-o aqui, na gravidade das vossas práticas, na majestade dos vossos ritos — e na humildade das

vossas almas Só aqui me arrebatou totalmente o sublime. E sentir-se empolgado pelo sublime é ser-se tocado pelo frémito de Deus.

— Que a sua graça vos toque também a alma.

— Do íntimo o desejo, fr. Bruno. Sou talvez ainda muito indigno para lhe alcançar uma tal mercê.

— Cada vez me convenço mais de que a vossa ânsia de perfeição não é senão o desejo de chegardes depressa a Deus e que todas as vossas hesitações são um tactear na sombra á procura da luz. Descansa Tereis a luz. Avistareis Deus. Se êle pulsa já no vosso coração, dentro em breve alumiar-vos-á a mente Ide. Parti com essa fé — se outra, infelizmente, não podeis levar d'aqui.

E abraçando-o comovido, o religioso deixou-o e abalou em demanda da sua cela.

Depois do desjejum Luciano desceu para deambular uma última vez na solidão amada do mosteiro. Queria acarinhar com demorados olhos todas aquelas santas e ternas coisas que o tinham abençoado e feito melhor. A serenidade do claustro com seu pensativo ar de quem estava orando enterneceu-o. Não era possível esquecer jàmais a visão daquela imensa álea branca povoada de santos que atravessava o convento, como uma via-láctea povoada de astros. A alma nêste silêncio tinha uma vibração harmoniosa e parecia que andar era deslizar, era deslocar-se na cadência ítmica de todo o ser. Devia ser assim o vôo do espírito ao largar a matéria. Mas ali assaltou-o uma idéa estranha. Uma das celas no extremo da ala norte

estava desabitada. E se êle entrasse ? Nunca tivera bem a sensação da cela. A mágica chave que abria todas as portas pulava-lhe já no bolso oferecendo-lhe a sua cumplicidade. No claustro não passava viv'alma, — nem os religiosos leigos podiam ali entrar, e o Padre Prior estava para a sua cela. O escrúpulo, porêm, de violar um lugar tão santo deteve-o. Era uma acção feia, e era sobretudo uma acção má. Se tivesse pedido a Dom Eduardo, o prior não lhe recusava licença. Não entrára na cela de fr. Leonardo ? Mas, se não havia pecado em entrar porque não entrava ? A cela não tinha ninguêm agora e o labor espiritual estava interrompido. Era uma indiscreção, mas não era um sacrilégio. E resolutamente meteu a chave á fechadura. A porta rolou. Entrou e, sem ruído, fechou-a por dentro. Avançou hesitante.

Era uma quadra térrea ladrilhada, tendo por única mobília um genuflexório por baixo dum crucitixo. A' esquerda seguia-se outra casa com uma bancada de carpinteiro e um tôrno mecânico. D'ali passava-se para um pequeno jardim talhado em alegretes e num abandono desolado. No vestíbulo de entrada subia-se para a sobreloja. Aqui contavam-se três compartimentos : um para leitura e estudo, à entrada, com uma tosca mesa de pau e uma estantesinha em cima guarnecida de livros ; a segunda divisão era o oratório, e noutro cubículo ficava o leito, mísero grabato com uma enxerga e mantas. A habitação encontrava-se tal como a deixára o último ocupante, possuindo ainda os objectos de uso doméstico ; a lanterna para e ofício

nocturno ; a escudela, o jarro e a uma caneca, no armário junto do postigo de recepção da comida. Só as plantas do jardinsito tinham secado á mingua, e um regador enferrujava tristemente a um canto.

Luciano, que se detivéra na câmara de estudo a ver os livros da estantesinha — obras de ascética e de autores Cartuxos — considerava gravemente êste pobre recinto tão rico de recordações piedosas. Havia quási quinhentos anos que por ali passavam homens rezando as mesmas orações, executando os mesmos ritos, mortificando-se e penitenciando-se dentro dum hábito igual, desintegrados do viver de fóra. Tinham desabado tronos, sucumbido dinastias e passado as revoluções ; os homens eram outros ; outros os usos, os costumes, as leis, as instituições e as línguas. Ali porêm não mudára nada. Filosofias, frutos da experiência e do saber humanos, cruzavam-se, chocavam-se, combatiam-se, contradiziam-se, porfiando em ter descoberto a Verdade — que não se mostrava nunca. Apóstolos, sábios, pedagogos, filósofos, poetas e visionários tinham-se debatido em ânsias desesperadas e ardido na febre de dar a paz ao mundo, de unir os homens pela comunhão da fraternidade e do amor. Baldado empenho. Os ódios não se extinguiam, as iras não se apaziguavam. O que endoidecia então lá fóra os homens ? Porque se odiavam, se enfureciam e se aniquilavam ? E porque é que ali tudo vivia em paz ? Passavam os séculos, o saber avançava, o progresso era um facto ; domava se a natureza ; disciplinavam-se os elementos ; convertiam-se as forças

brutas em agentes dóceis da civilização e do bem estar, — e a felicidade não aparecia nunca, não chegava nunca. A sua fórmula tão discutida, tão ansiada e procurada ficava sempre oculta. E há quinhentos anos que isso não era novidade ali, que isso se sabia e se sentia ali, entre quatro paredes nuas, com um oratório tôsco para elevar o espírito e a palavra alada d'alguns velhos livros para o ajudar a subir mais leve. O que era pois a felicidade, e o que era preciso para lá chegar ? E' certo que a felicidade não podia ser privilégio dum claustro, nem a sua posse importava uma tal abnegação da vida — ou então Deus seria ilógico e a natureza absurda. O fim do claustro não era a felicidade, mas o exercício dum ministério augusto. Encontravam-se nêle os elementos da felicidade ? Que elementos eram êsses ? Quinhentos anos tinham passado por ali e posto à prova a eficácia duma regra de viver, duma disciplina que não era aliás obrigatória nem imposta por força de lei, mas procurada, querida e livremente aceita. Que havia pois nessa regra para se conter nela a felicidade e para se alcançar dela a paz ? Os ódios, as rivalidades, as ambições e as lutas pelo poder e pela riqueza, — nada disso se conhecia ali. Enquanto lá fóra os cérebros se queimavam e o sangue corria para que uns se sobrepuzessem aos outros em vez de se concertarem e cooperarem juntos, ali dentro, sem febres nem desvairamentos, aquêles homens simples imprimiam à vida a sua máxima amplitude com um dispêndio mínimo d'acção. No seu desprendimento e

desapêgo das coisas êles viviam melhor a vida do que todos os outros que a desbaratavam julgando erradamente viver. Era pois a vida simples sem ambições nem cobiças; o desprendimento de vaidades, de frivolidades, de prazeres loucos; era o desapêgo de grandezas e magnificências; a vida moral segundo a lei do Evangelho; era a renúncia aos predomínios e riquezas: aos predomínios que redundam sempre em opressão quando não são d'ordem moral; ás riquezas que não passam d'apropriação privada daquilo que pertence a todos, como Deus é de todos e a sua casa está aberta a todos; era isso o que dava a felicidade o que unia os homens na comunhão do amor, da fraternidade e da paz. E era tão simples, e custava tão pouco isso!

Luciano deixou a câmara e penetrou no oratório, santuário de práticas e de meditação. Encerrava uma estala rude em frente dum genuflexório com a Vírgem sob um minúsculo e gracioso baldaquino. E aquêle recinto sagrado por cinco séculos de orações, de expiação e de penitência fêl-o estremecer. O ambiente estava saturado de santidade, tudo fôra impregnado de eflúvios piedosos. Os corações haviam ali trasbordado as suas ardentes efusões de amor. Lágrimas tinham regado o solo que não era ali pizado com desprezo, mas beijado com humildade. E penetrado d'aquela piedade, daquela ternura dos séculos que invadira tudo, pensou então porque é que aquêle foco não havia de irradiar, comunicar-se em ondas, abraçar o mundo, chegar a todos os corações? Porque é

que o Deserto não havia de actuar lá fóra pelo exemplo das suas virtudes ? O que fazia da vida um desacordo e um equívoco era o egoismo exclusivista a que se subordinava tudo e o conflito de interêsses em que deflagravam paixões. Rastejava se na ânsia do oiro da terra ; não se sabia erguer os olhos para os tesouros do céu. Não se sabia pensar. Não se sabia sonhar. O homem não tinha vida espiritual; não sabia elevar se nem crear visões ; não sabia orar nem conceber Deus. O homem não sabia, numa palavra, — amar.

E amarguradamente, com o coração a sangrar de dôr, pensou como a vida seria outra se fôsse norteada por normas de bondade, de piedade e de justiça ; se houvesse menos preocupações egoistas e o espírito soubesse erguer se mais. Como se vivia pouco e, sobretudo, como se vivia mal ! E quantos clamavam, quantos lutavam por uma vida melhor, não só para haver mais pão mas, principalmente, para se poder amar melhor ! Quantos que, se ansiavam revoluções e sofriam por elas não era senão para que milhões d'homens fôssem arrancados à treva, para que a lepra do vício fôsse banida das almas e para que de um melhor entendimento viesse a paz e dentro dela, ao abrigo dela, os espíritos podessem livremente erguer-se e os corações podessem livremente amar se. E era o amor que êle via como lei da vida ; o amor que êle não pudéra ter, que ninguêm podia ter emquanto as paixões loucas que turvam e desorientam não descessem à base da vida em sedimentações de equilíbrio,

de repouso e de calma ; emquanto a lei de Cristo que préga a união e a fraternidade dos homens não fizesse abdicar lá fóra os orgulhos, as ambições, os egoismos e as vaidades, como tinham abdicado ali dentro, sob a severa disciplina da humildade, do desprendimento e da renúncia. E esta renúncia tomava aspectos de beleza heroica na castidade rígida dêsses monges, que era dalguma sorte o protesto cavalheiresco e nobre contra o desregramento do amor., o seu aviltamento e degradação. Eles eram os verdadeiros crucificados do amôr, aquêles que com austero afinco não transigiam, não queriam comungar na vida nem sacrificar á concupiscência vil, emquanto não fôsse possível fazer do amor a lei da vida, emquanto uma nova moral não reabilitasse a pureza manchada do sentimento, do pudor e da dignidade.

Mas o tempo corria. Desceu melancòlicamente e saiu. Das janelas envidraçadas do claustro descortinava se todo o prado interior, em talhões de horta, e o cemitério num ângulo, cercado de uma sebe de buxo, com um cruzeiro de pedra ao centro. Luciano atravessou o prado e penetrou no recinto dos mortos. As sepulturas, cujas tumescências o tempo fizera desaparecer aplainando tudo, eram indicadas por tôscas cruzes de pau sem inscrição alguma. As hervas tinham invadido as covas e os mortos dormiam tranquilamente sob êste fôfo pano verde que os envolvia a todos egualitàriamente. Nenhum coval revelava demonstrações especiais de piedade. Nem flôres, nem

plantas decorativas. Os monges repousavam, tão singelamente, tão humildemente nas suas covas como em vida nas suas celas.

Era duma severidade rígida êste cemitério. Visitára-o já com o Dom Prior e não queria deixar o mosteiro sem dizer adeus aos que ali dormiam tão invisiveis na morte como o tinham sido em vida. Gozavam êles a eterna paz ? Teriam achado lá em cima a recompensa dos seus sacrifícios ? Que martírios discretos, que heroismos obscuros se ocultavam na meia dúzia de metros quadrados daquela terra, tão ignorados que dêles não ficára rasto nos vivos, nem na morte se consentia memória perdurável ! E eram simpáticos êsses monges no dócil acolhimento que faziam á morte, dando-se lhe confiadamente, cedendo-lhe tão resignadamente, sem desespêros nem saudade. Até na morte e na dignidade com que êles a acolhiam os davam lições aos monges.

Via-se bem, olhando-se essa terra brava não mondada, quanto o corpo lhes desmerecia e quão pouco interêsse êles tinham pelos seus despojos. O culto idolátrico da matéria não tinha ali adeptos. O corpo recebia o seu destino condigno, dava-se à terra, integrava-se na terra. Tudo isto se fazia, porêm, com um respeito piedoso e as ternas lágrimas dos monges eram na sua sinceridade mais comovente manifestação do que todas as ostentações convencionais e a dôr postiça lá de fóra. Não tendo querido, por um justificado escrúpulo, trazer-lhes flôres, Luciano colhia na sebe de buxo pequenos ramos verdes que deixava cair nas

campas. E nêste gesto calmo e desaparatoso ia a sua melhor lembrança para aquêles heróis do sacrifício e da expiação, heróis sem nome, soldados desconhecidos da mais elevada e santa das lutas que era aquela que a ninguêm maltratava, que a ninguêm tirava a vida e antes se comprazia na punição e na mortificação de si próprio.

Saiu do cemitério. Passava das dez e meia. Dentro de uma hora estaria já em marcha. Atravessou o claustro, cortou à horta e achou se na quinta. As árvores transcendiam na serenidade da luz, como almas religiosas. O azul muito fino reflectia na paiságem a sua macieza de veludo. O ar afagava como mãos de seda e todo o horizonte para o norte e ocidente recuava alargando o plaino e dando maior relêvo aos montes decorativos do fundo.

Era com tristeza que olhava pela derradaira vez os lugares amigos onde passára as mais belas horas da sua vída e onde o seu espírito voára mais alto, sem inquietações nem ânsias. No fundo da álea desceu para a fonte da Virgem. Aí o seu coração fundiu-se. Os olhos humedeceram-se deante da gentil imágem que era naquêle deserto de reparação e de sofrimento a grande Consoladora que fazia palpitar os corações abstémios do amor do sexo. E que fonte de emoções não era para os monges êsse nobre e puro afecto! Eles davam-se ali na totalidade dos seus corações, erguidos para a Virgem que lhes desenregelava na algidez das celas as suas almas privadas de carinhos da mulher. E olhando a estátua da Fonte, Luciano pensava quanto fluido ardente não trespassára aquela

argila na adoração com que era envolvida pelos monges que ali vinham rezar-lhe, falar com ela, depôr-lhe aos pés a graciosa oferenda das suas flôres e das suas almas.

Apressou-se. Percorreu ainda uma rua de mirtos e abalou para a hospedaria. Inquietamente ia pensando se êle não se enganaria sôbre o seu estado de espírito e se o claustro o não teria desadaptado do mundo, dessolidarizando-o de tudo o que lá deixára. Não estava já sentindo a relutância de sair e não era contrariado e com um vago sobressalto inquietador que encarava a partida ? Súbito, abrazou-se na fosforescência rápida duma idéa: ficar ali. Ir prostar-se aos pés do Dom Prior e suplicar-lhe que o deixasse ali ficar. Seria moço na horta, trabalharia nos serviços rústicos da quinta, lavraria as terras, pastorearia o gado. Contanto que ficasse, que ficasse ali para sempre naquela dôce e carinhosa paz.

Depois sorriu-se.

— Que loucura! Nem possúo a vocação nem teria valor para uma tal renúncia...

Na hospedaria mal tocou no repasto que o donato lhe trouxe. Ao levantar-se da mesa assaltou-o um embaraço. Queria d'alguma maneira significar àquêle bom homem que o servia tão dedicadamente quando lhe ficava grato pela sua solicitude; e com o critério trivial lá de fóra veio lhe à ideia gratificál-o. Constrangia o porêm oferecer-lhe dinheiro, à maneira de gorgeta a um creado de hotel. Mas o donato, era um simples servo do convento, sem votos que o ligassem à clausura e podia não ter, como os monges,

o mesmo desapêgo ao vil metal. E discretamente quiz meter-lhe na mão um rôlo de placas de cinco pesetas. O donato furtou-se num esquivo gesto de pudicícia ofendida. Não só lhe era interdito pelo Dom Prior aceitar o que quer que fôsse, como não lh'o permitiam também os seus próprios sentimentos. Queria apenas a estima dêle. Luciano abraçou-o e pediu-lhe perdão. Depois foi para o seu quarto preparar-se e aguardar que Dom Eduardo viesse como lhe mandára dizer.

A câmara, humilde e branca, muito limpa e confortável pelos cuidados do irmão Joaquim, nunca lhe parecêra tão bela e acolhedora. O leito alvíssimo respirava castidade e a estatueta da Virgem rodeada de flôres enternecia-o com a sua candura. Só de viver ali o mais pecador se tornava em santo.

Começou então a arrumar a mala. Arrecadou os seús livros, as suas notas de arte. Despojou as jarras que ladeavam a Virgem e acomodou carinhosamente as flôres; era alguma coisa que levava dela. Depois foi distrair se para a janela. Ao largo passava a interminável procissão de choupos e Cortes com os seus palheiros côr de cinza amodorrava no torpor do sol que aquecia já. A melancolia desta paisagem tão desolada e vaga, indefinida e sem contornos, tornava-lhe ainda mais triste a saudade com que dali abalava. Essa dureza que tinham as coisas à roda do mosteiro era como que o reflexo de tudo o que se estendia para lá do êrmo. Olhava-se para aquilo e dava vontade de ficar e não sair, com a vaga hesitação de quem receia aventurar-se a um revolto e encapelado mar.

Que saudades lhe ficavam dessa nobre terra burgalesa sagrada por lutas épicas em prol da Fé! Quantos heroismo fulguravam em clarões de lenda na epopeia imortal dos seus condes batalhadores! E numa alucinante evocação de sonho o Passado reviveu, a história reanimou-se. Burgos despertou, povoou-se de cavaleiros, do homens d'armas, foi de novo *Caput Castellae*, e os choupos de bronze lá adiante destroçaram, saíram das filas em cavalgadas loucas como corceis escabriados. E nêsse galope desvairado, êle reconhecia o tropel dos árabes em algaras e sortidas arremetendo de súbito, investindo de salto e pondo em pânico os tímidos reinos nascentes da Reconquista cristã. E dessas ameaças bruscas, dêsses assaltos imprevistos, é que surgia Burgos belicosa e barulhenta, praça de guerra fronteiriça que Diego Porcelos povoára quando Afonso III reinava em Leão. Era ás portas da cidade condal que vinha sempre quebrar-se a assoladora onda musulmana impelida das cálidas terras africanas. Os ímpetos vinham às vezes com tal violência que os baluartes cediam ao fluxo indomável do inimigo. Fôra um dêstes assaltos em Valdejunquera que Ordoño II enraivecido pela vitória dos infieis, mandára degolar quatro condes castelhanos que não tinham acudido em seu auxílio, crime hediondo e bárbaro que fermentou em revolta e libertou Castela da suzerania leonesa. Então os juizes tinham vindo e governado como outrora os juizes bíblicos em Israel. Depois Fernán González, o grande herói nacional e a figura mais popular da história de Burgos e de Castela, surgia soberanamente no con-

dado com todo o prestígo da sua nobreza, da sua ga-ihardia e da sua bravura e enobrecida por suas imortais façanhas Burgos recebera o sceptro da capitalidade castelhana e erguera entre as cividades rivais a sua orgulhosa fronte coroada — *Caput Castellae*. Mas era êsse prodigioso e lendário Fernán González, o fundador do reino e o campeão da independência, descendente como se queria de Diego Porcelos, que personificava toda a alma histórica e tradicional da gloriosa cidade dos condes, essa calma e religiosa Burgos que hoje rezava á sombra dos conventos e que fôra na Idade-média o fulcro político e militar da Reconquista e o impávido baluarte erguido em desafio a um império inteiro.

* * *

Passos pesados anunciaram-se do outro lado da câmara, no salão da chaminé. Luciano despertou e reconhecendo o andar do Dom Prior saíu-lhe ao encontro.

— Adivinho-vos no rôsto que nos deixais com mágua disse Dom Eduardo com gravidade melancólica. E' lisongeiro para nós.

— E' certo, venerável Padre. Parto com funda saudade dêste claustro e levo no coração o maior reconhecimento por toda as vossas caras solicitudes. Fica-me aqui um pouco da minha vida — o melhor que vivi e que viverei talvez. Jàmais poderei esquecer Santa Maria de Miraflôres, e os seus monges

modelos de virtude, de santidade e de heroismo. Não, não mais esquecerei isto!

— Possa essa lembrança persistir e concorrer para a salvação da vossa alma. Possa ela acompanhar-vos toda a vida e fazer-vos pensar em Deus e nas suas obras que são as únicas verdadeiramente belas, as únicas estáveis nêste mundo, onde o homem pervertido pelo pecado de origem tem um geito especial para desmerecer e apoucar tudo o que é belo, elevado e nobre.

— Esta admirável Ordem das Cartuxas encantou-me.

— Pensai que se ela dura há mais de oito séculos resistindo sempre aos múltiplos choques dos acontecimentos terrestres que teriam feito sossobrar uma instituição menos sòlidamente estabelecida, e que se ela sobrevive ás convulções políticas e sociais que tantos tronos derrocaram e tantas coisas que pareciam eternas destruiram, é porque os Cartuxos apaixonados pela beleza de Deus, cativos da sua bondade e do seu amor, se uniram a Deus que não muda nunca e os torna d'alguma sorte participantes da sua imutabilidade, dêle recebendo também a força contra a qual se despedaçam as potências do mal. Lembrai-vos sempre que Deus é o supremo Senhor, haja ou não quem o negue ou contrarie, e que o que Ele quer que se realize realizar-se-á apesar da oposição de todos os seus inimigos e não obstante a tolice, a fraqueza e a cobardia dos que são seus amigos ou que se supõem sel-o.

O donato entrou e pegou na mala. Desceram e

seguiram para a portaria. No caminho juntou-se-lhes Dom Euzébio, o padre procurador.

— Haveis-me dito que ides dedicar-vos à arte.

— Sim, venerável padre.

— Tende cuidado em procurar sempre as idéas que prevalecem *pro tempore*. São as idéas que inspiram a arte e delas depende o seu carácter Todas as idéas bôas, belas, elevadas, nobres e sãs veem de Deus e só dêle podem vir, pois que só Ele é a origem de tudo o que há de belo e de verdadeiro na creação. Fóra de Deus o homem degrada-se, envilece-se e as obras que produzir hão de ser, por consequência, obras más, obras ignóbeis, cuja inferioridade não pode escapar aos que julgam segundo um juizo são.

— Desadoro a arte pela arte. Quero-a sempre aliada a uma idéa bôa e justa.

— Não vos limiteis então a admirar e retratar a obra de Deus; tornai-vos também seu colaborador, ajudai-o na grande obra que tem primazia sôbre todas as ontras e que consiste em elevar e enobrecer a dignidade, que o mesmo é trabalhar pela felicidade do género humano, aproximando-o de Deus seu prototipo. Diz-nos a fé que Ele fez o homem à sua imagem e semelhança divina, e esta semelhança divina perde-se desde que o homem se afasta dêle. São os filhos da Igreja de Deus, aquêles que a amam verdadeira e pràticamente e que mais se lhe submetem crendo no que ela ensina e obrando como ela manda; são êsses que trabalham mais eficazmente para a obra de Deus, os melhores factores do verdadeiro

progresso e da felicidade real da raça hnmana. Tende-lo sempre bem presente.

— Não o esquecerei jàmais, venerável padre.

Tinham chegado à portaria. Um homem de trabalho descia já com a mala por uma vereda. Então Luciano, muito comovido, fez as suas últimas despedidas, beijando respeitosamente as mãos que lhe estendiam os seus dois veneráveis amigos.

— Que Deus vos proteja, vos guie e vos ilumine deixaram cair, como uma bênção, os lábios do Padre Prior.

Luciano começou a descer as encostas. Tinha a garganta estrangulada. Numa curva de atalho voltou-se e acenou um derradeiro adeus. Os dois monges, muito brancos e direitos, perfilavam-se deante da portaria como dois anjos à entrada do Paraíso. Das vertentes da serra toda a planície se dava agora aos olhos ávidos de Luciano. Em baixo serpenteavam as ribeiras secas do Arlanzón. As alamedas passavam à raiz da colina santa em direcção a Burgos, como uma hoste cerrada. A Cartuxa reduzia-se, deformava-se, perdia-se de vista nos cimos verdes do plató. Sómente a igreja sabresaía e pairava no ar entre as filas dos seus pináculos rígidos, como uma eça entre brandões. Ao cruzar o arco da cêrca velha, Luciano estremeceu. Ultrapassava os antigos limites do Deserto: começava ali o mundo. Procurou ainda o convento nos cumes das montanha santa; mal o enxergou através das árvores altas. Depois internou-se nas alamedas e submergiu-se na sombra.

6

PQ
9261
R52D4
19--

Ribeiro, Manuel
O deserto. 2. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 02 009 5